

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS

Camões e José Índio, de Ferdinand Denis:
Tradução e Apresentação Crítica

RAFAEL SOUZA BARBOSA

Porto Alegre, Agosto de 2013

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS

Camões e José Índio, de Ferdinand Denis:
Tradução e Apresentação Crítica

Rafael Souza Barbosa

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Instituto de Letras
como requisito parcial para a
obtenção do grau de Licenciatura
Plena em Letras pela Universidade
Federal do Rio Grande do Sul –
UFRGS.

Orientadora:

Prof^a Dr^a Regina Zilberman

Porto Alegre, agosto de 2013

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS

Camões e José Índio, de Ferdinand Denis:
Tradução e Apresentação Crítica

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Instituto de Letras
como requisito parcial para a
obtenção do grau de Licenciatura
Plena em Letras pela Universidade
Federal do Rio Grande do Sul –
UFRGS.

Orientadora:

Profª Drª Regina Zilberman

Aprovado em: _____ de _____ de _____.

BANCA EXAMINADORA:

Profª Drª Beatriz Cerisara Gil – UFRGS

Profª Drª Rita Lenira de Freitas Bittencourt – UFRGS

Profª Drª Regina Zilberman – UFRGS

AGRADECIMENTOS

Às professoras Patrícia Augusto Carra e Maria Izabel da Silveira, que me permitiram enveredar pela história e pela literatura.

Às professoras Elisabete Carvalho Peiruque e Maria Regina Barcelos Bettiol e ao professor Atilio Bergamini Junior, que me incentivaram e estimularam intelectualmente de inúmeras maneiras.

À professora Cleonice Berardinelli, que gentilmente me recebeu em seu apartamento no Rio de Janeiro e respondeu a todas as minhas perguntas.

À Ilka Souza Lima de Azevedo, que me garantiu o acesso à biblioteca pessoal do professor Leodegário de Azevedo Filho, e à professora Marina Machado Rodrigues, que, nesta ocasião, conversou comigo sobre o legado camoniano.

À Fundação Biblioteca Nacional e ao Real Gabinete Português de Leitura, cujos funcionários me atenderam eficientemente.

À Biblioteca Central da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em especial à equipe do Departamento de Obras Raras, Eugenio Carlos Hansen e Ana Lúcia de Macedo Rüdiger.

Aos professores Daniel-Henri Pageaux e Francisco Alberto Torres Moreira e às professoras Ana Beatriz Demarchi Barel e Sheila Moura Hue, que cordialmente responderam aos meus emails e me enviaram alguns de seus trabalhos.

Aos colegas e amigos do Grupo de Estudos de Walter Benjamin, em especial à professora Claudia Luiza Caimi, com quem compartilho momentos ímpares de reflexão.

Aos companheiros do Grupo Vazio, em especial a Luciano Bedin da Costa e a Carlos Antonio Cardoso Filho.

Aos amigos Gabriel Villamil Martins e Monica Chagas da Costa, com quem divido diversas inquietações acadêmicas e com quem debato inúmeras questões literárias.

Às professoras Beatriz Cerisara Gil e Rita Lenira de Freitas Bittencourt, que generosamente aceitaram compor a banca avaliadora.

À Anna Carmelita Souza Barbosa, minha mãe, e a Jair Silva Barbosa, meu pai, as pessoas mais importantes na minha vida, que não só me

colocaram no mundo, mas também me permitiram que me tornasse quem sou hoje.

Finalmente, à professora Regina Zilberman, que me aceitou como orientando quando tinha muito pouco a oferecer e que, sendo uma orientadora cuidadosa e competente, tem me proporcionado experiências únicas de amadurecimento acadêmico e intelectual.

RESUMO

Este trabalho se propôs a traduzir e a comentar *Camões et Jozé Índio* (1824), de Ferdinand Denis. Trata-se de uma intrincada biografia ficcional do poeta português em que história e literatura se entrecruzam. Procedeu-se, inicialmente, à preparação do original em francês e à sua tradução para o português. A seguir, fixaram-se as suas referências e criaram-se notas que contextualizassem o leitor no universo da narrativa e do seu autor. Ao cabo, produziu-se uma apresentação que desse conta da historicidade de *Camões e José Índio* e do interesse que ainda pode suscitar. Espera-se, assim, ter contribuído para uma reavaliação da obra e do legado do seu autor na história das literaturas de língua portuguesa

Palavras-chave: história da literatura; Camões; Ferdinand Denis; recepção literária; estudos de tradução.

RESUMÉ

Cette étude porte sur *Camoëns et Jozé Índio* (1824), une biographie fictionnelle de Ferdinand Denis à propos du poète portugais, et on en propose une traduction critique. Après avoir traité le document-source en vue de le traduire, on s'est attaché à préciser l'arrière-plan de l'oeuvre et de l'auteur de sorte que l'on a élargi les notes de bas de page et on en a incorporé d'autres. On a finalement produit une introduction en se tenant à l'historicité et à la valeur de *Camoëns et Jozé Índio*. Ces procédés ont permis d'appréhender les éléments essentiels du récit à l'égard de l'histoire et de la littérature et de le rendre disponible en portugais. En outre, ce travail offre l'occasion d'évaluer mieux l'héritage de cet ouvrage et de son auteur dans le cadre de l'histoire des littératures lusophones.

Mots-clés : histoire de la littérature ; Camões ; Ferdinand Denis ; réception littéraire ; études de traduction

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Foto de Ferdinand Denis	11
Figura 2 – Autógrafo do autor em <i>Scènes de la Nature sous les Tropiques</i> ...	17
Figura 3 – Frontispício de <i>Scènes de la Nature sous les Tropiques</i>	20
Figura 4 – Lombada e capa de <i>Scènes de la Nature sous les Tropiques</i>	21
Figura 5 – Ilustração do original, sem autor	43
Figura 6 – Folha de rosto de <i>Camões e José Índio</i>	46

SUMÁRIO

Introdução	9
Ferdinand Denis e as Literaturas de Língua Portuguesa	12
<i>Camões e José Índio em Cenas da Natureza sob os Trópicos</i>	18
A Composição de <i>Camões e José Índio</i>	31
Considerações Finais	41
A Tradução de <i>Camões e José Índio</i>	40
<i>Camões e José Índio</i>	48
<i>Camões</i>	100
Apêndice de textos	107
Referências	142

INTRODUÇÃO

Camöens et Jozé Índio, de Ferdinand Denis, foi publicado pela primeira vez em 1824 e não foi reeditado. Apesar da sua proximidade com as literaturas de língua portuguesa, nunca foi traduzido. Embora seja uma biografia ficcional de Camões, dificilmente é mencionado em qualquer estudo a respeito do poeta. Em suma, trata-se de uma narrativa que, se não foi completamente esquecida, não é suficientemente lembrada.

Parte do projeto de pesquisa “Ferdinand Denis: Historiador da Literatura, Leitor de Camões”, este trabalho se propõe a traduzir *Camões e José Índio* para o português, tornando-o acessível a um público mais amplo. Tendo em vista as distâncias espacial e temporal em questão, decidiu-se não só contextualizar a narrativa através de notas e de comentários, mas também elaborar uma apresentação que situasse o leitor no universo da narrativa e do seu autor. O trabalho se divide, assim, em duas partes: na primeira, aborda-se o autor e a obra; na segunda, insere-se a tradução e seus anexos. Ao cabo das duas partes, espera-se ter explorado o interesse que *Camões e José Índio* ainda pode suscitar e ter exposto a sua relevância para a história da literatura portuguesa.

O primeiro capítulo apresenta o autor, Ferdinand Denis. Procurou-se enfocar aspectos da sua vida e obra que colaborassem com a apreensão da sua historicidade. Tentou-se também demonstrar que a extensão total da sua contribuição às literaturas de língua portuguesa ainda está por ser investigada.

O segundo capítulo trata do contexto de publicação de *Camões e José Índio*. Abordaram-se, primeiramente, particularidades tanto materiais quanto literárias da obra *Scènes de la Nature sous les Tropiques*, junto da qual foi publicado. A seguir, discutiram-se as relações estabelecidas entre duas narrativas que dela fazem parte e a biografia ficcional de Camões.

O terceiro capítulo comenta as fontes primárias de *Camões e José Índio* e a maneira como se inscrevem na narrativa. Procedeu-se a uma exposição das obras em que Ferdinand Denis se amparou, atentando para a sua historicidade. Concomitantemente, exploraram-se as apropriações realizadas

pelo autor, como elas se fazem presentes na história e quais procedimentos literários engendram.

O quarto capítulo contém as considerações finais acerca da apresentação.

O quinto capítulo comenta o processo tradutório. Foram listados os procedimentos adotados desde o tratamento do original até a revisão final da versão em português. Procurou-se indicar também os princípios teóricos que nortearam a tradução, bem como escolhas deles decorrentes.

O sexto capítulo contém a tradução propriamente dita. Manteve-se a disposição textual do original, traduzindo-se também a advertência e um anexo. Ao cabo, inseriu-se um apêndice dos poemas camonianos citados ou referidos ao longo de *Camões e José Índio*.

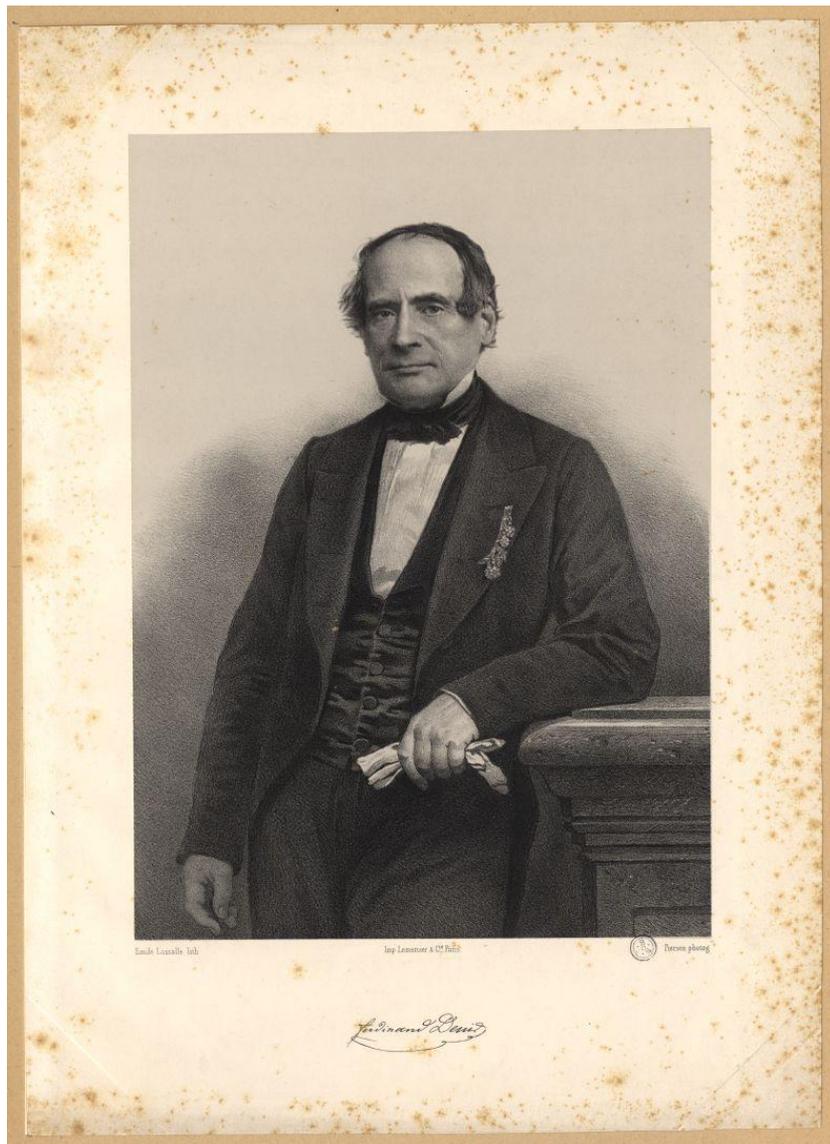


Figura 1: Foto de Ferdinand Denis.
Fonte: Biblioteca Nacional de Portugal.

FERDINAND DENIS E AS LITERATURAS DE LÍNGUA PORTUGUESA

Para falar apenas do século XIX, muitos nomes nos vêm à memória. Tradutores como Charles Magnin ou Ortaire Fournier fizeram muito para difundir em França Camões e Garrett. O seu mérito limitou-se a isso. Ferdinand Denis mal se destaca deste grupo, como tradutor que possuía vastos conhecimentos sobre Portugal e ainda mais sobre o Brasil. E no entanto reconhecamos que o esforço feito por Ferdinand Denis para dar a conhecer a civilização lusitana é digno de respeito (...). Todavia, que lugar ocupa Ferdinand Denis na epopeia romântica francesa e europeia em geral? Seguramente um lugar obscuro e secundário.

Daniel-Henri Pageaux

Jean-Ferdinand Denis nasceu em Paris em 13 de agosto de 1798, alguns meses antes do 18 Brumário¹, e foi o segundo filho de uma família empobrecida pela Revolução Francesa (BOURDON, 1958, p.145). Em 1801, seu pai, Joseph-André Denis, deixou o cargo de tradutor juramentado do Conseil de Prises Maritimes e foi integrado à divisão dos consulados do Ministério das Relações Exteriores, onde passou a ser protegido por Talleyrand². No mesmo ano, o ministro concedeu uma bolsa parcial a Alphonse, irmão mais velho de Denis, para ele frequentar o Lycée de Versailles. Posteriormente, ele foi admitido na École Spéciale Militaire de Saint-Cyr, onde obteve o grau de subtenente (alferes) às vésperas da campanha que culminaria com a abdicação de Napoleão.

Ferdinand cursou o primário em uma outra instituição privada, sem qualquer tipo de subvenção. Em 1810, Joseph-André tentou inscrevê-lo na École de Jeunes de Langues³, pois ambicionava para ele uma carreira consular

¹ Golpe de Estado dado em 10 de novembro de 1799 para pôr fim à revolução. Ele suprimiu o diretório, governo autoritário controlado pela alta burguesia e fundamentado numa aliança com o exército, e instaurou o Consulado, governo centralizado em três cônsules, entre os quais Napoleão Bonaparte.

² Charles-Maurice de Talleyrand-Périgord (1754-1838), homem de Estado francês, ocupou sucessivos cargos políticos ao longo da sua vida. Em 1801, ele era ministro das relações exteriores.

³ Futuro Institut National des Langues et Civilisations Orientales.

no Oriente, mas não obteve sucesso. Em 1813, foi feito um outro pedido de inscrição, também rejeitado, pois nascera Francisca, sua irmã mais nova, agravando ainda mais a situação financeira da família⁴. Com a dissolução do império napoleônico, Joseph-André foi removido do seu cargo junto ao Ministério. Alphonse, tendo sido condecorado pela Batalha de Montereau, passou à categoria dos *demi-soldé*⁵ e tentou se inserir na vida civil como escritor de melodramas e de vaudevilles⁶. A família Denis encontrava-se em franca decadência econômica, e coube a Ferdinand a tentativa mais dramática de reverter essa situação.

De posse, de uma carta de recomendação feita por Francisco Manuel do Nascimento⁷ (LE GENTIL, 1926, p. 297), Ferdinand Denis partiu para o Brasil em 1816, com Henri Plasson, a fim de se dirigir, posteriormente, às Índias orientais (BOURDON, 1958, p. 153). Adolphe Dubois, amigo da família Denis, encontrava-se no Oriente e se colocara à disposição de Ferdinand para arranjar-lhe um posto em Bengala. Com a transferência da família real, ele esperava encontrar no Brasil um navio para Goa (DÓRIA, 1912, p. 221) e decidiu acompanhar Plasson, que fora nomeado agente consular da França na Bahia. Assim, deixou Paris e aportou no Rio de Janeiro em 1817. Poucos meses depois, não tendo encontrado qualquer navio para o Oriente, mudou-se para a Bahia, onde permaneceu por cerca de dois anos. Durante essa estada, realizou pequenos trabalhos para garantir a subsistência, principalmente para o consulado, e logo se tornou frequentador assíduo da Biblioteca Municipal de Salvador. Ele conheceu Hippolyte Taunay, que fora trazido ao Brasil anos antes pela Missão Artística Francesa, com quem compartilharia a autoria de algumas obras nos anos subsequentes. Conforme Le Gentil (1926, p. 302), o papel exercido por Taunay, “companheiro ambicionado que surge como um

⁴ A preocupação com o dote da irmã é mencionada na correspondência mantida por Ferdinand Denis enquanto esteve no Brasil e recorrentemente evocada por aqueles que se debruçam sobre a vida do autor.

⁵ Em 1815, diversos regimentos do exército napoleônico foram desfeitos, e seus oficiais ou foram exilados, ou passaram a ganhar o *demi-soldé*. Nas palavras de Le Gentil (1926, p.195), Alphonse “vira-se condenado, no tempo da Restauração, à existência agitada e desmoralizadora do meio soldo”.

⁶ Alphonse se torna prefeito de Hyères, ocupando o cargo de 1830 a 1848, e deputado da Assembleia Nacional, de 1837 a 1846. Conforme Le Gentil (1926, p. 195), só “em 1823 que o [teatro do] Odéon vem a aceitar uma das suas peças”.

⁷ Filinto Elísio, da Arcádia Lusitana, então exilado em Paris.

deus ex machina”, parece ter sido preponderante durante a estada de Denis. Em junho de 1819, logo após a partida desse amigo, ele empreendeu uma excursão ao Vale do Jequitinhonha, pois julgava poder enriquecer na região das Minas Novas (LE GENTIL, 1926, p. 302). Contudo, não obteve sucesso e, em setembro do mesmo ano, iniciou a viagem de retorno à França⁸.

Ao retornar a Paris, Denis iniciou um período de intensa atuação e produção bibliográfica. Em 1821, traduziu para o francês a carta de Pero Vaz de Caminha (1450-1500) sobre o descobrimento do Brasil (CAMINHA, 1821) e os capítulos sobre as capitanias do Pará, do Solimões (CASAL, 1821a) e do Mato Grosso (CASAL, 1821b) da obra *Corografia Brasílica* (1817), de Aires Casal (1754-1821), e publicou-os em dois periódicos⁹. No ano seguinte, publicou, em coautoria com Taunay¹⁰, *Le Brésil* (6 v.) na coleção *Moeurs et Usages, Arts et Métiers de Tous les Peuples*, da editora Nepveu, de Paris. No frontispício da primeira edição, os autores são apresentados, respectivamente, como membro do Athenée des Sciences, Lettres et Arts de Paris e correspondente do Museu de História Natural de Paris. Em 1823, publicou *Buenos-Ayres et le Paraguay* (2 v.) e *La Guyane* (2 v.) nessa mesma coleção. Em 1824, publicou, também em co-autoria com Taunay, *Notice Historique et Explicative du Panorama du Rio de Janeiro*. Conforme Cordier (1890, p. 7), os panoramas estavam em voga na Europa, e ambos foram encarregados de comentar essa pintura, realizada a partir de desenhos feitos por Felix-Émile Taunay (1795-1881). Nesse mesmo ano, também publicou *Scènes de la Nature sous les Tropiques et de leur Influence sur la Poésie, suivies de Camöens et Jozé Indio*, que, segundo Le Gentil (1926, p. 304), “resume todos

⁸ Le Gentil (1926) constrói uma narrativa da estada de Denis no Brasil a partir da correspondência e do diário íntimo que ele manteve nesse período, disponíveis apenas no seu acervo. Alguns anos depois, Leon Bourdon (1958) transcreveu-os e os reuniu em um único volume, acompanhados de uma minuciosa introdução crítica.

⁹ Na nota que antecede a tradução do t. IX, os editores escrevem: “devemos a tradução dessa passagem, duplamente interessante em um momento em que o governo do Pará é o teatro de uma revolução, a Ferdinand Denis, ele próprio tendo morado alguns anos no Brasil” (CASAL, 1821a, p. 209, tradução nossa). A tradução do t. XI não possui atribuição de autoria.

¹⁰ “O confronto do texto de 1822 com a correspondência de Ferdinand Denis e com o seu diário íntimo, autoriza-nos a afirmar que a maior parte da redação, senão a totalidade, deve ser atribuída a este. Viu certamente com os seus próprios olhos as províncias da Bahia, de Pernambuco e do Rio. Quanto ao resto, devia ter-se documentado nas narrações de viagens. É o mesmo método, possivelmente, que emprega quando trata da Guiana.” (LE GENTIL, 1926, 304)

os ensaios anteriores e anuncia todos os trabalhos futuros”, conquistando uma crítica incisiva de Sainte-Beuve (1987, p. 153-157) no jornal *Le Globe*. As *Scènes e Camões e José Índio* são as primeiras obras de cunho abertamente ficcional escritas por Ferdinand Denis, onde ele explicita princípios da sua poética. Em 1825, publicou o *Résumé de l’Histoire du Brésil et de la Guyane*, reeditado no mesmo ano. Conforme Joaquim Norberto (1890, p. 476), a parte referente ao Brasil foi traduzida e adotada como leitura, por circular do governo, nas escolas primárias do Império. Em 1826, publicou o *Résumé de l’Histoire Littéraire du Portugal, Suivi du Résumé de l’Histoire Littéraire du Brésil*, obra pioneira do gênero que forneceu fundamentos críticos para as histórias da literatura brasileira e portuguesa.

Ferdinand Denis relacionou-se diretamente com diversos intelectuais brasileiros e portugueses. Conviveu com Francisco Manuel do Nascimento parte da sua infância e com Almeida Garrett¹¹ e Alexandre Herculano enquanto estiveram exilados em Paris (VICTOR, 1890, p. 189). Aproximou-se da Academia de Ciências de Lisboa, da qual foi eleito membro em 1855, durante sua estada em Portugal, ao longo de uma demorada excursão pela Península Ibérica, resultante de uma tentativa frustrada de viagem ao Oriente¹² (VICTOR, 1890, p. 189). Recebeu Gonçalves de Magalhães e a sua comitiva em 1836, por ocasião do lançamento da revista *Nitheroy* (BAREL, 2002, p. 65), e manteve uma troca regular de cartas com eles e com outros intelectuais brasileiros, especialmente com D. Pedro II. Ocupou os cargos de bibliotecário (1838-1841), de conservador (1841-1865) e de administrador (1865-1885) da *Bibliothèque Sainte-Geneviève*, onde, conforme Jaime Victor (1890, p. 190), reuniu “a mais rica coleção de livros portugueses que possui Paris, e sem

¹¹ Ao analisar a transubstanciação do cânone crítico de Garrett, Ofélia Paiva Monteiro (1971, t. II, p. 149-150) comenta que se ele, “antes do exílio, conhecia já Chateaubriand, M^{me}. De Staël ou Schlegel, só após (...) cita Bouterweck e Sismondi, conhece Ferdinand Denis, percorre as antologias de poesia popular de Percy ou Scott, admira Herder e Goethe, ou relê com outros olhos Schiller e Schlegel”. De fato, há paralelismos críticos e ficcionais nas obras de Garrett e de Denis, especialmente entre o *Bosquejo da História da Poesia e Língua Portuguesa* (1926) e o *Résumé de l’Histoire Littéraire du Portugal, Suivi du Résumé de l’Histoire Littéraire du Brésil* (1826) e entre *Camões* (1825) e *Camoéns et Jozé Indio* (1824).

¹² Jaime Victor não precisa as circunstâncias ou data dessa viagem. Ele a situa, indiretamente, na primeira metade dos anos trinta, pois comenta que Denis escreveu três obras a partir dela, a saber *Atlas de la Littérature Espagnole et de la Littérature Portugaise* (1835), *Chroniques Chevaleresques de l’Espagne e du Portugal, suivies du Tisserand de Ségovie* (1839) e *Le Génie de la Navigation* (1847).

dúvida a mais completa que existe no estrangeiro”. Após a sua morte, parte¹³ do seu acervo pessoal foi legado a essa biblioteca, que o conserva até hoje. Ao longo de sua vida, ele foi agraciado com os seguintes prêmios: a Ordem de Isabel a Católica pela Espanha; a Ordem de Cristo por Portugal; a Imperial Ordem da Rosa pelo Brasil (CORDIER, 1890, p. 6); e a Legião de Honra pela França (VICTOR, 1890, p. 190).

¹³ Conforme Cordier (1890, p. 20) e Dória (1912, p. 230), parte do acervo pessoal de Denis foi vendido em um leilão no hotel Drouot, sem sequer ser estabelecido um catálogo.

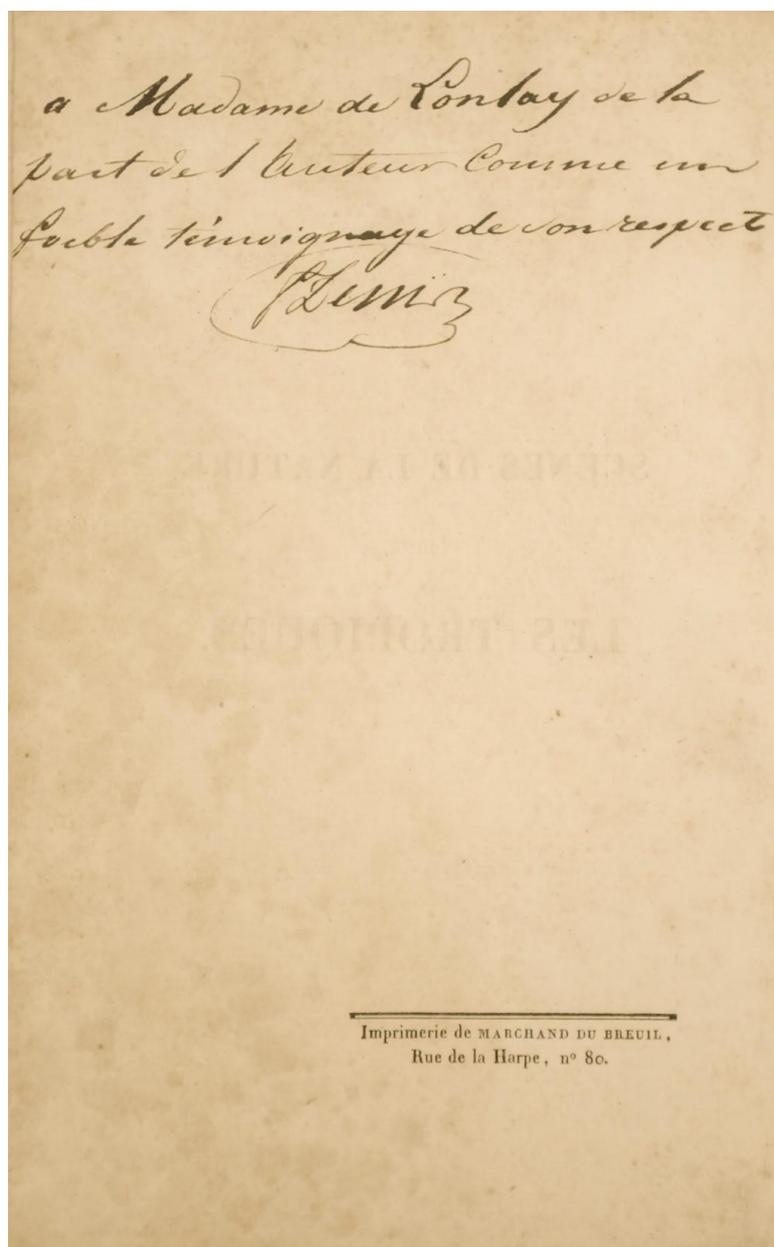


Figura 2: autógrafo do autor em *Scènes de la Nature sous les Tropiques*. Foto de Francielle Caetano.
Fonte: Biblioteca Central da Universidade Federal do Rio Grande do Sul

CAMÕES E JOSÉ ÍNDIO EM CENAS DA NATUREZA SOB OS TRÓPICOS

*Pois que esperava ele de mim agora, de mim que ousei
declarar-me escritor nestas eras de romantismo, século
das fortes sensações, das descrições e traços largos e
incisivos que se entalham n'alma e entram com sangue
no coração?*

Almeida Garrett

Scènes de la Nature sous les Tropiques et de leur Influence sur la Poésie, suivies de Camöens et Jozé Indio [Cenas da Natureza sob os Trópicos e sua Influência sobre a Poesia], obra in-8 com mais de quinhentas páginas (IV-516), foi publicada pela primeira vez em 1824, em Paris, por Louis Janet. A qualidade dessa edição é notável, pois ela foi encadernada em meio-couro, e a sua lombada possui gravações em dourado com nervuras. O seu editor, que fazia encadernações de luxo e em série, publicava regularmente almanaques, anuários e livros de Natal¹⁴. Cerca de cem (409-501) do total de páginas do volume são ocupadas por *Camões e José Índio*¹⁵.

Em 1824, o percurso bibliográfico de Ferdinand Denis compreendia livros, artigos e traduções de cunho histórico, geográfico e etnográfico. Com *Cenas da Natureza sob os Trópicos*, o conhecimento acumulado até então foi posto a serviço de uma poética. Escrita no limiar entre a independência das colônias sul-americanas e a promoção do neocolonialismo¹⁶ e no ápice do orientalismo em Paris¹⁷, ela sustenta a importância de se conhecer as ideias

¹⁴ Livres d'étrennes: livro de grande qualidade, geralmente ilustrado e de capa dura e ornada, que costuma ser vendido imediatamente antes das festas de fim de ano.

¹⁵ Maria Helena Rouanet (1991) comenta que o *Catalogue du Fonds Ferdinand Denis* (1971), elaborado por Cícero Dias, indica a publicação individual de *Camöens et Jozé Indio* em 1823. Não localizamos essa edição nos catálogos do Fonds Ferdinand Denis e da Bibliothèque Nationale de France.

¹⁶ À exceção das Guianas e do Suriname, todas as colônias da América do Sul decretaram a sua independência política entre 1810 e 1825. Em 1830, a França iniciou a conquista da Argélia.

¹⁷ Conforme Edward Said (2007, p. 88), “por um período maior do que a primeira metade do século XIX, Paris foi a capital do mundo orientalista”. A primeira tradução europeia de *As Mil e Uma Noites* (1704-1717), realizada por Antoine Galland (1646-1715), desencadeou um crescente interesse pelo Oriente no *Grand Siècle* francês e na Europa em geral, de modo que foi reeditada inúmeras vezes em francês e vertida para o inglês (1706), o alemão (1712), o italiano (1722), o russo (1763), o neerlandês (1788), entre outros (DAMIEN, 2010). Além disso, a invasão do Egito por Napoleão (1798) teve “de longe a maior consequência para a história

dos homens subjugados pela Europa, em detrimento do que os seus territórios possam produzir. Isso se justifica na medida em que tais ideias poderiam colaborar com o alargamento da literatura europeia, que tirara pouco proveito dessas circunstâncias. Conforme o prefácio, o livro pretende “relacionar a influência da natureza na imaginação dos homens que vivem nos países quentes” e “dar a conhecer aos europeus o partido que eles podem tirar de grandes cenas das quais costumam ter apenas uma ideia imperfeita”¹⁸ (DENIS, 1824, p. III, tradução nossa).

Denis se vale da própria experiência nos trópicos e se ampara em diversas fontes para complementá-la. Nota-se, assim, a presença de textos de diferentes gêneros que colaboram com a urdidura da obra. Há referências, por exemplo, a obras de Bernardin de Saint-Pierre (1737-1814)¹⁹; ao *Espírito das Leis* (1748), de Montesquieu (1689-1755); a artigos do *Nouvelles Annales de Voyages*²⁰; e ao *Corografia Brasileira*, de Aires Casal. Das referências a Humboldt (1769-1859), surge a noção de que a natureza influencia a imaginação. De fato, a epígrafe presente na folha de rosto já antecipa a discussão do primeiro capítulo: “não podemos duvidar que o clima, a composição do solo, a fisionomia dos vegetais e a aparência risonha ou selvagem da natureza influenciem o progresso das artes e o estilo que distingue as suas produções”²¹. Supõe-se que as artes de um determinado local possuam um caráter particular ligado à fisionomia e à atmosfera de onde

moderna do Orientalismo” (SAID, 2007, p. 118), pois toda a experiência moderna do Oriente passou a ser “interpretada a partir do interior do universo de discurso fundado” por ele (SAID, 2007, p. 132). A proximidade e a familiaridade de Ferdinand Denis com o Oriente torna-se evidente em *Cenas da Natureza sob os Trópicos*.

¹⁸ Celui de rappeler l'influence de la nature sur l'imagination des hommes qui vivent dans les pays chauds ; et celui de faire connaître aux Européens le parti qu'ils peuvent tirer des grandes scènes dont ils n'ont souvent qu'une idée imparfaite.

¹⁹ No prefácio a uma edição francesa de *Paul et Virginie* (1838), Saint-Beuve (1838, p. LI, tradução nossa) descreve Denis como um representante “autêntico e muito sensível da inspiração característica de Bernardin de Saint-Pierre”. De fato, o exotismo das suas obras, que gozavam de enorme popularidade no final do século XVIII, também está presente em *Cenas da Natureza sob os Trópicos*.

²⁰ *Nouvelles annales des voyages, de la géographie et de l'histoire : ou Recueil des relations originales inédites, communiquées par des voyageurs français et étrangers* (1819-1865) foi um periódico francês originalmente dirigido por Jean-Baptiste Benoît Eyriès (1767-1846) e Conrad Malte-Brun (1775-1826), com o qual Ferdinand Denis colaborara anos antes.

²¹ On ne saurait douter que le climat, la configuration du sol, la physionomie des végétaux, l'aspect d'une nature riante ou sauvage, n'influent sur le progrès des arts et sur le style qui distingue leurs productions.

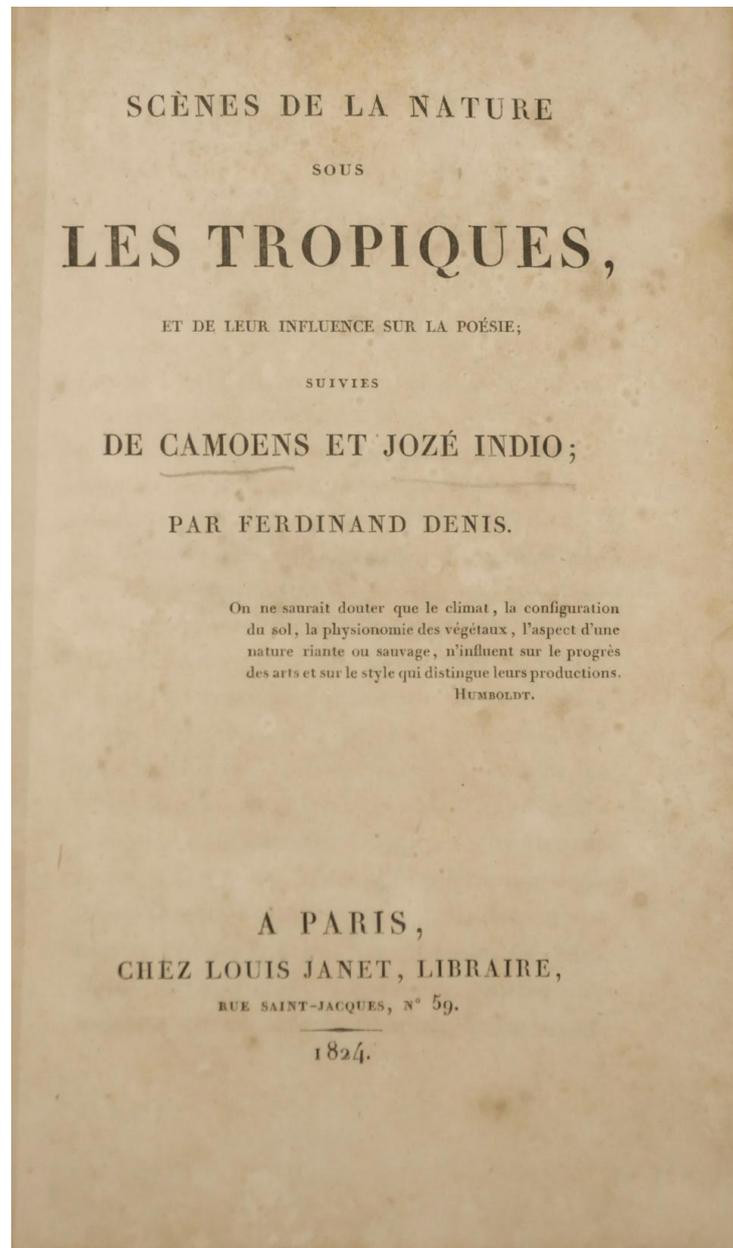


Figura 3: frontispício de *Scènes de la Nature sous les Tropiques*. Foto de Francielle Caetano.
Fonte: Biblioteca Central da Universidade Federal do Rio Grande do Sul



Figura 4: lombada e capa de *Scènes de la Nature sous les Tropiques*. Foto de Francielle Caetano.
Fonte: Biblioteca Central da Universidade Federal do Rio Grande do Sul

são produzidas. Assim, tal influência é mais perceptível nos homens afastados da civilização, pois age sobre eles mais diretamente.

Denis se apropria desses princípios e os aplica de maneira particular²², a fim de fundamentar a sua proposta. Ele afirma que o clima ardente dos trópicos convida seus habitantes ao devaneio e condiciona a produção de uma poesia meditativa. Tal poesia nasce, assim, da necessidade de se ocupar as ideias em um instante de indolência, em que se experimenta o repouso sem dormir. Isso faz com esses povos se dediquem especialmente ao que agrada e fomenta a imaginação. Denis acrescenta que eles falam uma língua repleta de expressões figuradas, que lembram constantemente ideias poéticas em estado bruto. Nessa medida, todos são poetas e “possuem faíscas de uma chama sagrada”²³ (DENIS, 1824, p. 8). Ele comenta que, enquanto na Europa “a felicidade provém da técnica”, nos trópicos ela se origina de “ficções criativas e do charme da música”²⁴ (DENIS, 1824, p. 5). Ademais, nas zonas quentes, a vegetação possui uma fisionomia surpreendente; os animais são cobertos de uma pelagem mais variada; e os pássaros possuem uma plumagem mais brilhante. Em suma, “tudo é mais forte, mais rico, mais belo”²⁵ (DENIS, 1824, p. 2).

Em 43 capítulos, Denis apresenta plantas, animais e povos do Atlântico ao Pacífico, de modo a fazer jus à sua “real fisionomia” (DENIS, 1824, p. 8). Ele reúne um repertório variado de imagens, impressões e considerações acerca de fenômenos inspiradores e procura explorar a poeticidade que oferecem, tendo em vista o leitor europeu. Isso faz com que ele desenvolva uma poética marcadamente descritivista²⁶ e componha cenas com acentuado teor paisagístico. Atesta-se, assim, um caráter estético marcante na abordagem dos

²² Na França, Germaine de Staël (1766-1817) havia empreendido em *Da Literatura* (1800) uma abordagem do fenômeno literário a partir dessa noção de influência, mas transferindo-a da natureza para as instituições sociais.

²³ (...) un feu sacré dont toutes les âmes renferment quelques étincelles.

²⁴ (...) le bonheur naît de l'industrie (...) fictions d'une imagination brillante (...) les charmes de la musique.

²⁵ En un mot, tout est plus fort, plus riche, plus beau.

²⁶ No escopo de um estudo da relação complementar entre as práticas de literatura de viagem e de tradução, Eduardo Oliveira Batista (2010) analisa a institucionalização do descritivismo proposto por Denis na literatura brasileira.

elementos que se propõem a ser, concomitantemente, imagem e efeito. A palmeira, por exemplo, é apresentada da seguinte maneira:

Por vezes, como um ramo verdejante, cresce do íntimo da terra e protege as flores mais humildes com suas palmas; por vezes, escalando os ares soberbamente, reina sobre todas as outras árvores. Ela se lança com tamanha grandeza que foi proclamada pelos homens a rainha da floresta.²⁷ (DENIS, 1824, p. 9-10, tradução nossa).

Tais elementos são justapostos uns aos outros, de acordo com a sua localização, respectivamente, nas Américas, na África e na Ásia, e são sucedidos por divagações que os contextualizam e interpretam. Ao cabo dos capítulos que tratam das Américas e da África, Denis incorpora duas narrativas que ilustram o uso literário das cenas, preconizado na introdução, e que inauguram a sua produção ficcional.

Os *Maxacalis*²⁸ é uma narrativa que transcorre ao longo de dois capítulos²⁹ e ocupa cerca de 60 páginas (130-194) do volume. No final do capítulo que a precede, Denis a introduz da seguinte maneira:

Após ter apresentado um breve panorama sobre a existência moral de mulheres na América, encarrego-me de pintar os costumes de algumas tribos e acontecimentos que costumavam resultar da sua aliança com os europeus³⁰ (DENIS, 1824, p. 129).

A história foi narrada ao autor por um viajante português enquanto ambos retornavam à Europa. Ela inicia com a chegada desse viajante a Canavieras, pequeno povoado na região de Minas Novas, onde se depara com o funeral do Capitão-mor da província. Ele relata que “nunca vira funerais parecidos e os lamentos conjuntos desses homens, tão diferentes pela cor,

²⁷ Tantôt il s'élève du sein de la terre comme une gerbe de verdure, et il protège de ses palmes les fleurs les plus modestes ; tantôt, montant orgueilleusement dans les airs, il domine sur tous les autres arbres. Il s'élançe avec tant de majesté, que les hommes l'ont proclamé le roi des forêts.

²⁸ Os nomes dos capítulos e dos personagens foram retirados da sua tradução em português (DENIS, 1979).

²⁹ Os *Maxacalis*; Continuação d'Os *Maxacalis*.

³⁰ Après avoir présenté un tableau rapide de l'existence morale de la femme dans ces contrées, je vais tâcher de peindre les moeurs de certaines tribus et les événements qui ont souvent résulté de leur alliance avec les Européens.

pelos costumes e pelo temperamento” (DENIS, 1979, p. 6). Durante esses ritos fúnebres, ele fica impressionado com figura do jovem chefe da tribo dos Maxacalis e resolve interpelá-lo. Após trocar palavras de conforto, ele descobre que Kamuraí pretende partir e encontra um companheiro de viagem. Na primeira noite após a partida, percebe a tristeza do chefe indígena, e ele, ao ser novamente interpelado, conta os sofrimentos que o trouxeram até o povoado.

A narrativa, assim, se bifurca. Em primeiro plano, Kamuraí e o viajante sobem o rio Belmonte. Em segundo plano, há a narração em *flashback* da trajetória de Kamuraí, desde a sua infância, quando deixa a floresta e cresce em São Simão, até a sua chegada a Canavieras. As sequências narrativas do primeiro plano são ordenadas cronologicamente, sem um nexos causal relevante. As do segundo, entretanto, possuem uma disposição necessária e conformam uma intriga.

Certo dia, enquanto caçava um tapir, Kamuraí se deparou com uma dama, transportada em uma rede por seus escravos, e ficou encantado com a sua beleza. Após um breve contato entre ambos, quando o chefe lhe ofereceu água, e Helena, em troca, deu-lhe um colar de pérolas azuis, Kamuraí finalmente sentiu “a espantosa revolução que se fizera” no seu “coração com a visão da jovem estrangeira” (DENIS, 1979, p. 14).

Kamuraí pediu a mão de Helena ao seu pai, em troca de “mais riquezas do que aquelas contidas na cidade poderosa” que governava (DENIS, 1979, p. 18). Quando ele consentiu, não sem hesitação, o herói reuniu guerreiros e partiu em uma jornada por terras perigosas, repleta de provações. Quando retornou, tendo conquistado muitas riquezas, o governador lhe impôs outra condição: ele deveria se converter à fé cristã. Convertido, os ministros da igreja prescreveram o acordo que havia sido feito, e Kamuraí, enganado, decidiu deixar São Simão e retornar à sua tribo.

Tempos depois, sem que o herói soubesse, guerreiros da tribo se reuniram e raptaram Helena, já que ele cumprira a sua parte do acordo. Muitos deles pereceram no combate travado no povoado. Na floresta, ela pediu a Kamuraí que a levasse de volta a São Simão, e ele, depois de uma discussão emotiva, consentiu. De volta, ela revelou ao governador a sua paixão pelo

índio, mas o pai se mostrou inflexível. Kamuraí, então, perdeu as suas esperanças, e Helena lhe suplicou que se afastasse para vencer a dor. Oito dias depois, o protagonista recebeu uma carta da amada, onde reafirmava a sua paixão e conseqüente infelicidade.

Quando Kamuraí lê a carta ao viajante português, há a integração dos dois níveis da narrativa. Os personagens permanecem juntos e se separam apenas quando devem tomar direções diferentes, encerrando o relato.

A estrutura da narrativa assemelha-se à do conto tradicional, pois apresenta personagens, ações e intriga. Kamuraí, protagonista, deseja casar com Helena, mocinha da história. As ações que ele pratica devem levá-lo ao desfecho dessa intriga. Contudo, o governador, antagonista, não permite que se casem e conduz a um desfecho desfavorável ao herói. Nota-se, assim, que as escolhas de narração de segundo plano não são gratuitas e aludem a uma forma literária previamente existente.

*Palmares*³¹ é uma narrativa que transcorre ao longo de 11 capítulos³² e ocupa cerca de 100 páginas (238-334) do volume, tão longa quanto *Camões e José Índio*. No final do capítulo que a precede, Denis a introduz da seguinte maneira:

(...) encarrego-me de apresentar o que deve inspirar ideias poéticas principalmente nos negros e nos europeus. São diferentes cenas que resultam da escravidão e da opressão provocada pelos brancos; elas oferecerão o que há de marcante nos costumes de diversas nações negras e darão a conhecer, ao mesmo tempo, um dos maiores acontecimentos que se passaram no Novo Mundo.³³

A história é apresentada a partir da perspectiva de um narrador distanciado. Ele principia com divagações sobre combates travados na América

³¹ Os nomes dos capítulos e dos personagens foram retirados da sua tradução em português (DENIS, 1997).

³² O Ancião, o Tráfico; A Escravidão, a Navegação, os Presságios; A Chegada; A Festa; A despedida, a Fuga; O Juramento; A Vida Nos Bosques, a Feiticeira; O Ancião, o Eboé; A Desolação dos Campos, a Esperança; A Guerra; A Dedicção.

³³ (...) je vais tâcher de présenter ce qui doit surtout exciter les idées poétiques des noirs et des Européens, ce sont les différentes scènes qui résultent de l'esclavage et de notre oppression ; elles offriront ce qu'il y a de remarquable dans les moeurs des diverses nations noires, et elles feront connaître en même temps un des plus grands événements qui se soient passés dans le Nouveau-Monde.

do Sul, nos quais os portugueses derramaram sangue negro e indígena. Sequencialmente, passa descrever progressivamente a paisagem, a algumas léguas de Salvador, até chegar à figura de Juan e a cabana onde vive. Único habitante daquela região, ele conversa com um jovem europeu, cujo nome não é informado. Durante a conversa, o nome de Palmares é mencionado, e o estrangeiro pergunta-lhe se ele se lembra de algo a respeito. O negro revela ser filho de Zumbi, antigo líder do quilombo, e passa a narrar a trajetória do pai.

À semelhança de *Os Maxacalis*, a narrativa se bifurca. Em primeiro plano, Juan e o estrangeiro convivem na cabana ao longo de alguns dias, enquanto o negro espera o retorno do filho. Em segundo plano, há a narração, em terceira pessoa, da vida de Zumbi, desde sua captura na África até a sua morte na América. Como se trata de um personagem histórico, o conteúdo biográfico da narrativa condiciona uma disposição particular das ações. As sequências narrativas de segundo plano possuem um nexos causal e, conseqüentemente, constituem uma intriga. Elas, entretanto, são condicionadas pelos fatos que compõem a biografia de Zumbi. A narração, assim, parte de um repertório de fatos já delimitado, ainda que os disponha deliberadamente,

Após ter sido preso na África e levado à América, Zumbi pensava apenas em reencontrar Zara, filha do chefe da tribo, por quem era apaixonado. Já escravizado, conheceu Mery, escrava de uma propriedade vizinha, com quem se envolveu afetivamente. Certo dia, encontrou uma pista de que a princesa africana estava no Norte e fugiu para procurá-la. Enquanto realizava a busca, reencontrou os koromantins, escravos que fizeram um motim no navio negreiro que os trouxera. Eles lhe mostraram o bracelete da amada, indicando que estava no caminho certo. Todos os negros então se uniram e fizeram um juramento de vingança. No Piauí, travaram combate com sertanejos, de quem ouviram pela primeira vez o nome de Palmares.

Zumbi retornou à região onde morava e reviu Mery. Ela aconselhou que ele consultasse Frida, uma adivinha, para decidir que caminho tomar. A oráculo disse a ele para ir, sem demora, ao vale da Anadia, no Alagoas. Ele e os koromatins prontamente partiram. Enquanto rumavam ao norte, encontraram um grupo de escravos derrubando árvores, cruelmente tratados por seus

donos. Zumbi os libertou, e eles passaram a segui-lo. Já perto do vale, reconheceram um desafortunado eboé, que tentava se enforcar, e o salvaram. Ele passou a acompanhar o herói e seu grupo a partir de então.

Quando finalmente chegaram a Palmares, eles acreditaram ter adentrado em uma poderosa cidade da África. Os habitantes desse reino estavam em vias de escolher o seu novo chefe. Já que Zumbi passou a ser tratado como um líder, os moçambicanos travaram um duelo com os koromatins pelo poder. No meio do embate, Zumbi foi perfidamente ferido com um punhal pelo chefe moçambicano. Ao se defender, arremessou-o para longe, sem matá-lo. Esse gesto nobre fez com que um grito ecoasse entre as diferentes tribos: “honra ao jovem chefe que sabe perdoar quando venceu” (DENIS, 1997, p. 33-34).

Como governador de Palmares, Zumbi mandou grupos de guerreiros procurar Zara. Certo dia, Mery chegou ao reino para avisar ao seu líder que os exércitos portugueses estavam a caminho. Para preparar a guerra, o chefe mandou devastar as plantações e queimar as casas das redondezas, pois, assim, os inimigos não teriam meios de subsistência. Concomitantemente, um mensageiro retornou com notícias de Zara, que estava no Rio Grande. Como não conseguira comprá-la, Zumbi deu-lhe muitas riquezas, e mandou que retornasse e oferecesse ao dono da princesa negra tudo o que desejasse.

A guerra se iniciou com a chegada dos exércitos portugueses. Após alguns dias de intenso conflito, eles recuaram, à espera de reforços com artilharia pesada. Os habitantes de Palmares, precipitadamente, passaram a festejar, crendo que desertaram. Os festejos, contudo, duraram pouco tempo, pois logo começaram a sentir fome e os flagelos da miséria. Zumbi, então, descobriu que o grupo de guerreiros encarregados de recuperar Zara fora preso pelos portugueses. Ele pediu uma trégua para negociar uma troca, e o chefe do exército português exigiu a rendição de Palmares. O líder negro, consciente da sua responsabilidade, não cedeu às exigências do adversário. Sacrificando-se pelo seu reino, ele casou com Mery, retomou os combates e morreu no conflito. Enquanto Palmares era aniquilada, Adoé pediu clemência por Mery, grávida do chefe, que foi salva por seu antigo amo, que combatia do lado inimigo.

Juan encerra o relato e comenta que Adoé lhe contara essa história. O estrangeiro parte, mas retorna no dia seguinte. Ele então encontra o neto de Zumbi, que havia regressado. O recém-chegado narra aos dois a sua ida ao sítio que abrigara Palmares e encerra a narrativa:

Fui até o vale, e sentei-me em meio às palmeiras estendidas sobre a areia; tuas histórias vieram-me à memória, considerei tristemente o teatro dos infortúnios de Zumbi... Ai de mim, imagina só, enquanto estava mergulhado em meus devaneios, umas jovens vieram colher os frutos de alguns tamarindeiros que ainda se erguem junto ao lago; guirlandas de cássia coroavam-lhes as frentes de ébano, elas começaram a dançar e suas vozes elevaram-se alegremente; mas não celebravam Palmares; pareciam ignorar os acontecimentos que ocorreram tão perto delas; assim, pois, em poucos anos, tudo se esquece!... Foi por mim que ficaram sabendo das infelicidades de sua antiga pátria; seus olhos expressaram dor quando lhes falei de meu avô, mas o prazer as chamava e acabaram convidando-me a acompanhá-las em suas danças. Não, disse eu, não posso ficar alegre neste lugar. Subi ao rochedo e chorei. (DENIS, 1997, p. 44)

A estrutura narrativa de *Palmares* distancia-se da do conto tradicional na medida em que privilegia o desenvolvimento individual de ações em detrimento do seu nexos causal. Ao invés de constituir a intriga, de modo a secundarizar o desfecho na trama, a busca de Zumbi por Zara serve de mote para eventos em que o protagonista revela plenamente o seu caráter. A narração procura ressaltar constantemente os méritos de Zumbi face a situações que se apresentam ao longo da sua trajetória. Nota-se, assim, que a forma narrativa culmina com a consagração do protagonista, cujas escolhas e ações tornaram digno de memória. A dimensão histórica, conseqüentemente, é potencializada por esse tratamento do dado biográfico e amplia a abordagem previamente explorada de *Cenas da Natureza sob os Trópicos*.

Diferentemente de *Os Maxacalis* e *Palmares*, *Camões e José Índio* não faz parte de *Cenas da Natureza sob os Trópicos*. Individualizado pela organização interna da obra, não possui capítulos e apresenta advertência e apêndice. Trata-se de uma narrativa biográfica que aborda o período final da vida de Camões, especialmente a sua amizade com José Índio.

A história inicia com o retorno de Camões e de José Índio a Portugal, surpreendidos por uma tempestade. O poeta, em meio ao caos que se instaura, toma o timão e conduz a tripulação em segurança a Lisboa. Quando

pisam em terra firme, eles se dirigem à Igreja de Nazaré onde, durante a missa, José Índio reconhece a sua amada, que julgava morta. Camões dissuade o religioso a manter a calma e a acompanhá-lo e, enquanto se afastam, ouve a odiosa trama do pai de Clara para separá-los. Comovido pela desdita do companheiro de viagem, o poeta decide confortá-lo lembrando seus próprios infortúnios. A narrativa, assim, se bifurca, e Camões passa narrar a sua trajetória da infância até o momento em que conhece José Índio.

O poeta conta que teve de deixar a casa do pai para estudar em Coimbra, onde os professores procuravam sufocar a sua inspiração. Na corte, ele se apaixonou por Catarina de Ataíde, cuja família mantinha alianças com as mais nobres Casas de Portugal. Seus singelos gestos de devoção, correspondidos pela amada, logo foram considerados indiscretos, e ele foi condenado ao exílio. A permissão de regressar a Lisboa foi concedida apenas após intensas batalhas, que lhe consumiram a juventude. Ao retornar e reencontrar Ataíde, percebeu que o amor cedera a sentimentos mais brandos e decidiu reiniciar a peregrinação. Viajou pela África e pela Ásia, onde presenciou diversos desmandos da administração colonial portuguesa e foi vítima de injustiças. No Oriente, ele conheceu José Índio, de quem não se separou.

Com o fim do *flashback*, retoma-se o primeiro plano da narrativa. Ambos, sucessivamente, recuperam os bens não extraviados pela tempestade e procuram alojamento. Subitamente, acabam na casa de uma antiga criada do pai de Clara, e José Índio se depara com a possibilidade de rever a amada. Dias depois, quando se reencontram, eles expressam o amor um pelo outro, mas, como não podem consumá-lo, o religioso promete deixar Portugal para confortar outros desafortunados como ele. Lisboa, nesse ínterim, é acometida por um episódio grave da peste negra, em que Clara perece. José Índio, tendo adoecido, é cuidado por Camões e, quando melhora, decide abandonar o poeta e cumprir a promessa que fizera a ela.

José Índio parte em direção às Índias e decide visitar todos os lugares em que esteve Camões. Após um longo período de peregrinação, repleto de dificuldades, decide regressar a Portugal. Durante o retorno, os exércitos de D. Sebastião pedem reforços na costa africana. O religioso une-se a eles e carrega o estandarte de guerra na batalha de Alcácer Quibir. Após a derrota,

ele se torna cativo até ser resgatado por portugueses e, finalmente, consegue retornar à pátria.

Em Lisboa, José Índio procura Camões em diversos lugares, sem sucesso, e reencontra Antônio, escravo do poeta. Ele toma conhecimento da situação miserável em que ele e o amo estão e se indigna. O religioso localiza o amigo no asilo dos pobres, moribundo, mas ele se mostra resignado. Camões rejeita palavras de consolo, maldiz, profeticamente, o próprio destino e, dedicando seus últimos votos à pátria, falece nos braços de José Índio.

Camões e José Índio compartilha diversos procedimentos ficcionais com *Os Maxacalis* e *Palmares*, dos quais a bifurcação da narrativa em dois planos e a narração em flashback são os mais evidentes. Além disso, enquadra-se na poética proposta em *Cenas da Natureza sob os Trópicos*, uma vez que a maior parte da história se passa na África e na Ásia, de onde se encontram longas descrições. De acordo com uma perspectiva estritamente formal, a bipartição da obra, indicada já pelo suíves [seguidas] do título, não se justifica.

Entretanto, se for levada em consideração a função atribuída a Camões nos trabalhos subsequentes de Ferdinand Denis, entende-se a necessidade de particularizá-lo em relação a Zumbi e a Kamuráí. O poeta é avaliado como maior expoente literário da história da literatura portuguesa, sendo o principal responsável por seu período áureo. Incipiente em *Os Maxacalis* e pouco decisiva em *Palmares*, a dimensão histórica assume um caráter determinante na narrativa quando se associa a biografia camoniana à história monumental portuguesa. Paralelamente, o ato de se depreender a vida da poesia, ainda que não fosse uma prática inédita, faz com que se constitua uma convivência ambígua entre ficção e história. Isso faz com que *Camões e José Índio* se individualize de *Cenas da Natureza sob os Trópicos* por efetivar uma confluência entre história, ficção e biografia em uma narrativa que resiste às categorizações disponíveis no início do século dezanove³⁴.

³⁴ O estudo sobre as relações entre história, literatura e biografia em *Camões e José Índio* ainda está em curso.

A COMPOSIÇÃO DE CAMÕES E JOSÉ ÍNDIO

*Nesta sala vivemos. Todos
no mesmo despojamento
da matéria. Aqui os meus dedos
agarram puras ideias de coisas.
Em volta estão sem luxúria
as figuras.*
Fiama Hasse Pais Brandão

Para escrever *Camões e José Índio*, Ferdinand Denis se amparou em fontes que tratassem da temática e da proposta em questão, à semelhança de *Cenas da Natureza sob os Trópicos*. “Genericamente, *fontes* corresponde a um significante que pode acolher tudo o que precede a obra, pertencendo à sua fase de gestação e produção” (ZILBERMAN, 2004, p. 18). Tais fontes apresentam particularidades em relação às de *Os Maxacalis* e *Palmares*. Ao invés de se limitar predominantemente a sinais, sintomas e rastros do processo de escritura, elas também se inscrevem no corpo do texto e se alojam na materialidade do impresso.

Mais visivelmente numerosas do que nas narrativas anteriores, as fontes constituem um repertório amplo de referências que revelam, concomitantemente, dois percursos: um bibliográfico e outro ficcional. O primeiro permite apreender quais obras estavam disponíveis para um letrado francês que quisesse se debruçar sobre a temática camoniana e portuguesa. O segundo indica maneiras como autor se apropriou de tais obras para compor a narrativa de acordo com a sua proposta. O estabelecimento de ambos percursos é, desse modo, fundamental para que se possa avaliar a poética de *Camões e José Índio*.

A origem de *Camões e José Índio* remonta a um artigo, escrito por Alexandre Sané³⁵ e publicado em duas partes no *Mercure Étranger*³⁶, que

³⁵ Alexandre-Marie Sané (c. 1773-1818) foi tradutor de Filinto Elísio para o francês (SANÉ, 1808), primeiro biógrafo do poeta e autor de uma gramática francesa da língua portuguesa (SANÉ, s/d). Francisco Alberto Torres Moreira (2011, p. 97) acrescenta que ele “foi discípulo do poeta português e com ele aprendeu a língua portuguesa”.

pretende fornecer um panorama da literatura portuguesa, comentando seus principais autores. Na advertência, Denis cita dele a curta passagem que serve de mote para a narrativa e comenta que, para escrevê-la, se apropriou da sugestão feita pelo autor. Segundo Sané, as poesias de Camões guardam a história quase completa da vida do poeta e são o único registro da sua parte mais obscura, preenchida pelo amor. Propondo-se narrar os infortúnios vividos por Camões, Denis adota como principal procedimento literário a tradução de seus versos, a fim de, a um só tempo, imbuir-se do seu ardor característico e compilar a matéria da narrativa.

Alexandre Sané foi um dos principais responsáveis pela divulgação das letras portuguesas em Paris na primeira década do século XIX. Ele se envolveu em projetos editoriais e produziu artigos que possibilitaram a emergência da geração seguinte de lusofonistas franceses, da qual Ferdinand Denis faz parte. Por intermédio de Filinto Elísio, ele estimulou a reavaliação do legado camoniano na França, desprestigiado desde o século XVIII (SOUSA, s/d). Pode-se dizer que as suas iniciativas refletiram no *Resumé de l'Histoire Littéraire du Portugal* (1826), que também o cita, e na tradução de *Os Lusíadas* realizada por Jean-Baptiste Millié³⁷ (1825).

A tradução como procedimento literário permitia reviver os infortúnios vividos pelo poeta, mas não era suficiente para abarcar de modo mais amplo a sua vida. Através dos versos camonianos, era possível apreender apenas episódios sem sequência ou nexos causais. Dessa maneira, Denis teve de se amparar em alguma biografia de Camões para poder organizar as sequências narrativas. Na Advertência, ele comenta que se baseou, para fixação dos principais eventos, na “magnífica edição de Souza”, ainda que deixe claro que não se sujeitou “à forma rigorosa imposta pela história” e que utilizou “fatos que não se encontram em nenhuma outra parte” (DENIS, 1824, p. 410).

³⁶ *Mercure Étranger ou Annales de la Littérature Étrangère* (1813-1814/1816) foi periódico anual (I-IV), editado (In-8) em Paris, cujo objetivo era estabelecer um diálogo mais constante entre as nações que cultivavam as letras.

³⁷ Jean-Baptiste Joseph Millié (1773-1826) foi um homem de Estado francês de formação humanista que, durante a ocupação de Portugal, foi enviado a Lisboa para ocupar um cargo na administração do país. Após retornar à França, ele realizou a quarta tradução francesa de *Os Lusíadas* (1825), sendo as anteriores, respectivamente, de Duperron de Castera (1735), de Jean-François de La Harpe (1776) e de tradutor desconhecido (s/d).

A “magnífica edição de Souza” se refere à edição monumental de *Os Lusíadas* preparada por José Maria do Carmo Souza Botelho Mourão³⁸ e publicada em Paris em 1817. Para realizá-la, Morgado de Mateus se propôs a fazer uma revisão textual da epopeia camoniana por meio do contraste entre diferentes edições. Os seus exemplares, ao invés de serem vendidos, foram doados a diversas instituições culturais europeias e provocaram a admiração de letrados portugueses e estrangeiros. Suscitaram também diversas manifestações, tanto elogiosas quanto depreciativas, de modo que o impacto dessa edição nos estudos camonianos foi enorme, estabelecendo intrincadas relações entre críticos, princípios teóricos e critérios editoriais. Na França, esse empreendimento editorial desencadeou uma efervescência literária em torno do nome de Camões e foi sucedido por diversos e significativos comentários críticos, retraduições e criações literárias (GALLUT-FRIZEAU, 2011), como a de Denis.

A Vida do Poeta estabelecida por Morgado de Mateus, que precede a epopeia, introduz a figura de José Índio na biografia camoniana. Após comentar a obscuridade que cerca a morte de Camões, cuja data se desconhece, menciona que teve acesso a um original, legado ao Convento dos Carmelitas Descalços de Guadalajara, que corrobora o “trágico fim” do poeta, conforme descrito por Diogo Barbosa³⁹. Do frontispício dessa edição, que pertencera “a um Frei Josepe Índio”, transcreve a seguinte inscrição:

Que cosa mas lastimosa que ver un tan grande ingenio mal logrado! yo lo bi morir en un hospital en Lisboa, sin tener una sauana con que cubrirse, despues de auer triunfado en la India oriental y de auer nauegado 5500 leguas por mar: que ausio tan grande para los que de noche y de dua se cançan estudiando sin provecho como la araña en urdir tellas para cazar moscas. (SOUZA-BOTELHO, 1819, p. LXIII-LXIV)

Morgado de Mateus comenta que transcreveu integralmente a inscrição, já que lhe pareceu importante conservá-la. Ele também menciona que quer se

³⁸ José Maria do Carmo Souza Botelho Mourão (1758-1725), Morgado de Mateus, foi um oficial e diplomata português. Ele foi ministro de Paris entre 1802 e 1804, instalando-se definitivamente na capital francesa em 1807. Após esse período, dedicou-se à elaboração de uma edição de *Os Lusíadas* e promoveu a literatura portuguesa na França.

³⁹ Diogo Barbosa Machado (1682-1772), erudito português, foi autor da *Biblioteca Lusitana* (1741-1758), primeira grande obra de referência biobibliográfica editada em Portugal.

persuadir de que o religioso “talvez (...) assistisse” o poeta “na sua última hora, e recebesse dele este exemplar precioso, que toco com respeito, pensando que Luís de Camões o teve nas suas mãos.” (SOUZA-BOTELHO, 1819, p. LXIV). Ele, entretanto, não acrescenta quaisquer outras informações a respeito de José Índio.

Ferdinand Denis se apropriou da figura de José Índio de modo a ampliar o seu papel na biografia camoniana. Ao invés de se limitar ao breve comentário feito por Morgado de Mateus, atribuiu a ele uma função que excede a de testemunha dos últimos instantes de vida do poeta. Por intermédio da personagem do religioso, o autor não só incluiu sequências narrativas inéditas, sem desprezar a biografia estabelecida por Morgado, mas também implicou a batalha de Alcácer Quibir na história. As referências à morte de Camões e à anexação de Portugal à Espanha, decorrente da derrota nessa campanha, costumavam compartilhar um mesmo contexto em compêndios históricos e literários, dadas suas proximidade cronológica e relevância cultural. Embora não fossem sempre relacionadas, Ferdinand Denis estabelece entre elas um nexos causal interessante que permitiu ampliar significativamente o escopo de *Camões e José Índio*.

Ferdinand Denis se apropriou sistematicamente das sequências narrativas da Batalha de Alcácer Quibir conforme descritas em *Europa Portuguesa* (1678-1680), de Faria e Sousa⁴⁰. As sucessivas referências a essa obra, indicadas em notas de rodapé, reiteram a integridade histórica da parte final da narrativa. No início desse episódio, o autor acrescenta uma nota que introduz e discute as motivações do conflito a partir de considerações da obra *Resumé de l'Histoire de Portugal* (1824), de Alphonse Rabbe⁴¹. Essa nota ratifica as demais, pois insere um questionamento historiográfico contemporâneo de Denis, ausente da obra de Faria e Sousa. De qualquer forma, o autor adota o enredo da batalha e nela insere José Índio, cujas ações se mostram significativas e acumulam alto valor simbólico. Desse modo, Denis

⁴⁰ Manuel de Faria e Sousa (1590-1649), erudito português, é autor, entre outros, de *Os Lusíadas* (1639, 2 v.), *Rimas Varias* (1685, 2 v.) e *Europa Portuguesa* (1678-1680, 3 v.).

⁴¹ Alphonse Rabbe (1784-1829) foi jornalista, historiador e escritor romântico francês. Ele é autor, entre outros, de *Résumé de l'histoire d'Espagne* (1823), *Résumé de l'histoire du Portugal* (1823) e *Album d'un pessimiste* (1835).

conseguiu abarcar dois grandes acontecimentos do século XVI português e produziu uma narrativa que ultrapassa a sua proposta inicial.

Na primeira metade do século XIX, não havia muitas histórias de Portugal disponíveis ao leitor francês, mesmo aos que sabiam ler em português ou espanhol⁴². *Europa Portuguesa* foi um marco na historiografia ibérica e, por muito tempo, uma das poucas obras de cunho geral a tratar do assunto. Acervos europeus dificilmente não possuíam pelo menos um exemplar, especialmente com as doações da Academia de Ciências de Lisboa e de Madrid. O *Resumé de l'Histoire de Portugal* era, à época de *Camões* e *José Índio*, um compêndio de história acessível ao público francês, já que havia sido publicado um ano antes. O fato de seu autor ter algum reconhecimento nos círculos letrados de Paris facilitava a sua comercialização. Dessa maneira, os leitores que se interessassem pela temática e não dominassem os idiomas ibéricos poderiam consultá-lo e, eventualmente, adquiri-lo para compor sua biblioteca pessoal.

Manuel de Faria e Sousa⁴³ foi “o mais influente e importante editor e comentador de *Camões* de todos os tempos” (ALVES, 2011, p. 371), que contribuiu diretamente para a sua valorização como príncipe dos poetas no século XVII (PIRES, 1982). É o organizador de uma edição monumental de *Os Lusíadas* (1639, 2 v.) e da antologia inconclusa *Rimas Varias* (1685, 2 v.). Embora tenham tido enorme projeção dentro da história da impressão do legado camoniano, tais obras desencadearam, nos séculos seguintes, discussões sobre autoria de poemas, adulteração de versos e estabelecimento do cânone. Além disso, ambas colaboraram diretamente com a indissociação entre a vida e a obra do poeta na exegese camoniana.

Tanto *Rimas Várias* quanto *Os Lusíadas* possuem uma biografia do poeta elaborada a partir de poemas e de menções externas, com diferenças

⁴² A Espanha esteve de tal modo presente na França nos séculos XVI e XVII que Portugal chegava a ser tomado como o seu vago duplo (PAGUEAUX, 1984), e, assim, instaurou-se uma indistinção de seus patrimônios culturais. Esse fenômeno era reforçado pela publicação predominante de livros em castelhano durante a União Ibérica, sejam sobre Portugal ou Espanha. Consequentemente, o português e o castelhano ainda se confundiam no início do século XIX.

⁴³ Em alguns casos, as referências de Manuel Faria e Sousa não são suficientemente precisas e se confundem com as de José Maria do Carmo Souza Botelho Mourão, tendo em vista que ambos compartilham um sobrenome.

apenas na forma de exposição. Na primeira, predomina a referência indireta a versos camonianos, enquanto, na segunda, predomina a referência direta, com sua conseqüente inserção no corpo ou na margem do texto. Ambas, conseqüentemente, apresentam uma composição similar à de Camões e José Índio. Não é por acaso que as referências à Vida do Poeta de Faria e Sousa são mais comuns do que aquelas a de Morgado de Mateus. Ferdinand Denis, entretanto, não esclarece se a consultou em *Rimas Varias* ou em *Os Lusíadas*, nem quando a menciona ou cita. Isso leva a crer que ele tenha consultado ambas e tenha se baseado diretamente na forma de exposição da segunda.

Ao cabo de *Camões e José Índio*, Ferdinand Denis insere a *Ode à Camoëns* (1819) [Ode a Camões], de François Raynouard⁴⁴, que, nas suas palavras, é a mais bela homenagem ao poeta que conhece. O seu interesse se deve à maneira como Camões é nela representado. O sujeito lírico, ao procurar o seu sepulcro, fica espantado com o descaso da nação portuguesa em relação ao seu maior poeta. A voz de Camões, então, se eleva e, à semelhança do epílogo de *Os Lusíadas*, demonstra seu sofrimento sem comprometer a própria dignidade. Evidencia-se, assim, um descompasso entre a grandiosidade do gênio luso e a miséria em que se encontrava no final da vida, já que dependia das esmolas trazidas por seu escravo. A leitura biográfica da *Ode*, conseqüentemente, se afina com um ideal artístico em ascensão e revela as potencialidades literárias da figura do poeta. Em *Camões e José Índio*, isso se efetiva de maneira análoga, pois Ferdinand Denis, assim como Raynouard, transforma Camões em uma alegoria de novos valores literários.

Em 1818, François Raynouard havia escrito uma elogiosa resenha a respeito da edição monumental de *Os Lusíadas* de Morgado de Mateus para o *Journal des Savants* e, no ano seguinte, a *Ode a Camões* foi publicada pela primeira vez. Ela logo foi incluída em diversas antologias e recebeu mais de uma tradução para o português, logrando um reconhecimento literário imediato. O autor, que produzira até então obras de cunho classicizante, passou a se relacionar com círculo de autores e intelectuais românticos e, dentro do quadro

⁴⁴ François-Juste-Marie Raynouard (1761-1836) foi um tragediógrafo e erudito francês, membro da L'Académie des Inscriptions et Belles Lettres e da Académie Française.

institucional que ocupava, colaborou com a integração da geração lusófonos franceses da qual fazia parte Ferdinand Denis.

As obras atribuídas a Camões, traduzidas ou referidas por Denis, constituem a principal e mais significativa fonte de *Camões e José Índio*. Elas são comumente intercaladas em falas do poeta ou referidas em notas de rodapé. Descrevem aspectos da fisionomia de Camões e da natureza que o rodeia, manifestam a poeticidade da vida cotidiana e ilustram alguns contextos biográficos, à semelhança de Faria e Sousa. Ferdinand Denis se refere também às epístolas do poeta, deixando de fora apenas o seu teatro. Em suma, as fontes eminentemente literárias se manifestam em diversos níveis textuais, tanto explicitamente quanto implicitamente, e conformam a intrincada textualidade de *Camões e José Índio*.

O cânone camoniano implica duas questões fundamentais, relativas às suas recepção e edição. A primeira evoca a transmissão das obras de Camões através de redes de leitores e o tratamento por elas recebido em instâncias institucionais como a Universidade e a imprensa. Isso tem impacto direto na conformação de um imaginário acerca do legado do poeta e da sua inserção em instituições sociais. A segunda coloca o problema editorial que diz respeito à maneira como o legado camoniano foi preservado e às circunstâncias em que foi transmitido. Isso traz à luz o longo processo de fixação do cânone e as conturbadas discussões a respeito da autoria dele decorrentes. Ferdinand Denis não se isenta de ambas questões, uma vez que transmite obras de Camões por meio de um posicionamento valorativo bem definido e se insere em uma linhagem editorial específica.

O cânone épico de Camões tem forma estável, apesar dos problemas colocados por suas edições princeps⁴⁵. O cânone lírico, entretanto, é perpassado por polêmicas e possui diversas versões. Leodegário de Azevedo-Filho (1987) define dois ramos da tradição impressa da lírica de Camões. O primeiro, constituído por *Rhytmas* (1595) e *Rimas* (1598), teve de lidar com cancioneiros manuscritos em geral miscelânicos e incompletos e não pôde

⁴⁵ Kenneth Jackson (2011, p. 329-330) resume o dilema colocado pelas diferenças entre as edições princeps em três vertentes. Assume-se que se tratam de duas edições diferentes, uma revista e ampliada; que são dois estágios de impressão do mesmo editor, com as decorrentes variações; ou que se tratam de uma edição legítima e de outra pirata.

atribuir autoria com o devido rigor ecdótico. O segundo ramo, deflagrado por *Rimas Várias* (1685), ampliou enormemente a quantidade de poemas atribuídos ao poeta, e foi a partir dele que a lírica foi transmitida até o início do século XX⁴⁶.

Ferdinand Denis se insere na linhagem editorial cuja característica principal é uma preocupação em expandir e aperfeiçoar o corpus camoniano, tendo em vista o valor que lhe atribui. A admiração pelo poeta faz com que o autor se aproprie de tudo que, estando à sua disposição, possa contribuir com o sucesso da narrativa, sem se preocupar rigorosamente com a autoria e com o estabelecimento do texto. Não é por ignorância que ele insere trechos entre aspas sem referência e se vale inclusive de um poema que, à época, já não era mais atribuído ao poeta. Apesar da pesquisa envolvida, o objetivo principal de Ferdinand Denis (1824, p. 410) era erguer “um monumento (...) à glória do grande poeta”, manipulando livremente as fontes e os poemas de modo a escrever uma obra digna de memória.

⁴⁶ Ao longo do século XX, desenvolveram-se metodologias de crítica textual que, se não chegaram a um consenso, pelo menos propuseram edições do corpus da lírica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No primeiro capítulo, foram apresentados dados biográficos de Ferdinand Denis que relatam a sua existência enquanto sujeito empírico até meados de 1826. Tais dados foram compilados a partir do contraste entre diferentes biografias disponíveis como uma tentativa de síntese.

No segundo capítulo, abordou-se inserção de *Camões e José Índio* em *Cenas da Natureza sob os Trópicos*, de modo a relacioná-lo com as duas outras narrativas presentes no livro. Exploraram-se os princípios da poética do autor presentes nessa obra, bem como se tentou ilustrar a sua constelação de referências. Ressaltou-se também o tratamento literário dispensado a *Os Maxacalis* e a *Palmares*, a fim de contrastar as suas técnicas e procedimentos ficcionais com os de *Camões e José Índio*.

No terceiro capítulo, procurou-se reconstituir o trabalho escritural de Ferdinand Denis a partir de uma perspectiva de fontes primárias. Ressalta-se que tal metodologia busca apreender relações estabelecidas entre textos a partir de rastros identificáveis na própria obra e encara o autor enquanto um sujeito empírico dotado de historicidade. Dessa maneira, foram abordadas referências que compõem a tessitura *Camões e José Índio* e discutiu-se a sua manipulação de acordo com o que Denis propõe na *Advertência*.

No quinto capítulo, procuraram-se listar os procedimentos teóricos e técnicos adotados na tradução a partir da exposição do tratamento do original e dos princípios teóricos adotados. O processo tradutório foi ilustrado com algumas dificuldades de tradução e foram fornecidos alguns esclarecimentos a respeito de alterações finais decorrentes da transferência do francês para o português.

No sexto capítulo, incluiu-se a tradução integral de *Camões e José Índio* e um apêndice com os poemas camonianos citados ou mencionados. A importância central do trabalho consistiu, assim, em disponibilizar em língua portuguesa a narrativa de Denis, já conhecido como ficcionista em relação a *Os Maxacalis* e *Palmares*.

A TRADUÇÃO DE CAMÕES E JOSÉ ÍNDIO

A tradução de *Camões e José Índio* foi realizada a partir da versão digitalizada do livro, disponibilizada pela Bibliothèque Nationale de France. Entretanto, consultou-se a edição princeps na Biblioteca Central da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, que possui três exemplares da obra. Os procedimentos dispensados no tratamento textual do original foram os seguintes:

- 1) Procedeu-se, inicialmente, à transcrição do texto em francês.
- 2) Durante a transcrição, foi feita a abertura de parágrafos a cada discurso direto, já que, no original, alguns deles estão dispostos contiguamente.
- 3) As notas de fim foram convertidas em notas de rodapé, integralmente transcritas do original.
- 4) Foram acrescentadas notas de rodapé com o objetivo de contextualizar nomes e referências, indicadas entre colchetes.
- 5) Foram ampliadas notas de rodapé já existentes com o objetivo de fornecer informações adicionais. A ampliação encontra-se entre colchetes, a fim de diferenciá-la do que é de autoria de Denis.
- 6) As traduções do autor de textos atribuídos a Camões foram substituídas pelo seu original em português, quando identificados. As dificuldades de identificação decorreram da existência de trechos entre aspas sem referência direta e de traduções de difícil reconhecimento. Os trechos não identificados foram posteriormente traduzidos do francês para o português.
- 7) Foi incluído um apêndice onde se encontram integralmente poemas de Camões citados ou referidos por Denis.

O processo tradutório de *Camões e José Índio* foi realizado a partir de uma perspectiva semiótica em detrimento de uma abordagem exclusivamente

linguística⁴⁷. Embora o aspecto mais evidente da tradução seja linguístico-gramatical, ela lida diretamente com sistemas, processos e funções de signos. Em linhas gerais, a partilha de uma realidade social por diversos indivíduos é atravessada por uma complexa rede semiótica que faz a sedimentação verbal e não verbal das suas experiências, percepções e sensibilidades. As circunstâncias em que são feitas conformam diferentes mundos, e não se trata de um mesmo mundo partilhado de muitas maneiras. Não há, conseqüentemente, duas línguas cujas sedimentações verbais sejam similares a ponto de ser consideradas representantes de uma mesma realidade social (BASSNETT, 2002, p. 22).

Assim, procurou-se entender como *Camões e José Índio* se organiza e quais relações estabelece a fim de se propor soluções textuais que as assegurassem em português. No original, José Índio trata Camões por “vous” ao longo de toda narrativa, mas, quando o poeta falece em seus braços, trata-o por “tu”. Essa diferença de tratamento é bastante significativa em francês. No Antigo Regime, o uso de “vous” era reservado para relações assimétricas, como a do vassalo em relação ao senhor ou do filho em relação ao pai, enquanto o de “tu” podia denotar intimidade de amantes após o primeiro beijo ou sob os lençóis (DARNTON, 2010, p. 26-27). A troca de de “vous” por “tu” indica uma mudança de postura de José Índio em relação a Camões, de reverenciadora a arrebatada e comovida. Não há, entretanto, formas de tratamento que estabeleçam diretamente essas relações em língua portuguesa. A solução encontrada foi empregar os pronomes pessoais “vós” e “tu” para assegurar essa diferença, tendo em vista obras em português do século XIX. Ainda que “vós” tenha caído em desuso e o “tu” tenha uso regional no português brasileiro atual, eles indicavam, respectivamente, um endereçamento adulator e uma relação de proximidade.

Ao cabo do processo tradutório, procedeu-se à revisão da tradução. Foram realizadas pequenas alterações que pretendiam adequá-la melhor ao português, tendo em vista o leitor. As principais foram:

⁴⁷ Os princípios de tradução foram anteriormente abordados (BARBOSA, 2011).

1) A inversão entre sujeito e objeto e consequente alteração da voz verbal. Por exemplo, “o furor sucedeu o abatimento” ao invés de “o abatimento foi sucedido pelo furor”.

2) A redução de orações subordinadas adjetivas desenvolvidas. Por exemplo, “o leito banhado de lágrimas” ao invés de “o leito que havia sido banhado de lágrimas”.

3) O apagamento de resíduos de algumas estruturas enfáticas do francês. Por exemplo, “traduzindo” no lugar de “foi traduzindo”.

4) O apagamento de pronomes pessoais, especialmente quando expressos pela desinência verbal.

5) Ênfase na indeterminação de alguns substantivos por meio da sua pluralização e do apagamento de seus determinantes.

6) Substituição de alguns dêiticos pelo seu referencial quando houve necessidade de se desfazer ambiguidades, decorrentes do uso em francês de pronomes que substituem constituintes da frase.

No original, há o trecho de uma ode dedicada a Camões, com comentários de Denis. Essa seção recebeu o mesmo tratamento dispensado à narrativa e foi incorporada à versão final do texto.

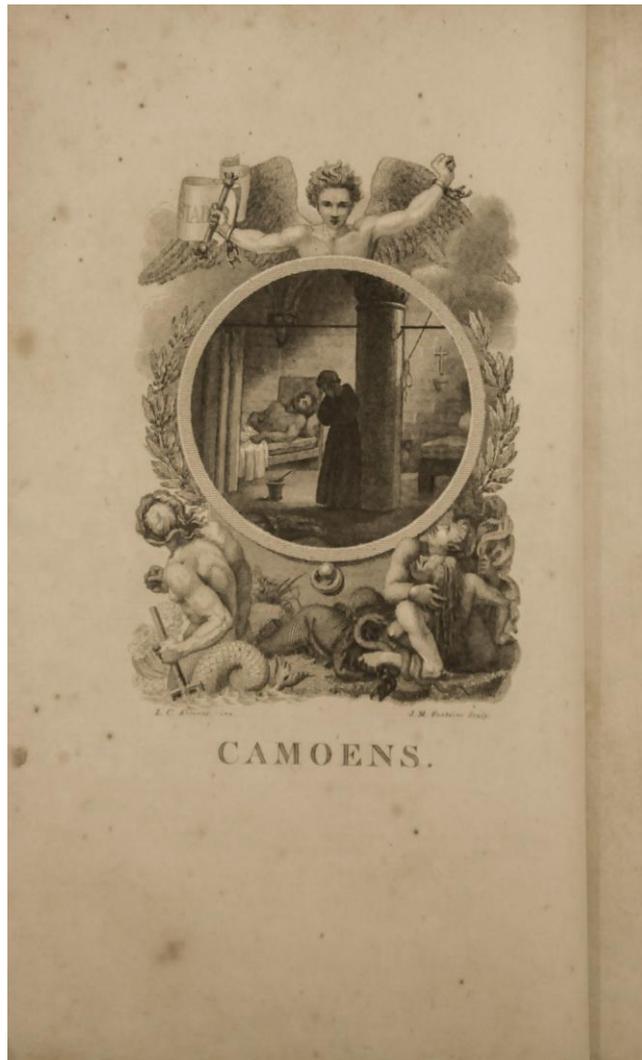


Figura 5: ilustração do original, sem autor. Foto de Francielle Caetano.
Fonte: Biblioteca Central da Universidade Federal do Rio Grande do Sul

ADVERTÊNCIA

Um autor estimável disse sobre Camões: “Encontraríamos nos pequenos poemas do Homero português, nas suas canções, nas suas cantigas⁴⁸, submetidos ao trabalho de uma ávida erudição, a história quase completa de sua vida. Esse é, talvez, o único meio de iluminar a parte obscura de sua agitada existência, que um amor funesto, que o perdeu, como Tasso⁴⁹, preenche.⁵⁰”

Traduzindo as diversas obras de Camões, invadindo-me do ardor que as anima e que lhes dá uma fisionomia muito particular, pensei seguir a ideia de Sané e reviver os infortúnios pelos quais passou o grande poeta, sem me sujeitar à forma rigorosa imposta pela história. Contudo, a narrativa que será lida não é inteiramente ficcional, a maior parte dos eventos narrados aconteceu, e o final é totalmente verdadeiro. O próprio José Índio não é um personagem inventado, é incontestável que ele assistiu Camões nos últimos instantes de sua vida.

Deixei o poeta falar todas as vezes em que pude; as aspas indicam trechos retirados de seus escritos. Eu me baseei, no que diz respeito aos principais eventos, na magnífica edição de Souza-Botelho⁵¹ e utilizei, no

⁴⁸ [Preferimos traduzir *romance*, no original, por *cantiga*, já que ele é caracterizado, em uma entrada de “história literária – séculos XVIII e XIX” do *Le Petit Robert de la langue française* (2009), por “peça poética simples, bastante popular, sobre um tema sentimental”.]

⁴⁹ [Torquato Tasso (c. 1544-1595), poeta italiano contemporâneo de Ariosto, é autor do épico *Jerusalém libertada* (1581). Referências a ele são recorrentes em textos sobre Camões a partir do século XVI, principalmente no que diz respeito ao final de sua vida, marcada pela mendicância e miséria.]

⁵⁰ SANÉ, Alexandre. Suite du coup-d'oeil sur l'état de la littérature en Portugal. In: *Mercurie Étranger, ou Annales de la Littérature Étrangère*. Paris: Arthus-Bertrand e D. Colas, 1813. Tome Premier, p. 272. [Alexandre-Marie Sané (c. 1773-1818) é autor de *Nouvelle grammaire portugaise, suivie de plusieurs essais de traduction française interlinéaire et de différents morceaux de prose et de poésie, extraits des meilleurs classiques portugais* (s/d); foi também tradutor das poesias de Francisco Manuel do Nascimento (Filinto Elísio), *Poésie lyrique portugaise, ou Choix des odes de Francisco Manuel* (1808). Ele integrou um círculo de intelectuais franceses que realizavam a mediação e a divulgação da literatura portuguesa na França no início do século XIX.]

⁵¹ [José Maria do Carmo Souza Botelho Mourão (1758-1725), Morgado de Mateus, foi um oficial e diplomata português. Ele foi ministro de Paris entre 1802 e 1804, instalando-se definitivamente na capital francesa em 1807. É o organizador de uma edição monumental de *Os Lusíadas* (1817), a que Ferdinand Denis se refere.]

monumento erguido à glória do grande poeta, muitos fatos que não se encontram em nenhuma outra parte.

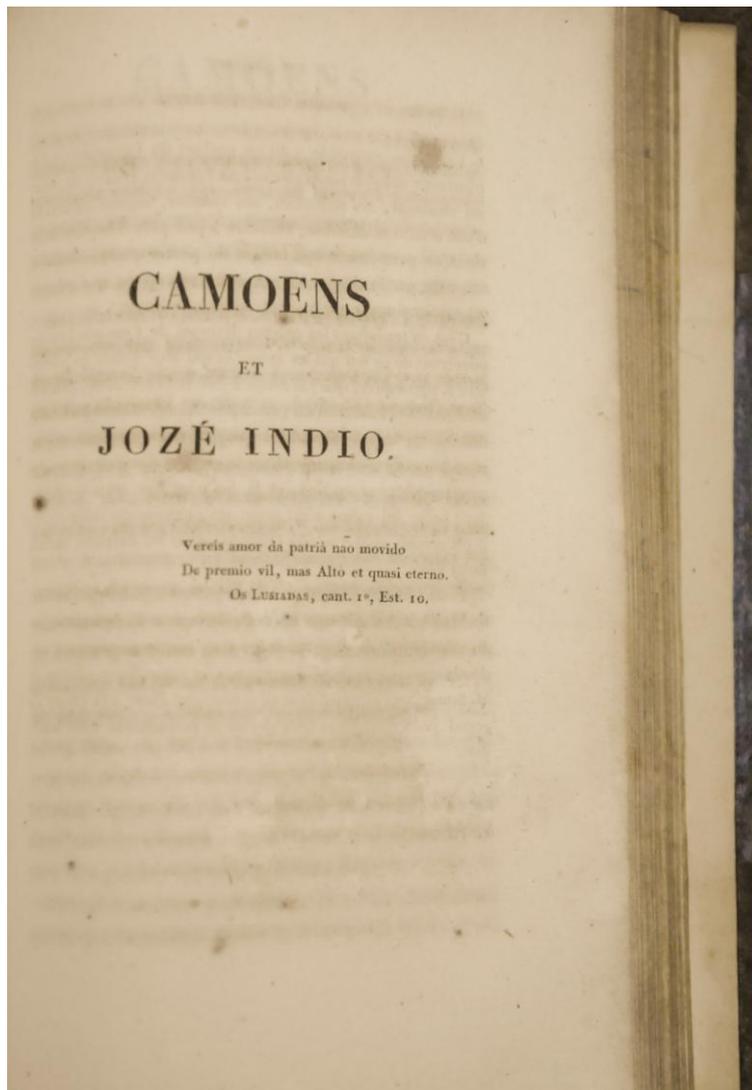


Figura 6: folha de rosto de *Camões e José Índio*. Foto de Francielle Caetano.
Fonte: Biblioteca Central da Universidade Federal do Rio Grande do Sul

CAMÕES E JOSÉ ÍNDIO

*Vereis amor da pátria, não movido
De prémio vil, mas alto e quási eterno*⁵².
Os Lusíadas, Canto I

As águas do oceano agitavam-se há algumas horas em frente a Lisboa, gaivotas anunciavam a tempestade através de seus sucessivos gorjeios, quando, de repente, o vento irrompeu em fúria e ergueu ondas ameaçadoras. Um navio avançava em meio a esse espetáculo caótico; era o Santa Fé, retornando das costas africanas, carregado de riquezas, que os ventos impeliam aos horríveis recifes. Em vão, a tripulação lançava-se aos remos; o capitão mal podia ser ouvido em meio ao barulho das cordas, do rumor das águas e dos gritos de terror. Enquanto isso, o som retumbante do porta-voz golpeava o ouvido dos marujos em intervalos aterrorizantes em que a borrasca não parecia abrandar a não ser para se tornar ainda mais terrível; as velas são recolhidas, uma mão hábil toma o timão e encarrega-se de afastar o navio da paragem que tanto desejaram.

Entre os passageiros, havia dois que não compartilhavam o terror de seus companheiros e que pareciam indiferentes ao que se passava em seu seu redor, ocupando-se apenas com a cena imponente e terrível que a natureza lhes oferecia. O mais idoso principalmente, que reconheciam por seu nobre semblante, por seus gestos plenos de grandeza, animava-se com um ardor poético ao ver as ondas furiosas chocarem-se contra a embarcação: era Camões, que retornava à sua pátria após dezesseis anos de ausência.

– Vede, dizia a um jovem religioso carmelita, que se mantinha, como ele, agarrado aos cabos que sustentavam os mastros menores, vede como as nuvens, acumulando-se acima das nossas cabeças, fazem esgarçar a luz, como todo o oceano encoleriza-se mais e mais! Parece que a máquina do mundo não poderá resistir a essa horrível tormenta, e é agora, em meio ao embate de todos os ventos, que a tempestade provoca suas ruínas, que a

⁵² Embora em edições mais antigas haja *et quasi eterno*, lê-se *e quasi eterno*. [No original, nota de fim. Todos os versos de *Os Lusíadas* foram retirados de *Obras Completas* (1963).]

nossa última vela vai se rasgar; as cordas se agitam com um novo ruído; os marujos pálidos fazem retinir a melodia de seus gritos suplicantes; eles jogam tudo ao mar. Meu Deus! Nunca a divindade mostrou maior fúria, nunca o trovão caiu com maior estrondo.

Assim que concluiu essas palavras, um marujo, passando em sua frente, lançou-se aos remos e lhe disse:

– Vate da Lusitânia, por que não te encarregas de acalmar o céu com tuas preces, em cólera contra nós? Louva a Nossa Senhora da Ajuda e os santos para que nos protejam!

O poeta preparava-se para implorar a assistência divina; o jovem religioso rezava pelo o que os rodeava, quando uma manobra falha expôs a embarcação ao furor de uma onda imensa que cobriu, ruidosamente, com suas águas espumosas, todo o convés: ouvia-se apenas um urro, mas foi terrível, e, quando a água correu, viam-se todos os desafortunados navegadores prostrados à espera do mais atroz destino.

– Meus filhos, exclama Camões em voz alta, mantendo-se ainda em pé, próximo ao mastro principal, eu escapei ileso de tempestades, tudo me diz que reveremos nossa pátria.

Concluindo essas palavras, ele tomou o timão que um marujo abandonara, e a sua nobre autoconfiança renovou a coragem dos marinheiros; os votos pronunciados mostraram que a esperança tomara o lugar do terror; eles se apressam em obedecer ao seu chefe; seus encargos logo obtêm êxito, e eles se distanciam rapidamente dos recifes que tanto recearam.

Conforme se aproximava a segunda metade desse dia terrível, os ventos começaram a se acalmar, os trovões não ecoaram mais, e eles singraram novamente em direção ao porto de Lisboa. Por vezes, viram no horizonte embarcações sem seus mastros e velas, que as ondas ainda agitavam: nesses instantes, ecoavam gritos de clemência, hinos de agradecimento, permanecia uma espécie de terror do perigo de que haviam escapado.

– É assim, então, disse o jovem religioso, que todos os homens regozijam-se ao ver afastar-se a morte. Eu sou o único que não sente a felicidade que se prova ao escapar do perigo.

– Amigo, de nada vale a felicidade de rever vossos conterrâneos?

– Ah! O que eu farei em Lisboa? Haverá apenas lembranças das ricas de família que me exilaram, impedindo-me de me unir à única mulher que pude amar, e de quem tantos males tomaram a vida! O que poderei sentir vendo palácios, a magnificência que tantos outros vão admirar? Desprezei-os para me entregar à solidão; não voltaria a vê-los se a vossa amizade não me trouxesse novamente à Europa.

Não demoraram a desembarcar, todos desejavam apressar-se para cumprir os votos feitos; mas José Índio, único estrangeiro em perigo, nada fizera; para além do céu, todos os seus pensamentos eram de Clara, e, no momento de abandonar a vida, todos estavam voltados a ela: pensava apenas na felicidade de vê-la em um outro mundo.

– Eis-nos, então, disse a Camões, na poderosa cidade onde nascestes; para cá retornamos depois de longas viagens, e o mesmo semblante golpeia nossos olhares. Por toda parte, homens inquietos agitam-se defronte o porto onde cem navios exibem pomposamente seus brilhantes pavilhões nacionais. Insensatos! Parecem querer, deste ponto do mundo, invadir toda a terra. Todos querem deixar a sua pátria, e acredito que em breve só estarão satisfeitos quando aqui empilharem todas as riquezas da Índia. Camões, lembrai aquilo que me disseste um dia sobre o excesso da nossa ambição.

– Jovem, afastai vossos pensamentos melancólicos; sem nossas guerras e viagens, o mundo estaria privado do mais nobre exemplo, e Lisboa não ergueria, com tanto orgulho, suas torres soberbas. Mas vede, enquanto isso, como os homens nos olham com espanto: parece, porque viemos de terras distantes, que estamos cobertos de ouro e seda. Desafortunados! Acreditam, em seu delírio, que não podemos ser vencidos por borrascas, e que a natureza é sempre favorável: ofereçamos a eles, então, um exemplo de avidez punida: que olhem nossos companheiros, ainda pálidos de uma desgraça que nunca se esquece, da perda do ouro do qual têm uma sede tão ardente.

Enquanto falavam, muitos habitantes reuniam-se em seu entorno e perguntavam quem eram aqueles que retornavam à pátria, ou se poderiam informar o destino de jovens que os haviam deixado.

– Meu filho teria a vossa idade, dizia uma mãe a José Índio; há oito anos ele partiu, e nenhuma alma caridosa ainda me deu notícias dele. Ele precisava, então, de vãs riquezas? Era-lhe necessário outra coisa além do meu amor? Dizendo essas palavras, ela enxugava uma lágrima... uma lágrima... que todos os tesouros da Índia não poderiam pagar.

Ao longe, a cena era muito diferente: eram amigos que se reconheciam, marujos que contavam suas aventuras e que pareciam rever-se como se tivessem partido na véspera; mercadores vinham expor aos viajantes tudo o que pudesse atrair seus olhares, mas, percebendo o desastre da noite anterior, afastaram-se imediatamente.

– Meus filhos, disse uma voz à qual estavam acostumados a obedecer, esqueceis-vos de Deus porque ele vos socorreu? Vamos agradecer à Nossa Senhora, e que cada um lembre-se principalmente do próprio voto; não ficaremos para sempre em Lisboa, e, quando estivermos em alto mar, águas encolerizadas poderão nos lembrar de que é melhor não esquecer o prometido.

Imediatamente, quase todos os marujos tiraram seus sapatos e gorros, que os protegiam do sol escaldante; caminhando dois a dois, em profundo silêncio, avançavam em direção à Igreja de Nazaré, entoando ladainhas. A multidão observava-os com uma espécie de atenção caridosa, e mulheres uniam suas vozes às daqueles que agradeciam.

– Vede, dizia um, vibrando de alegria e sem ousar interromper a solene cerimônia, eis o marido de minha pobre irmã que lhe traz, ao menos, o seu amor.

– Segurai-vos firme, dizia um outro, Pedro de Alcântara retornou, é o maior desgosto que ele poderia dar ao seu velho pai.

Em poucas palavras, todos faziam comentários, e ninguém prestava atenção em que deveria atrair o olhar dos portugueses, Camões, que acabava de legar seu nome à posteridade e que caminhava desconhecido.

Estavam próximos do templo, os cantos da multidão já se misturavam aos do padre quando José Índio se aproximou de seu ilustre amigo e disse, suspirando:

– Camões, regressais com tranquilidade, mas eu recém passei em frente a um palácio cuja fachada me trouxe tristes lembranças.

– O amor será esquecido, as lembranças serão afastadas; achais que nunca amei?...

Enquanto dizia essas palavras, entraram na igreja onde milhares de velas reluziam em todos os cantos, entre douraões e estátuas de prata com as quais João III ornara a maior parte das construções consagradas à religião. Todos ajoelharam-se respeitosamente ao ver os desafortunados sobreviventes do naufrágio, e logo um hino de gratidão ecoou pelos arcos da igreja onde, minutos antes, eram ouvidas apenas as frias preces dos que nunca tiveram o que temer.

José Índio, contudo, pusera-se novamente em pé, lançou o olhar em volta de si e segurou, com um movimento de terror, a mão de seu amigo.

– Olhai esta jovem dama, repleta da magnificência da corte, lançar, em direção ao altar, um olhar pleno de melancolia; para mim, temo vê-la; uma fatal semelhança... ou... engano-me...

Após um momento de silêncio sombrio, ele levantou lentamente seus olhos, que fixara no chão, como para questionar um segredo atemorizante, e tremeu novamente... a sua mão estremeceu na mão de seu amigo; uma alegria súbita atravessou o seu rosto. Estava prestes a emitir um grito cortante, a solenidade do lugar o impediu; Camões, adivinhando seus pensamentos, apertara em seu peito a cruz, que ele carregava sob a batina, e mostrara a multidão pela qual estavam rodeados.

– Ah! Ele disse, enfim, com a voz abafada, o maior dos sofrimentos é não poder lamentar-se em frente aos homens, é ser julgado culpado enquanto outros inspirariam compaixão. Camões, ele continuou com um tom de alegria e dor, sabeis pelo menos me compreender: ela vive, mas eu fui enganado; o claustro me chama...

Neste momento, a filha do marquês de Cascais afastou-se com um séquito numeroso; José Índio apoiou-se em um dos pilares do edifício, enrolou-se em seu manto e não pôde conter frágeis gemidos, que bem poderiam ser tomados por lamentos de uma alma arrependida, mas que exprimiam apenas o desespero mais funesto das paixões.

Ele ainda estava no mesmo lugar quando as preces foram concluídas; quando todos se afastaram, Camões aproximou-se e o incitou a segui-lo, repetindo-lhe tudo o que seu coração pôde inspirar.

– Não é ela que vos enganou; não fostes vós que me repetistes, mais de uma vez, que recebestes a notícia fatal de sua morte enquanto o seu pai atravessava, com ela, Castela? Ele, encolerizado contra a vossa família e desejando não se unir a ela, usou sem dúvida um artifício odioso, e a violência do vosso desespero ajudou-o a obter êxito. Agora, José Índio, que a verdade vos foi revelada, é necessário recuperar toda a vossa coragem. Admito que é assustador achar-se coagido pelos próprios sentimentos a repudiar um bem que traria a felicidade para toda a vida; ela ao menos vive; e essa sentença sozinha deve bastar para fazer-vos recuperar a coragem.

– Perdoai, meu amigo, um instante de fraqueza; minha alegria é, na verdade, mais viva do que meus lamentos, e agora devo reprimi-los.

Eles caminharam por alguns instantes, conversando, e, quando perceberam que a noite se aproximava, decidiram pedir abrigo em um convento apenas para aquela noite.

Eles foram, então, bater à porta do grande convento dos franciscanos, mas tudo estava imerso em repouso, e o barulho da aldrava, ecoando no claustro, foi a única resposta que obtiveram.

– Não acordemos os bons padres, disse Camões, pois poderia nos custar caro; os monges gostam, até certo ponto, tanto do repouso durante a noite quanto da agitação durante o dia; por acaso esqueceis que a natureza é meu domínio? As margens do oceano me pertencem, lá podemos desfrutar do repouso sem que estranhos venham atrapalhar as nossas meditações.

Persuadindo o seu amigo, ele o fez atravessar a cidade até que chegaram à praia, perto do porto.

Tudo, então, estava calmo; os aquilões haviam parado de soprar, mas um vento fresco agitava, ao longe, o topo das árvores ; por vezes, nuvens suaves, acumulando-se em torno da lua, eram espalhadas pela brisa da noite, deixando entrever o seu reflexo luminoso sobre o oceano tumultuado, partindo-se em suas águas argêntas.

– Como a solidão é tranquila, disse o poeta; quantas vezes a desejei, sobre o meu rochedo deserto em Macau? Ficais em silêncio, José Índio, mas por acaso sabeis que não sois o único cujas lembranças dilaceram? Ainda jovem, sofrestes; mas eu sofri todo tempo da minha vida. Um pai ambicioso vos persuadiu, devido a rixas de família e a interesses pessoais, que a sua filha, por vós idolatrada, falecera; sucumbis ao claustro; cruzais os mares, correis riscos; mas, pelo menos, após tantas vicissitudes, reencontrais viva aquela que nunca esperaríeis rever. Tenho, em minha memória, lembranças mais cruéis do que as vossas; para contrapor-vos, tenho os maiores exemplos da perversidade humana. Sentai-vos, então, perto de mim, porque, para empenhar-vos a suportar vossas penas, ousou tirar do esquecimento eventos passados cuja lembrança desconcertante torna-me o mais desafortunado de todos os homens.

Se pude desfrutar de alguns instantes de felicidade, foi durante a minha infância; se a tranquilidade contentou-se em ocupar meu coração, foi na época em que vivia perto de meu pai⁵³. Entretanto, logo parti, pois foi necessário, como a tantas outras crianças de Portugal, afastar-me de casa e procurar a ciência onde muitos homens doutos então a ensinavam. Cheguei à cidade de Coimbra, e lá meus desgostos começaram. Por toda parte, queriam persuadir meu espírito e impeli-lo a acatar ideias vãs que ele não conseguia compreender; por toda parte, procuravam conter o ardor que me consumia e permitir-me apenas modelos que os outros seguiam. Ah, Coimbra! Revelavas aos meus olhos eventos fatais, dignos de um novo canto, e teus campos me invadiam das sensações que deviam atormentar Virgílio nos vales da Sicília. Eu visitava, sozinho, as margens do Mondego, e jamais delas retornei sem que lágrimas cálidas banhassem a minha face. Enganado por uma cruel miragem,

⁵³ Ele pertencia a uma família nobre e mantinha alianças com a Casa de Sá, reconhecida por sua coragem.

via jovens vagar sobre as suas encantadoras margens, colher flores e repetir o nome de Inês no meio de seus cantos⁵⁴; mas logo o prazer esvaía-se, o eco do rio passava a reproduzir gritos de desespero, e a rainha daquelas planícies caminhava em direção ao cadafalso, as ninfas desapareciam.

Era assim que, imerso na solidão, tudo falava à minha imaginação, tudo na natureza reiterava que eu era poeta: eu queria viver apenas em campos e florestas; mas era necessário retornar ao jugo dos mestres e vê-los desprezar os pensamentos que me revelavam o que seria um dia. Muitos anos assim passaram; embora as musas não tivessem nenhum admirador mais fervoroso do que eu, a minha inspiração ainda não era constante. Eu admirava todas as coisas sem poder celebrá-las com cantos dignos de memória; eu cantava o amor... ainda não o conhecia; as suas belezas, que poderiam encantar a minha alma, desbotavam em frente ao ser imaginário que criara para mim, e via-me sozinho no mundo, rodeado de pensamentos amorosos e de lembranças imponentes. Eu não possuía nenhuma outra riqueza quando cheguei a Lisboa, mas lá já conheciam o jovem estudante de Coimbra, e me apresentei à corte do soberano onde fui bondosamente acolhido.

Os reis anteriores encarregaram-se rapidamente da glória de nossa nação; Lisboa possuía, desde então, a aparência de uma cidade poderosa. Por toda parte, os espíritos atormentavam-se com a ânsia das descobertas; lembravam-se com entusiasmo de D. Henrique que, abrigado nas margens do oceano, meditava solitariamente a conquista da África e construía numerosas esquadras para conhecer esse vasto país que nos devolvera tantas vezes homens vitoriosos. Afonso, chegando ao trono, reprimira por algum tempo o gênio da nação; mas, sob o reinado de João II, tudo despertara como de um sono profundo; o Cabo das Tormentas fora descoberto, a Índia oferecia-se ao nosso olhar ambicioso. Sob o reinado de Manuel, estabelecêramo-nos em um outro hemisfério, cruzáramos o cabo da Boa Esperança; foram subjugados Sumatra, Goa, Pegu; e mil navios descarregaram em nossos portos as riquezas do Oriente. Todo o universo parecia conspirar para embelezar a corte do rei D. João III; o indiano enviava seus ricos tecidos e brilhantes pedrarias; o

⁵⁴ Todos conhecem seu admirável episódio sobre Inês, em que apurou a mais envolvente sensibilidade.

africano trazia seu ouro e marfim; o brasileiro selvagem ainda ignorava as riquezas que possuía, mas seus presentes não eram menos preciosos, suas plumas estonteantes e seu corante magnífico já embelezavam os palácios de Lisboa.

Tais riquezas, o exemplo do Oriente, a vida errante dos homens que abriam mão do prazer pelo ardor que demonstravam nas suas conquistas, tudo era acumulado para fazer da corte uma estadia de luxo e cortesias; eu procurava, em vão, entre as belezas que compunham seu mais belo adorno, uma mulher como aquela à qual a minha imaginação dera forma, e conservei, por algum tempo, a minha independência. “Quem pode livrar-se por ventura / Dos laços que amor arma brandamente?⁵⁵”, certo dia cantava meus versos: uma bela jovem dignou-se a sorrir-lhes, e suas palavras encorajadoras inflamaram a minha imaginação de um ardor completamente novo e resolvi, desde então, consagrar-lhe a minha vida. Ai de mim! O destino fizera-a nascer em meio a grandezas, ao passo que a fortuna nada queria me conceder. Entretanto, ele soube me distinguir e acolheu meus votos. Ah! Não era apenas a sua beleza que me encantava, era ainda “Um mover de olhos, brando e piedoso, / Sem ver de quê; um riso brando e honesto, / Quase forçado; um doce e humilde gesto, / De qualquer alegria duvidoso; // Um despejo quieto e vergonhoso; / Um repouso gravíssimo e modesto; / Õa pura bondade, manifesto / Indício da alma, limpo e gracioso; // Um encolhido ousar; ãa brandura; / Um medo sem ter culpa; um ar sereno; / Um longo e obediente sofrimento: // Esta foi a celeste fermosura / Da minha Circe, e o mágico veneno / Que pôde transformar meu pensamento⁵⁶.”

Ela recusava diariamente homenagens de muitos cortesãos sem se preocupar em tornar a recusa uma virtude; ela parecia adivinhar a apreensão

⁵⁵ [No original, esses versos estão em uma nota de rodapé correspondente à sua versão em francês no corpo do texto. Eles fazem parte do Canto III de *Os Lusíadas*.]

⁵⁶ Ver o soneto 35. [No original, há uma versão em francês desse soneto, seguida da respectiva nota que mantivemos. A maior parte dos poemas foi transcrita da obra *Rimas Várias*, de Faria e Sousa e, doravante, apenas será indicado o tomo, seguido da página, da seguinte maneira: (RV1, p. 85). A ortografia e a numeração dos poemas foram atualizadas e alguns de seus versos foram emendados a partir da edição das *Obras Completas*, da editora Aguilar (1963). Doravante apenas será indicada a página da seguinte maneira: (OC, p. 301). Quando a numeração divergir entre as edições, será indicado na respectiva nota: em *Obras completas*, este poema corresponde ao soneto 97.]

que me causaram seus numerosos sacrifícios e dispensava continuamente o mesmo cuidado para me esconder as ofertas impressionantes que lhe faziam, que outras usariam habilmente para serem notadas. Meu amor, ai de mim!, era puro como quem o fizera nascer; eu não ousava lutar por sua mão, mas desejava fazer-me digno dela. Bela Ataíde, dizia-lhe algumas vezes, provocais o orgulho de quem nunca deveria senti-lo. Desde que vos dignastes a aceitar meus cantos, uma nobre audácia me conduz; quero ver combates para celebrá-los; quero cantar a glória do que eu poderia conquistar. Ah! Seria doce para mim dar-vos o elmo de cavaleiro rodeado pelas coroas de poeta! Agora que alguns anos passaram, eu posso reconhecer, José Índio, escutando-me falar assim, que uma lágrima escorria de seus belos olhos, um suspiro me permitia entrever quanto a glória com a qual eu desejava cobrir-me lhe causaria desgostos.

Embora meus votos não fossem temerários, meus cantos foram, sem dúvida, indiscretos; a encantadora Ataíde mantinha alianças com as mais nobres famílias de Portugal e era parente próxima do conde de Castanheira; tornaram um crime eu ter notado seus encantos, e meu amor foi punido com o exílio.⁵⁷

Enviado ao Ribatejo, nas margens de um pequeno afluente que deságua no Tejo, não demorei a sentir o que minha situação tinha de cruel. Como um poeta famoso da antiguidade, afastavam-me de tudo o que podia trazer-me a felicidade, mas eu era menos culpado do que Ovídio, e a minha punição era quase tão terrível quanto a dele. Abatido pela melancolia, eu subia, a cada manhã, uma colina e, de lá, lançando meu olhar sobre os rochedos selvagens, via tristemente as ondas espumosas levando, para longe de mim, os barcos que seguiam as calmas águas do rio. “Ó fugitivas ondas, esperai! / Que, pois me não levais em companhia / Ao menos estas lágrimas levai. / Até que venha aquele alegre dia / Que eu vá onde vos is, contente e ledos.”⁵⁸

⁵⁷ Ver a terceira Elegia. [Ao final da tradução, há um apêndice com todos os poemas referidos ou incorporados por Denis em *Camões e José Índio*.]

⁵⁸ Ver Elegia I. [No original, há uma versão em francês desses versos, seguida da respectiva nota que foi mantida. Em *Rimas Várias*, eles fazem parte da Elegia III (RV2, p. 25-29); em *Obras Completas*, da Elegia 5 (OC, p. 360-362).]

Em alguns outros lugares, a solidão era menos triste; árvores balançavam suas folhas no meio a um campo coberto de ricas safras; mas montanhas azuladas demarcavam, ao longe, o horizonte, onde estavam continuamente os meus pensamentos. Eu indagava, sem cessar, quem vinha de Lisboa: entrastes no vasto palácio do soberano? Conhecestes as damas que dele são o mais digno adorno? E meu coração palpitava violentamente se eles pronunciavam o nome da bela Ataíde como a que mais admiravam. Durante a estada na corte, em meio a tantos senhores cheios de si, eu soubera distinguir um homem do qual me tornei amigo; ele não menosprezou vir me encontrar no Ribatejo e me encorajar durante o infortúnio. Era o momento, ele dizia, em que eu podia realizar meus sonhos de glória, que me vira desejar em Lisboa, e me valer do ardor poético que um amor desafortunado ainda apurava.

Nessa época, João III preparava uma expedição na África: os navios já estavam prontos, esperavam apenas ventos favoráveis, quando fui me apresentar ao capitão das esquadras. O sobrenome do meu pai e, talvez, a minha ínfima reputação fizeram-me ser aceito entre os voluntários que procuravam a glória ainda mais do que honrarias. Parti; desembarquei em uma terra estrangeira, e foi então que pude ter uma ideia da coragem terrível dos africanos, defendendo a sua pátria contra os ávidos estrangeiros. Celebrei mais de uma dessas batalhas, cantei seguidamente nossas vitórias, e os soldados entusiasmados repetiam, em meio aos combates, os cantos que me inspiravam nossos gloriosos feitos.

O destino pareceu me favorecer durante algum tempo, saí de numerosas batalhas em que me destaquei sem sofrer ferimentos perigosos; mas, um dia, o navio no qual embarcara avançava pelo estreito de Gibraltar quando foi atacado pelos mouros. O combate foi deflagrado, as embarcações emparelharam-se, e iniciamos a abordagem. Ah! Meu amigo, que espetáculo horrível! Quanto sangue derramado! Eu era um dos primeiros combatentes; todos morriam ao meu redor, todos sucumbiam ao ferro dos africanos; eu mesmo recebi o golpe funesto que me fez perder um olho; mas, nesse momento, eu teria preferido ficar inteiramente privado de luz. Os mouros mantinham a dianteira; por todos os lados, gritos de desespero ecoavam continuamente; queríamos fugir, mas víamos apenas o mar coberto de

carcaças sangrentas, pronto para tragar novas vítimas. Esse espetáculo horrível, aumentando nosso desespero, reconduziu-nos ao combate: a morte era certa, queríamos morrer como bravos portugueses; a Providência não abandonou nossa coragem, ela conduziu nossos golpes, nós saímos vencedores!...

Os gestos do poeta, então, animaram-se, e ele virou o olhar em direção ao oceano, como se quisesse indicar o teatro de sua glória.

– Era, ele retomou, em meio a semelhantes eventos que eu continuava a minha obra; com frequência, eu cantava o amor, “Nũa mão sempre a espada e noutra a pena⁵⁹”; Ataíde estava sempre presente em meu espírito; ela me inspirava alguns dos versos que vos fizeram esquecer, dizeis, tantos males. Eu me tornara mais digno de suas bondades do que pudera ser até então e ansiava o momento de revê-la. Sem esperar que os céus me concedessem semelhante felicidade, obtive da corte a permissão de retornar a Lisboa. Eu não era mais aquele ilustre Camões cujos méritos externos recearam; uma cruel cicatriz me desfigurava, fora enegrecido pelo sol escaldante da África e perdera as graças da juventude em meio aos esforços de guerra. Muitas ilusões também afastaram-se da minha alma, mas eu mantinha todas as do amor, e logo foi necessário que elas fossem afastadas como as outras. Ataíde tinha por mim uma autêntica afeição; percebi mais do que nunca a distância que o destino colocara entre nós, pois o que eu havia feito servira apenas para me aproximar dela sem me dar a mínima esperança.

O que eu posso dizer, meu amigo? Atormentado continuamente por uma paixão fatal, vivi muitos anos na corte, sem poder obter as recompensas que meus esforços haviam assegurado, e que deviam, talvez, à minha coragem. Eu estaria, entretanto, disposto a sofrer em minha pátria se a calúnia e o ódio não tivessem se unido contra mim para me fazer detestar a estada. Um amor prolongado sem esperanças não nos possibilita mais do que impressões dolorosas e nos toma a força de resistir a outros males da vida: eu não encontrava em meu coração motivos suficientes para ficar perto de Ataíde;

⁵⁹ [O trecho aparece entre aspas, sem referência. Ele faz parte do Canto VII de *Os Lusíadas*.]

meus sofrimentos a faziam desafortunada, sem que ela tivesse coragem suficiente para dissipá-los.

Quis, então, ver as terras distantes que os heróis do meu poema atravessaram e decidi afastar-me para sempre de Lisboa, onde, até então, colhera apenas uma ínfima glória, sem ter gozado qualquer instante de felicidade.

Nessa época, eu deixava a primeira juventude; Ataíde parecia a flor que vemos após a borrasca; podia-se dizer que ela era bela! Eu ainda a amava com um vivo ardor, mas a amizade tomara nela o lugar de outros sentimentos. Ela se esforçou, é verdade, para não me deixar partir; ela derramou lágrimas: vi que não eram mais as de amor, que eu ainda vertia; e parti com um sentimento profundo de dor, que purguei nos meus cantos mais melancólicos.

Assim, no meio do meu trajeto, eu estava em um isolamento assustador e não encontrava qualquer consolo nas minhas lembranças, como tantos outros homens. Com o espírito amargurado pela dor, eu deixava o Tejo e, como Cipião, exclamei em meu desespero: “ingrata patria, non possidebis ossa mea!⁶⁰”.

Começamos a navegar sobre o oceano, e meu espírito me transportava em direção a países desconhecidos onde eu achava que a felicidade devia estar me esperando, pois a procurara em vão na Europa. O primeiro lugar em terra firme que se ofereceu aos nossos olhares, onde os devaneios de minha imaginação poderiam realizar-se, foi a encantadora ilha da Madeira. Como meus olhos seguiam com deleite o declive das colinas, erguendo suas florestas até as nuvens! Com que entusiasmo vi aqueles rochedos, estranhamente talhados, avançando, no meio do oceano, e fazendo surgir, com suas formas irregulares, pórticos construídos pela natureza, que pareciam estar em meio às ruínas de Atlântida! Que solidão deliciosa deveria existir nessas montanhas, eu exclamava, que doce tranquilidade poderíamos encontrar nas suas sombras!

⁶⁰ Pátria ingrata, não possuirás o meu esqueleto! Primeira carta. [No original, entre aspas, o trecho encontra-se em latim, estando a nota de rodapé em francês. A *Carta II* (OC, p. 788), *mandada da Índia a um amigo*, da qual Denis retira a citação, passou a fazer parte do cânone camoniano a partir da edição das *Rimas* de 1598. Cipião Africano, o velho (236 a. c.-183 a. c.), estadista da República Romana que conquistou Cartago nas Segundas Guerras Púnicas, teria mandado inscrevê-la em seu túmulo, tendo deixado Roma após ter perdido seu prestígio frente a intrigas senatoriais.]

Ah! Era lá que eu iria para esquecer o amor, ou, melhor, celebrar o seu poder através de cantos imortais.

Felizes habitantes desses férteis recantos, se quiséreis acolher um poeta que se exila, ele cantará tudo o que vos rodeia; uma coroa das flores que crescem sobre vossa feliz costa será a única recompensa que ele exigirá.

Vi ainda outros países onde quis passar o resto de meus dias, mas uma vaga curiosidade me impelia constantemente para novas regiões.

Afastando-me, então, para sempre da Europa, logo coloquei entre a minha pátria e eu uma distância na qual não podia pensar sem derramar lágrimas. Que país finalmente poderá me conceder a felicidade, eu exclamava seguidas vezes! Uma espécie de fatalidade obrigava-me a deixar os únicos lugares que me permitiram ter esperança.

Quantas vezes amaldiçoei pensamentos insanos que me privavam da energia que eu apenas reencontrava em meio a vãs agitações; após os tormentos que a minha alma recém experimentara, após os combates contínuos a que a minha razão submetera o meu coração, ficou-me um vazio assustador que podia apenas ser preenchido pelas cenas mais terríveis da natureza; era em meio a tempestades que eu sentia despertar as minhas ideias; era em meio ao ruído de borrascas que eu cantava Vasco da Gama e seus companheiros. Foi certo dia que, contemplando águas agitadas e ouvindo o ruído dos ventos mais terríveis, o gênio de Adamastor se ofereceu à minha imaginação como o soberano destes vastos mares, como o digno irmão dos antigos gigantes⁶¹.

Durante essa viagem, meus olhos contemplaram frequentemente a natureza em fúria, os elementos não me eram mais favoráveis do que a fortuna, e o navio no qual me encontrava foi o único que pôde escapar da borrasca.

Como se não devesse provar, após cenas tão tumultuadas, qualquer instante de repouso, eu procurava, desembarcando em uma terra hospitaleira, apenas novos perigos e combates ainda mais terríveis do que o dos elementos.

⁶¹ Ver *Os Lusíadas*, canto V.

O rei de Pimenta conquistara as ilhas férteis de um rei poderoso; “fomos tomar-lha, e sucedeu-nos bem⁶².”

Não satisfeito em me ter feito deixar a minha pátria, o destino quis dar-me lamentos ainda mais amargos; descobri que um amigo, talvez o único que me restava, havia deixado de existir⁶³: D. Antônio de Noronha⁶⁴ sucumbira aos golpes de um mouro, próximo a Ceuta.

D. Pedro de Mascarenhas⁶⁵ era, então, vice-rei das Índias, e D. Antônio protegia seus conterrâneos do gênio dele, mesmo nos recantos mais distantes. Era necessário tomar dos africanos o império do Mar Vermelho, eu podia vingar o meu amigo; não demorei a me juntar aos outros guerreiros; mas nossa presença foi inútil, os infiéis escaparam em frente à nossa esquadra. Fomos descansar um pouco no estreito de Ormuz: ele não era propício para dissipar os meus desgostos. “Um seco, fero e estéril monte” e um mar furioso golpeavam continuamente o meu olhar⁶⁶. Eu quis perder nessa terra desolada, mais de uma vez, em tantos lugares diferentes, uma existência fatal e ressequida. “Se de tantos trabalhos só tirasse / Saber inda por certo que algũa hora / Lembrava a uns claros olhos que já vi; / E se esta triste voz, rompendo fora, / As orelhas angélicas tocasse / Daquela em cuja vista já vivi; / A qual, tornada um pouco sobre si, / Revolvendo na mente pressurosa / Os tempos já passados / De meus doces erros, / De meus suaves males e furores, / Por

⁶² Ver a Elegia III. É com esta nobre modéstia que ele sempre fala das ações em que se encontra. [No original, há uma versão em francês desses versos, seguida da respectiva nota que foi mantida. Em *Rimas Várias*, eles fazem parte da Elegia I (RV2, p. 3-18); em *Obras Completas*, da Elegia 4 (OC, p. 355-360).]

⁶³ Ver o Soneto XII em que ele lamenta a morte desse jovem.

⁶⁴ [Antônio de Noronha (1464-1551) foi um nobre português, governador de Ceuta. Faria e Sousa, no comentário que segue ao Soneto XII, escreve (RV1, p. 34): “D. Antônio de Noronha era não só um cavaleiro de muitas qualidades, mas também de muito valor (...); e devia ser dotado de grande engenho e de grande conhecimento das letras humanas e de poesia, pois soube estimar e favorecer o Poeta, de modo que é a pessoa mais presente em seus poemas (...).”]

⁶⁵ [D. Pedro de Mascarenhas (1470-1555) foi um administrador colonial português, o sexto vice-rei da Índia Portuguesa.]

⁶⁶ Ver Canção XIII. [No original, há uma versão em francês desse verso, seguida da respectiva nota que foi mantida. Em *Rimas Várias*, ele faz parte da Canção IX (RV2, p. 67-73); em *Obras Completas*, da Canção 5 (OC, p. 311-314).]

ela padecidos e buscados, / Tornada (inda que tarde) piedosa, / Um pouco lhe pesasse / E consigo por dura se julgasse⁶⁷.”

Ai de mim! meu amigo, eu não tinha nem mesmo nesses lugares selvagens o consolo de receber notícias da minha pátria e daquela que lá deixara: minha única distração era observar os povos que me rodeavam, examinar uma natureza nova, que desejava pintar nas minhas obras, e lembrar aos nossos soldados o que deviam ao belo nome de portugueses.

Cansados de permanecer em um país onde éramos inúteis, no retorno de ventos favoráveis, novamente embarcamos e chegamos a Goa após uma difícil viagem. Ah! José Índio, que assustadora mudança vi nessa cidade! O bravo Mascarenhas deixara de governar, e parece que todas as virtudes foram com ele deixadas de lado: ele fora substituído por Luís de Barreto⁶⁸, que sempre desprezei por vê-lo consagrar-se à infâmia⁶⁹, e que não sabia fazer notar a sua odiosa presença a não ser pela traição, pela pilhagem e pela crueldade. Encolerizado à vista de todas as injustiças que se passavam em meu entorno, fatigado pela narração dos crimes que cometiam diariamente na Índia, não soube conter a minha indignação e traçava com uma mão precisa o quadro fiel dos vícios que sujavam a capital da Índia Portuguesa. Eu dizia em uma sátira: “Que dizeis duns, que as entranhas / Lhe estão ardendo em cobiça? / E, se têm mando, a justiça / Fazem de teias de aranhas / Com suas hipocrisias? / Que são de vossas espias? / Para os pequenos, uns Neros, / Para os grandes, tudo feros.⁷⁰”

⁶⁷ Canção XIII. [Ver nota anterior. No original, há uma versão em francês desses versos, seguida da respectiva nota que foi mantida.]

⁶⁸ [Conforme a *Vida do poeta*, de Faria e Sousa (RV1, §19), e de Souza-Botelho (1819, p. LIV) trata-se de Francisco Barreto.]

⁶⁹ “Tais eram a sua generosidade e a sua grandeza de alma que se viu em nenhuma parte ele nomear o governador pelo qual ele fora tão injustamente maltratado.” Ver Sousa, *Vida de Camões*. [“Irritado Francisco Barreto contra ele, e talvez sentido de ver expostos, e censurados vícios de que participava, ou que não sabia reprimir, como era homem de grande vaidade, e soberba, abusou do poder que tinha, e desterrou Luis de Camões para as ilhas Molucas. Sentiu este por extremo uma tal prepotência, de que se queixou nas suas rimas, dizendo: A pena deste desterro, / Que eu mais desejo esculpida / Em pedra, ou em duro ferro. Mas a generosidade e grandeza do seu coração eram tais que nunca nomeou o tirânico Governador, que tão injustamente o maltratara.” (SOUZA-BOTELHO, 1819, p. LV)]

⁷⁰ Ver *Disparates da Índia*. [No original, há uma versão em francês desses versos, seguida da respectiva nota que mantivemos. Eles não constam em *Rimas Várias*, embora Faria e Sousa os comente na *Vida do poeta* tanto na edição das *Rimas* quanto na de *Os Lusíadas*. A

Eu não esperava o perdão dos monstros que expusera; contente por ter dito a verdade, esperava a retaliação à qual devia imprescindivelmente me sujeitar: logo soube que era necessário me exilar da Índia assim como me exilara da Europa. Visitei, primeiramente, as ilhas Moluco, e poder-se-ia dizer que o destino tinha prazer em me atrair a lugares aterrorizantes em que se testemunha as convulsões da natureza. Em Ternate, eu estava no meio de um país fértil, mas enormes rochedos entristeciam frequentemente o meu olhar; o vulcão emitia seus horríveis sons; os campos eram iluminados, durante a noite, pelos fogos mais terríveis.

Cansado dessa triste estadia, quis visitar Malaca; eu pensava que a sua eterna primavera e seus risonhos arbustos dissipariam meus desgostos; lá encontrei, como em tantos outros lugares, apenas marcas da crueldade dos conquistadores. Entretanto, o céu proporcionava qualquer alívio aos meus males; ele me fez reencontrar, entre os escravos vindos das ilhas vizinhas, o negro cuja fidelidade me vistes tantas vezes exaltar e que, único entre os homens, conhece-me o bastante para nunca me abandonar...

Em todos os países onde pedira asilo, meus conterrâneos apresentaram-se a mim com o semblante pouco favorável; eu via em todos os lugares apenas soldados indisciplinados fazendo-se odiar por um povo desgraçado, e não temi encolerizá-los, mais de uma vez, através dos meus conselhos muito austeros.

Decidi, enfim, partir para Macau: era uma cidade muito diferente das que eu percorrera. Lá, um povo poderoso nos acolheu; pensei que sua antiga sabedoria nos guiaria e que ali encontraria homens como o meu coração figurava; cheguei àquela terra de exílio, vi que não tinha me enganado; algumas pessoas compreenderam as minhas penas e souberam compartilhá-las: eu passava junto delas o tempo que podia furtar ao estudo.

Os versos de *Os Lusíadas* nos quais lembrais a pátria, eu os compus em uma gruta solitária. Experimentastes, como eu, os lamentos da ausência; não ignorais aquilo que se experimenta estando longe de seu país, mesmo quando

redondilha já aparece na edição das rimas de 1595. Em *Obras Completas*, ela aparece como Redondilha 27-Disparates seus na Índia (OC, p. 461-465).]

lá se foi desafortunado. Ai de mim! A maior felicidade é estar só; a maior satisfação é a de não ver objetos que vos lembram uma terra estrangeira; sobre o meu rochedo, eu olhava o oceano: o oceano banha os campos de Lisboa⁷¹.

Eu passei cerca de dois anos meditando continuamente, e esse foi o tempo menos doloroso da minha vida: a esperança de glória tomou o lugar da felicidade. Mas como se os homens se reunissem para não me permitir um único instante de descanso, logo fui encarregado de um cargo importante, pois Luís de Barreto morrera, e não ousavam crer que ele fora injusto: “eu empreguei todos os meus esforços para obter a estima dos meus conterrâneos e eu fui mais feliz nisso do que nos meus outros projetos⁷².”

Entretanto, ao cabo de três anos, não pude resistir ao desejo de rever Goa: Lisboa, sabeis, envia numerosos navios aos seus portos. Eu esperava me por mais a par daquilo que se passava na minha pátria, ou, melhor, eu não tinha forças para ignorar por mais tempo qual era o destino da bela Ataíde. Embarquei com alguns bens penosamente reunidos entre pessoas que acumulavam riquezas com muita facilidade; mas não imaginava que a natureza fosse compactuar com o destino para me fazer perder o fruto dos meus trabalhos. Navegávamos perto da costa da China: uma assustadora tempestade formou-se; fomos empurrados para os recifes que ficam nas margens da foz do rio Mecom, e o navio foi partido com estrondos. Em meio à cena de terror que crescia, lancei-me sobre escombros, rejeitei as riquezas que um marujo pegaria e agarrei *Os Lusíadas*, elevando-o com uma mão acima das ondas enfurecidas. “Este receberá, plácido e brando, / No seu regaço os Cantos que molhados / Vêm do naufrágio triste e miserando, / Dos procelosos baxos escapados, / Das fomes, dos perigos grandes, quando / Será o injusto

⁷¹ Extrato de uma carta de Macau, datada de 11 de novembro de 1785 - Eu passei a maior parte de um dia nos jardins do senhor Fitzhugh; eles estão fixados sobre uma rocha bem alta sobre a qual, segundo a tradição do país, o famoso Camões vinha se sentar para escrever *Os Lusíadas*. É uma arcada infinitamente alta, formada por uma única pedra, que serve de entrada para uma gruta que fora cravada quase ao nível do solo. Sobre o pico da rocha, que é sombreada por árvores majestosas, encontra-se um pequeno templo construído ao gosto chinês, ele é visto do porto do mar e das ilhas diferentes que se avizinham. Ver *Le Censeur universel anglais*, t. 2, p. 500. [No original, em francês.]

⁷² [No original, entre parênteses sem referência.]

mando executado / Naquele cuja Lira sonora / Será mais afamada que ditosa!⁷³

Inspirado pela natureza e pela minha fatal situação, foi lá que ousei misturar meus cantos aos do rei David, e que ecos retumbantes retiniram lamúrias de mim arrancadas pelas desgraças dos povos⁷⁴.

Esperei por muito tempo, nesta região aonde tempestades me lançaram, que um navio português viesse me tirar do exílio: eu então empregava tanta energia para me reaproximar da minha terra quanto a que um dia empreguei para abandoná-la; senti que as recordações da pátria nunca se perdem: meus votos foram ouvidos. Um dia, notei uma embarcação que singrava os mares e avançava majestosamente em direção ao lugar onde morava: mesmo desgraçado, eu não era desconhecido; receberam-me com alegria entre os passageiros, e navegamos em direção a Goa.

D. Constantino de Bragança⁷⁵ acolheu-me dignamente, e eu tinha nada do que reclamar, como se um homem tão desgraçado quanto o que eu fora pudesse encontrar na própria alma a força de experimentar a felicidade. Enquanto isso, eu incitava a alegria dos meus amigos por meio da mais risonha acolhida, por meio das mais vivas mesuras. Fala-se em Goa, ainda hoje, do famoso banquete no qual os convidados do poeta foram recebidos com alguns versos, ao invés dos cumprimentos usuais, que lembravam os encantos da amizade e a felicidade de experimentá-los juntos⁷⁶. Ai de mim! A calúnia não

⁷³ Ver *Os Lusíadas*, Canto 10. [No original, em francês.]

⁷⁴ Ver a paráfrase do salmo *Super Flumina Babylonis*; esse é um dos seus mais belos trechos, mas ele perdeu singularmente com a tradução. [No original, em francês. Acredita-se que se refira ao seguinte trecho: “Eu, que estas cousas senti / Na alma, de mágoas tão cheia, / -Como dirá, respondi, / Quem tão alheio está de si / Doce canto em terra alheia? // Como poderá cantar / Quem em choro banha o peito? / Porque, se quem trabalhar / Canta por menos cansar, / Eu só descansos enjeito.”. O poema não consta em *Rimas Várias*; em *Obras Completas*, ele corresponde à redondilha 77 (OC, p. 497-506).]

⁷⁵ [D. Constantino de Bragança (1528-1575) foi o sétimo vice-rei das Índias Portuguesas. Faria e Sousa, na *Vida do poeta* (RV1, §22), comenta que Camões o teria celebrado em pelo menos dois de seus sonetos, tendo por ele legítima afeição (L1, p. 30).]

⁷⁶ Ver a edição de Faria, p. 180. [No original, em francês. Manuel de Faria e Sousa (1590-1649) é autor, entre outros, de *Os Lusíadas* (1639, 2 v.), *Rimas Várias* (1685, 2 v.) e *Europa Portuguesa* (1678-1680, 3 v.). As edições do corpus camoniano organizadas por Faria e Sousa, repletas de comentários críticos e exegéticos, ganharam projeção tanto dentro de uma possível história da impressão da lírica de Camões, que permeia discussões sobre a autoria de textos e o estabelecimento de um cânone, quanto de uma possível história da exegese

me deixou aproveitar, por muito tempo, o repouso que experimentava. O conde de Redondo⁷⁷ sucedera o meu protetor: acusaram-me de ter adquirido junto a ele, por meios ilícitos, os poucos bens que possuía em Macau: este homem era fraco; fui jogado na prisão. Eu traçava, sobre as paredes da minha cela, as lamúrias que me provocavam essa injustiça. Eu acusava sem trégua o destino, que me conduzira através de tantos países para desfalecer entre os meus conterrâneos. Mas era em vão. Eu exclamava, com raiva, pensando na honra, na liberdade⁷⁸: “Que tormento mais cruel existe do que se lembrar durante os males de um bem que se perdeu!” Entretanto, eu não deixei de repetir aos meus inimigos: julgai-me; eles me julgaram enfim, a minha inocência foi revelada, e a vergonha foi dos meus acusadores.

Os numerosos amigos que adquirira reuniram-se para acabar com o cativo, que credores ávidos queriam prolongar ainda mais. Saí da minha triste morada; vi que isso era um bem maior do que todos os outros: cantei a doce liberdade. Estes momentos de satisfação, que aproveitei por algum tempo, como um relâmpago, logo desapareceram; soube da morte da desditosa Ataíde. Não saberia vos exprimir agora o quão dolorosa foi a melancolia que me tomou; eu perdia uma amante que ainda amava; uma amiga na qual colocara todas as minhas esperanças. No meu atemorizante desespero, acreditei vê-la; eu a chamava sem cessar; suplicava-lhe para me escutar; mas ela desaparecia com uma sombra vaga, e eu exclamava: Alma minha gentil, que te partiste / Tão cedo desta vida, descontente, / Repousa lá no Céu eternamente / E viva eu cá na terra sempre triste. // Se lá no assento etéreo, onde subiste, / Memória desta vida se consente, / Não te esqueças daquele amor ardente / Que já nos olhos meus tão puro viste. // E se vires que pode merecer-te / Algũa cousa a dor que me ficou / Da mágoa, sem remédio,

camoniana, principalmente na indissociação entre sua vida e obra. O trecho não foi localizado na respectiva obra.]

⁷⁷ [D. Francisco Coutinho (1517-1564) foi o oitavo vice-rei das Índias Portuguesas e o terceiro nobre a receber o título de conde de Redondo, criado pelo rei D. Manuel I. Faria e Sousa (L1, p. 30) comenta que ele, tendo sucedido D. Constantino Bragança, também favorecera “nosso grande poeta”.]

⁷⁸ Ver as suas epístolas. [No original, em francês. A referência não foi identificada nas respectivas obras.]

de perder-te, // Roga a Deus, que teus anos encurtou, / Que tão cedo de cá me leve a ver-te, / Quão cedo de meus olhos te levou.⁷⁹

Eu não tinha forças para sobreviver por mais tempo àquela que tanto me fizera sofrer; decidi pegar em armas para ao menos ser útil à minha pátria, sacrificando a minha vida. Servi durante algum tempo entre os voluntários da Índia, vi novos lugares, experimentei novas desgraças. Mesmo sendo de sofrimentos contínuos, o tempo me provou que dores intensas enfraquecem.

Concedemos um instante de paz aos povos vizinhos; parei de guerrear e pensei que o tumulto dos acampamentos não convinha mais a um homem que desejava empregar o resto de sua agitada vida para tornar mais dignos de Portugal os cantos que lhe consagrara. Nada me prendia mais à Índia, nada me prendia mesmo ao resto do universo; o meu olhar virava, por vezes, em direção à minha pátria; mas, se sua glória me fora sempre cara, novamente um sentimento de tristeza se abatera sobre mim ao pensar em Lisboa.

Eu me enganei, como tantos outros desafortunados, quanto ao que poderia aliviar meu desgosto. A solidão, então dizia, é-me agora tão necessária quanto antes a agitação me convinha: quis ver o que eu cantei; preciso agora descansar. Nunca pensei que a sorte não permitisse aos homens regozijar-se com a obscuridade, mesmo quando é o único bem ao qual aspiram.

Nesta época, Pedro de Barreto⁸⁰ acabara de ser encarregado do comando da fortaleza de Sofala, nas costas de Moçambique: ele me fez diversas ofertas para segui-lo e convenceu-me a acompanhá-lo, dizendo que a solidão absoluta seria nosso bem comum, mas que nós a embelezaríamos com os encantos da amizade. O nome de Barreto já me fora fatal: eu gostaria de ter resistido às promessas que me fazia; mas, se bem observei os homens, eles frequentemente me enganaram. Parti com meu novo companheiro e logo percebi que a amizade era para ele apenas uma palavra vã. Queixei-me por estar com um homem que não me compreendia: ele mal conhecia meu coração; ele apenas procurava em meus discursos uma distração vaga. Em

⁷⁹ Ver o soneto XXIV. [No original, há uma versão em francês desse poema, seguido da respectiva nota que foi mantida. Em *Rimas Várias*, ele corresponde ao soneto XIX (RV1, p. 53); em *Obras Completas*, ao soneto 2 (OC, p. 269).]

⁸⁰ [Pero Barreto Rolim foi governador de Macau em 1562. Ver nota 38.]

Sofala, ele não podia mais ficar sem meus versos; mas era estranho ao ardor divino que os inspiraram e não compartilhava nem mesmo a melancolia que os embelezava. Foi então que chegastes aos meus pensamentos, D. Antônio de Noronha⁸¹, D. Meneses⁸², fostes meus amigos, e os meus desgostos eram então compartilhados.

Enganado e desesperado, desolado por ter apenas uma existência precária no declínio dos meus dias, faltava pouco para que eu deixasse de viver. Ah! Eu dizia, errando sobre as margens da África e lembrando-me dos acontecimentos funestos da minha vida, “Oh como se me alonga de ano em ano / A peregrinação cansada minha! / Como se encurta, e como ao fim caminha / Este meu breve e vão discurso humano! // Vai-se gastando a idade e cresce o dano; / Perde-se-me um remédio que inda tinha; / Se por experiência se advinha, / Qualquer grande esperança é grande engano. // Corro após este bem que não se alcança; / No meio do caminho me falece; / Mil vezes caio e perco a confiança. // Quando ele foge, eu tardo; e, na tardança, / Se os olhos ergo, a ver se inda aparece, / Da vista se me perde e da esperança⁸³.”

Eu escrevia, então, imitando o poeta Sannazaro⁸⁴, um árcade onde eu encontrava todos os pensamentos que, durante a minha infância, os campos de Lisboa haviam me inspirado; para aumentar meu desgosto, perdi essa obra e suspeito que ela pode ter caído nas mãos de um certo Fernão do Oriente⁸⁵,

⁸¹ [D. Antônio de Noronha (1464-1551) foi um nobre português, feito conde de Linhares por D. João III em 1532, e governador de Ceuta.]

⁸² [Aleixo de Meneses (m. 1569) participou da tomada de Azamor em 1513, tendo se tornado capitão de uma esquadra de navios e, posteriormente, aio de D. Sebastião.]

⁸³ Ver o soneto 48. [No original, há uma versão em francês desse poema. Em *Rimas Várias*, ele corresponde ao soneto 48 (RV1, p. 108); em *Obras Completas*, ao soneto 57 (OC, p. 288).]

⁸⁴ [Jacopo Sannazaro (1456-1530) foi um poeta e humanista italiano do Renascimento, membro da Academia Pontaniana de Nápoles e autor de diversas obras, entre as quais se destacam *Arcadia* (1504).]

⁸⁵ Esta é a opinião de Verdier. Ele tem essa obra em mãos e é mais capaz do que qualquer outro para proferir semelhante julgamento. [Timóteo Lécussan Verdier foi um erudito português que, estando exilado em Paris no início do século XIX, contribuiu profundamente para a difusão das letras lusas em França. Próximo de Filinto Elísio e dos demais lusofonistas que lá se encontravam, revisou as edições de *Os Lusíadas* in-fol. (1817) e a em in-8º (1819) de Morgado de Mateus, redigiu um substancioso prefácio para a edição de *Cancioneiro dos Nobres* (1823), e traduziu a *Ode à Camoens* (1825), de Raynouard, e *O Hissope* (1828), de Antônio Dinis da Cruz e Silva. Ferdinand Denis refere-se a ele em algumas passagens do *Resumo da História Literária de Portugal* e retoma essa polêmica no seu prefácio à edição de *Os Lusíadas* de Ortaire Fournier e Desaulles (1841). A obra em questão seria *Lusitânia Transformada* (1607),

cujos escritos são até agora ignorados. Assim, o destino me perseguiu de tal forma que eu não me regoziquei nem mesmo com o único fruto que esperava dos meus trabalhos.

A resignação começava a se entranhar na minha alma quando chegáreis a Sofala: encontrei em vós um amigo que eu podia consolar: encarreguei-me para esquecer meus males a fim de aliviar os vossos. Vós quisestes retornar à Europa, devorava-me o desejo de deixar lá as minhas cinzas; mas a última vontade de um desafortunado não poderia ser atendida, se vós, se outros amigos não me estendessem mãos compassivas. Pedro de Barreto ousou pedir um pagamento para me deixar entrar na África; Cabral e Silveira deram-lhe ouro; ele me vendeu como vendera a própria honra⁸⁶.

Sabeis o que nos acontecera desde a nossa partida da África; encarreguei-me de reanimar a vossa coragem, e, sucessivamente, vi que meus cuidados eram inúteis; agora, vossa desesperança não vos parece injusta? Ah! Se a bela Ataíde aparecesse novamente para mim, acho que eu despertaria de um pesadelo para começar a experimentar a felicidade. O vosso hábito, dissei, priva-vos de qualquer esperança: ah! para vós vale nada a certeza de revê-la, a felicidade de aliviar, um dia, como um verdadeiro amigo, os seus desgostos, que mantém a sua condição humana e que são tão inseparáveis da opulência quanto da miséria. José Índio, eu nem mesmo gozei da dolorosa satisfação de ouvi-la se lastimar: ela sofreu, sem dúvida, pensando em mim, mas jamais vira o quanto eu era desafortunado.

O poeta, terminando essas palavras, pegou a mão do amigo e perguntou se ele não pagara o bastante, com uma vida agitada, pelo pouco de glória que a posteridade lhe atribuiria um dia.

de Fernão Álvares do Oriente (c. 1540-1607), na qual Verdier reconheceria o *Parnaso* perdido de Camões.]

⁸⁶ Bela ideia de Faria e Souza em *A Vida do Poeta*. [“(...) achando-se pobre e tendo privilégios oferecidos por Pedro de Barreto, que se tornara capitão de Sofala, foi-se com ele (...). O tratamento que lhe dispensou Pedro de Barreto em Sofala foi tal que, ao chegar lá alguns navios da Índia (...), decidiu partir neles. Entretanto, Pedro de Barreto o impediu (...) dizendo que ele lhe devia duzentos ducados que com ele gastara, acreditando que o obrigaria, assim, por não ter o dinheiro para pagá-lo, a não embarcar. Entretanto, alguns cavaleiros – Heitor de Silveira, Antonio Cabral, Luis de Vega, Duarte de Abreu, Antonio Ferrão, entre outros – que vinham naqueles navios pagaram por ele, pois queriam trazê-lo de volta à pátria.” (RV1, §24)]

– Mas consola-me a visão de um espetáculo semelhante, ele disse, mostrando o sol que começava a se elevar no meio do oceano: quando observo a vasta extensão dos mares, parece-me ver a glória singrar através de esquadras majestosas, indo levar a todo o universo o nome glorioso dos portugueses. Ah D. Sebastião! É a ti a quem agora pertence o dever de manter o nosso renome; mas alguns imprudentes sonham com uma expedição em meio às areias escaldantes da África. Como a tantos outros europeus, nos será reservado um triste destino! Sol, não acares, então, estes horríveis combates, não permitas que um monarca cristão pereça entre os infiéis! Ó poderoso Rei! Se fores a esses lugares distantes, os teus súditos te chorarão, talvez, durante séculos inteiros sem conhecer as fatais circunstâncias da tua morte.

Ele ainda contemplou, durante algum tempo, em profundo silêncio, o mar que se acalmara por inteiro, e ele teria se abandonado, sem dúvida, aos seus devaneios poéticos, caso seu companheiro não lhe houvesse implorado, diversas vezes, para pensar na partida.

Eles se encaminharam em direção à cidade e logo se encontraram no porto. O movimento contínuo e o barulho da multidão não puderam arrancá-los de seus tristes pensamentos; mas pensaram, enfim, que era necessário encontrar um asilo, pois não podiam descansar para sempre nas margens do Oceano. Eles retornaram ao navio que os trouxera para procurar pelo o que não havia sido lançado ao mar durante a tempestade. A fortuna do desditoso Camões nunca fora considerável; ele então nada possuía. Percebeu tarde demais que a precaução não era uma qualidade da qual podia dar exemplo, pois fizera, indistintamente, oferenda a Netuno de tudo o que lhe pertencia, sem se dar conta de que as riquezas de um pobre poeta não sobrecarregariam a embarcação a ponto de fazê-la afundar, sendo melhor livrar-se de cargas maiores e da pesada artilharia do que de todo o resto. José Índio não pôde deixar de sorrir vendo Camões entrar no bote destinado a conduzi-los em terra firme, seguido de seu escravo, que carregava uma velha armadura e uma caixa repleta de preciosos manuscritos. .

– Aí tendes, precisamente, o suficiente para morrer de fome, ele disse; as musas não tratam melhor quem as serve do que os soberanos; mas vedes

que não fui mais precavido do que vós, pois dei tudo aquilo que possuía a diferentes conventos de Lisboa.

Eles então deram ordens aos remadores para que os conduzissem ao porto, e o poeta, não obtendo sequer uma única palavra do seu companheiro, que parecia imerso em um devaneio profundo, começou a recitar algumas estrofes para celebrar a alvorada:

Já a roxa manhã clara / Do Oriente as portas vinha abrindo, / Dos montes descobrindo / A negra escuridão da luz avara. / O Sol, que nunca pára, / De sua alegre vista saudoso, / Trás ela, pressuroso, / Nos cavalos cansados do trabalho, / Que respiram nas ervas fresco orvalho, / Se estende, claro, alegre e luminoso. / Os pássaros, voando, / De raminho em raminho vão saltando, / E com suave e doce melodia / O claro dia estão manifestando. // A manhã bela e amena, / Seu rosto descobrindo, a espessura / Se cobre de verdura, / Clara, suave, angélica, serena. / Oh! deleitosa pena! / Oh! efeito de Amor alto e potente! / Que permite e consente / Que onde quer que me ache e onde esteja, / O seráfico gesto sempre veja / Por quem de viver triste sou contente! / Mas tu, Aurora pura, / De tanto bem dá graças à ventura, / Pois as foi pôr em ti tão excelentes, / Que representes tanta fermosura. // A luz suave e leda / A meus olhos me mostra por quem mouro, / E os cabelos de ouro, / Não iguala os que vi, mas arremeda. / Esta é a luz que arreda / A negra escuridão do sentimento / Ao doce pensamento; / O orvalho das flores delicadas / São nos meus olhos lágrimas cansadas, / Que eu choro co prazer de meu tormento; / Os pássaros que cantam / Meus espíritos são, que a voz levantam, / Manifestando o gesto peregrino / Com tão divino som que o mundo espantam.⁸⁷

Transportados por uma harmonia nunca antes ouvida, os botes pararam de repente, e eles tentaram escutar atentamente: corpos inclinados para a frente, mexendo com dificuldade os remos, pareciam temer o desembarque. Eles já haviam chegado ao porto quando ambos se olharam, com um sorriso de surpresa: em um instante, o bote foi descarregado; mas os remadores em

⁸⁷ Ver a Canção V. [No original, há uma versão em francês desses versos. Em *Rimas Várias*, eles fazem parte da Canção III (RV2, p. 29-31); em *Obras Completas*, da Canção 4 (OC, p. 310-311).]

seguida retornaram, sem pedir o soldo que lhes era devido, e foi em vão que José Índio quis fazê-los aceitá-lo: eles lhe repetiram, com entusiasmo, os últimos versos de seu companheiro e se perderam entre as milhares de embarcações que cobriam o cais.

– Vede, disse Camões sorrindo, não é a poesia uma verdadeira riqueza? Enquanto estiver convosco, jamais tereis que temer os golpes da fortuna e podereis mesmo desafiá-los, caso meu gênio não me abandone.

Os dois companheiros de viagem pensaram, então, em encontrar acomodações. Por um motivo do qual não podia se dar conta, mas que invadia seu inconsciente, José Índio encaminhou-se em direção ao bairro da cidade onde morava dona Clara; mas, passando na frente do palácio de seu pai, olhou ao redor com inquietação e quis retornar. Afastou-se rapidamente, como se temesse escutar os conselhos que lhe dava a própria consciência, e parou quase em frente à casa de um antigo criado do marquês de Cascais. Esta simples habitação, que visitara tantas vezes durante os belos anos de sua infância, fora construída na extremidade dos jardins do palácio. Ele então entrou em uma sala baixa, no fundo da qual se via, perto de uma janela engradada, uma mulher, cuja aparência anunciava a decrepitude e que tinha um rosário na mão. Seus olhos estavam fixos sobre a imagem da Nossa Senhora, e os seus lábios, que pareciam agitar-se mecanicamente, murmuravam preces cujo som vago incitava a introspecção. A chegada dos estrangeiros não a incomodara; eles se sentaram sem ousar tirá-la de suas piedosas ocupações; ela não os via e continuou a manusear o rosário.

– Ah! Ela disse, enfim, com um ar de profundo desgosto, é necessário que eu reze, por ele, a oração dos mortos: ele nunca retornará. Apesar de tudo o que se possa agora dizer, eles o enganaram, e essa traição provocou a sua morte; mas eu, que o incitei a deixar a pátria para dissipar a própria dor, poderia eu crer que se tratava apenas de um fingimento cruel? Assim, então, pobre jovem, teus amigos ajudaram a te enganar como os perversos que te odiavam.

– Pudesse vossa compaixão receber a devida recompensa, Rita, disse então José Índio. Uma palavra do que tudo pode traz quem julgamos os mais distantes.

A velha o olhava, então, surpresa; seus olhos, que há tanto tempo apenas exprimiam tristeza, brilharam de prazer; mas ela ainda não pudera reconhecer inteiramente quem lhe endereçava a palavra, e era, em alguma medida, o pressentimento da alegria que animava o seu semblante. Entretanto, ao cabo de alguns instantes, ela tomou a mão de José Índio e o olhou mais atentamente; lágrimas banharam a sua face venerável; ela se lançou de joelhos em frente à imagem de Nossa Senhora à qual pareceu agradecer com o mais vivo ardor.

– Sim, meus votos foram atendidos, ela disse, abraçando o jovem que se esforçava para levantá-la, a minha morte não será atormentada por pensamentos desesperançosos; dona Clara não me açoitará mais com seus desgostos.

– Ela, então, chorou pelo meu destino, disse José Índio, estremeando; ela, então, compadeceu-se com meu infortúnio?

– Perguntais se ela derramou lágrimas! Ah! Pudésseis vós encarar, na minha memória debilitada pela idade, todas as que ela verteu em meu colo crendo-vos culpado. Eu deveria vos esconder, mas, tendo sido muito atormentada pela lembrança de meus funestos conselhos, não tenho coragem; aliás, às almas virtuosas não se deve revelar tudo; o que faz os outros sucumbirem não lhe dá um novo ânimo? Conheci, então, os lamentos dela, pois são o único bem que vos resta. Um dia, não podendo resistir à dor que ela exibía, eu a fiz conhecer por qual trama odiosa fostes enganado. Desde esse momento, houve menos amargura em seus lamentos, achando-vos inocente; na sua alma, houve menos dor, mas, assim como eu, ela não sabia do vosso ingresso na ordem... Meu filho, a ausência é como o tempo, ela tudo consola, alivia mesmo a desesperança...

José Índio parecia ainda escutar, mas o que acabava de lhe ser dito era apenas um ruído confuso que não alcançava os seus sentidos.

– Assim, então, disse o poeta, a desgraça deixa de pesar sobre vós! Ah! Se eu alguma vez houvesse encontrado uma amante fiel, meus infortúnios teriam sido mais fáceis de suportar; é necessário vos consolar como eu fiz; é necessário esperar que a idade conduza à razão.

O jovem pareceu, então, sair da espécie de letargia em que estivera, e seus olhos, exprimindo as paixões que atormentavam sua alma, pareciam interrogar aquela de quem ouvia palavras de consolo. A velha logo o compreendeu e não lhe deu tempo para fazer a pergunta que prevera.

– Ai de mim! Ela disse, se a religião não vos arrancar qualquer esperança de falar com ela, o que fareis com o vosso amor frente ao poder de um pai que vos sacrificaria, sem arrependimentos, em nome de rixas de família e do respeito que tem pelos próprios ancestrais? Temei, principalmente, que ele vos veja. A velhice não mitigou o seu caráter, e, com um só olhar, ele ainda faz tremer tudo o que lhe é subjugado.

– É necessário, entretanto, que eu a veja ainda hoje, mesmo que pereça. Pensais, Rita, que o sol escaldante da África aliviaria meu ardor? Acreditais que a desesperança atenuaria meu caráter?

– De jeito nenhum, ela respondeu, de jeito nenhum; os anos me deram prudência, e não permitirei que caminhais à vossa perdição. Clara raramente vem me visitar, não posso fazer-vos gozar a felicidade de vê-la nesta casa onde passastes tantos belos anos de vossa infância; esperai até o fim do dia, entrareis nos jardins e podereis vê-la com facilidade, em meio dos salões do palácio, jogando com as suas companheiras.

– A condição que ela vos impõe, disse Camões, não é tão dura: pudera o destino não trazer mais terríveis!

Uma parte do dia já se passara, e, enquanto isso, José Índio contivera, com sofreguidão, a própria impaciência: era em vão que, por meio de sábios discursos, procuravam acalmá-lo; o lugar onde se encontrava trazia-lhe mil lembranças da juventude, e sua alma parecia um fogo ardente que devora tudo o que a ele se opunha. Quando a noite começou a surgir, a sua agitação cresceu ainda mais; ele caminhava a passos precipitados, parava como tomado de terror, e seu olhar lançava-se com inquietação em direção às solitárias alamedas do jardim vistas ao longe; ele via atentamente o sol que fragilmente ainda se mostrava no horizonte; diriam que procurava acelerar seu caminhar demasiadamente lento.

Enfim, a escuridão espalhou-se por toda a natureza, e não foi mais possível controlar sua justa impaciência. Ele já passara o umbral da porta; já ia abrir caminho em direção aos bosques solitários, como um insensato, quando seu amigo o convenceu a parar e a não se lançar com tanta pressa.

– Crede, ele lhe disse, que deixo às vossas paixões o cuidado de vos conduzir? Meus conselhos não vos pertencem mais, assim como a minha espada? Ide, ide, José Índio, há muito tempo consagrei à amizade o ardor que agora vos leva em meio de todos os perigos.

O jovem virou seu olhar terno para ele, lágrimas de gratidão resplandeciam; ele avançou, com mais calma, em uma das alamedas laterais do jardim; e implorou a seu amigo para esperá-lo perto daquele local afastado, enquanto se encarregaria de ver o que acontecia nos salões do palácio; mas Camões não quis concordar com a separação antes de garantir-se dos riscos que ele podia correr.

Plantado pelos mouros, o jardim do marquês de Cascais oferecia uma admirável diversidade de flores e de árvores preciosas. Via-se, à frente do canteiro, leões de bronze, construídos sobre pedestais, lançando uma água límpida que caía em um vasto tanque. José Índio resolveu esconder-se ali e começou a ouvir sons vagos de alaúdes e de mandolins que saíam dos salões mais distantes e se misturavam ao murmúrio das fontes e à cantoria dos convidados. As janelas ainda não estavam iluminadas, quando, de repente, o barulho redobrou, numerosos valetes trouxeram muitas tochas, e o vasto salão consagrado aos prazeres logo se encheu de cavalheiros e de damas ricamente trajados. Os olhos de um amante não teriam dificuldades em distinguir aqueles que os cativaram há tanto tempo:

– Vede, ele disse ao seu amigo, estremecendo de prazer, vede como ela as supera em beleza; logo retoma com mais veemência: como todos os homens se comprimem ao redor dela! Que homenagens lisonjeiras! Não, duque de Alcântara, conde de Meneses, ela não será vossa!... E a sua mão colocou-se involuntariamente do lado de onde se encontrava, anteriormente, a sua espada... Ah! Eu respiro, continuou, seus olhos pareciam desprezá-los; mas ela não é insensível com todo mundo, ele disse novamente, com um tom de voz abafado: ela sorri ao duque de Almeida, aceita flores dele; com quanta

ternura ele a olha... Vede este velho, cujo ódio é satisfeito: como ele se regozija com a minha dor! Oh! Camões, Camões, ela não sabe o quanto sofro!

Neste momento, as danças se formaram, flautas e oboés ecoaram seus sons altissonantes e cobriram o grito de dor que o desafortunado José Índio não pudera conter.

– Saíamos, ele disse, mas retornarei amanhã e então verei se sou o mais desafortunado dos homens.

No dia seguinte, ele esperou que a festa estivesse em curso para entrar nos jardins: envolto em seu manto, escondia um alaúde que servia, com frequência, para tornar encantador seu tempo livre, e cujos sons, suspirando, Camões escutara mais de uma vez. Ele se escondeu novamente atrás dos leões de bronze e suplicou a seu amigo para afastar-se um pouco. A noite estava triste, o vento sufocante, viam, ao longe, alguns relâmpagos perpassar as nuvens; a natureza parecia tomar parte na agitação do desafortunado monge. As janelas do palácio já estavam abertas para que pudessem aspirar o frescor da noite, e se enxergava Dona Clara sentada entre suas companheiras, que ela animava com histórias plenas de jovialidade. Em meio dessa alegria tranquila, sons lamuriantes ecoaram fracamente, e ela estremeceu; mas os acordes cessaram de repente, e ela sorriu às suas companheiras, dizendo que o barulho do vento a assustara. Entretanto, pela segunda vez, o alaúde se fez ouvir: Clara empalideceu, não era mais um delírio da sua imaginação, ela ainda não adivinhava quem podia ser aquele que se encontrava tão perto dela, mas tristes lembranças percorreram sua alma, e seus olhos perderam toda a jovialidade.

– Ah! Disse uma das suas alegres companheiras, é difícil que este amante melancólico venha suspirar mais perto de nós; acho que a sua harmonia some com o vento e que seu amor também é, assim, efêmero...

A perturbação de Clara aumentava, e podiam facilmente perceber o que se passava com ela.

– Vede, disse a condessa de Palmela, vede, ele não tem culpa por não ser fiel, seus acordes não produzem um grande efeito?

– É o Almeida, disse uma, reconheço os sons do alaúde.

– Então os ouvistes com frequência? Disse a bela Maria.

– É o conde de Meneses quem nos dá esta triste serenata, mas, minha querida Clara, dissipai vossos desgostos; nós o conhecemos, ele não experimenta a dor que esse instrumento tenta exprimir; e com uma só palavra, aliás, ela acrescentou sorrindo, será fácil a vós fazê-la cessar.

Todos guardaram profundo silêncio, então, para escutar o músico, mas ouviam apenas o murmúrio da fonte que se misturava ao barulho do vento. A jovialidade desaparecera inteiramente, e fizeram vãos esforços para recuperá-la; logo as jovens afastaram-se, deixando Clara entregue à amargura de suas reflexões.

– Ai de mim! Ela disse quando ficou sozinha, ai de mim! Ele provavelmente deixara de existir, mas a sua lembrança não me deixou, e seus acordos de tristeza deveriam ser inúteis para me lembrar o quão querida fui por ele.

Neste momento, uma nova cantiga ecoou; Clara, comovida, não pôde impedir-se de reconhecê-la, e lágrimas inundaram sua face. Arrebatada por um poder irresistível, vencida por lembranças antigas, como um relâmpago, ela pulou os degraus que conduziam aos jardins e encontrou apenas um religioso que estava em sua frente.

– Meu irmão, ela lhe disse, com um tom de desespero, meu irmão, sois vós o encarregado de me trazer seus últimos lamentos? Ou, ainda, deveis vós me açoitar com suas últimas palavras?

– Ai de mim! Senhora, respondeu o jovem, com uma voz alterada, quando ele acreditou que tudo o que amava no mundo deixara de existir, quis também morrer; o destino não serviu aos seus votos, e agora ele maldiz a própria existência...

Ele diz essas palavras, e os soluços o impedem de continuar. Clara o reconhecera, mas suas lágrimas não podiam misturar-se às de seu amante desafortunado, um profundo desfalecimento livrou-a do sentimento de suas penas.

José Índio a toma em seus braços; ajudado por seu amigo, ele a leva para a casa de dona Rita, onde os cuidados mais ternos lhe são dedicados. Ela volta a si, e seu primeiro olhar lança-se ao homem tão ilustre que ela vê. Percebendo seus traços marcados pelo desgosto, o hábito que prova tamanho sacrifício, ela cai de joelhos e verte lágrimas calorosas.

– Clara, disse-lhe o jovem, levantando-a, é tempo de nos resignar; agora que vos vi, quero pensar nos deveres que o hábito me impõe.

– Não! Ela retomou, não sereis o único que fareis ecoar, no claustro, vossos gemidos; se eu estiver separada de vós pelo resto da minha vida, que o nosso destino seja o mesmo, que nossas tumbas confinem os mesmos arrependimentos.

– Ai de mim! Clara, não torneis minha dor ainda mais viva insistindo nesse fatal projeto: o que eu poderia desejar mais do que uma dessas lágrimas que recém vertestes? Quem poderia me consolar de vos ter feito sentir os males que agora experimento... Ah! Ele continuou, mais resignado, não teríeis sequer um instante de felicidade, enquanto a providência me reservara muitos. Os desertos da África não são repletos desgraças que posso redimir? A solidão do Novo Mundo não se oferece ao meu fervor?... Os homens não pararam de sofrer, e meus consolos não serão inúteis.

– Sim, disse Camões, ele irá a países distantes e disseminará a sua generosidade; é a vossa lembrança que o fará desafiar todos os perigos; em meio às areias escaldantes da África, perto do mouro indomável, é por vosso nome que ele libertará nossos conterrâneos; é o vosso nome que pronunciarão, com ele, ao agradecer à divindade. Na Índia, no campo de batalha, ele irá socorrer os feridos, e lhes dirá: meu irmão, bendizei o anjo que me anima. Por todos os lados vos adorarão; por todos os lados falarão de vós; e como seria ele desafortunado? José Índio, vossos olhos animam-se com um ardor divino, e vemos que sois capaz de provar a felicidade sublime que acabáreis de vos criar.

Clara, comovida com essas palavras, contemplava, chorando, o augusto semblante do poeta da Lusitânia; ela lançou, em direção ao seu amante, olhares que pareciam interrogá-lo.

– Sim, disse o jovem, é ele quem me tornou mais digno de vós; é o seu exemplo que deve nos encorajar; Camões sofreu antes de consolar!...

– Quem o ignora, disse Clara, quem não conhece seus cantos? Meu amigo, rezemos por ele para nos ajudar sempre: sinto que suas palavras trazem esperanças; como seu exemplo deve nos manter.

Uma parte da noite passou com conversas semelhantes; essas três pessoas, tão compenetradas ouvindo umas as outras, não conseguiam separar-se.

– Meus filhos, disse a boa Rita, que os escutava em silêncio, vossas palavras são sábias, mas o tempo passa tanto para as boas quanto para as más ações: é necessário retirar-vos, poderemos nos rever.

Essa esperança, com a qual José Índio não ousara contar, reanimou sua coragem; ele leu nos belos olhos de Clara que ela a compartilhava; seu olhar demonstrou-lhe gratidão, e ele se afastou menos dolorido.

De volta ao convento dos carmelitas, aonde fora para conseguir asilo ao seu amigo, José Índio reafirmou a nobre decisão que tomara e, se esperava com impaciência o momento de rever Clara, era para comunicar-lhe a sua decisão; ele já se arrependia de ter perturbado o repouso que talvez nunca mais pudesse ter e mesmo sentia, com tanta força, o quão doloroso é estar privado de vida.

Seis dias já haviam passado, o tempo escorria lentamente para José Índio, e, enquanto isso, tristes mudanças começavam a se operar em Lisboa: uma peste funesta, vinda das margens do Oriente, cujo furor alguns desgraçados sentiram, demonstrava, com terríveis sintomas, que iria devastar todos as camadas da sociedade⁸⁸. José Índio nada temia por ele, mas, se não podia mais controlar a sua impaciência, as ordens dos seus superiores o impediriam de se afastar; mesmo assim, seus pensamentos mostravam-lhe Clara constantemente exposta ao mais horrível flagelo. Que sofrimento! Durante uma semana inteira, as portas do convento foram abertas apenas para receber horríveis notícias, para lançar o espanto em todos os corações.

⁸⁸ Chamam-na ainda de a grande peste: ela ocorreu em 1569. [Episódio mais devastador da peste negra em Portugal, em que teria morrido a maior parte da população de Lisboa.]

Enquanto isso, o flagelo continuou a devastar; o perigo é tão grande que deve ser coletivo. O monarca ordena a abertura de muitas casas religiosas, que o perigo fechara; o que para os outros é um assunto de alarde, liberta José Índio e Camões do peso que os oprimia. Acostumados, na África, aos horrores da peste, eles se preparam para socorrer os seus conterrâneos desafortunados; mas quem ama tem grandes deveres a cumprir, e o palácio do marquês de Cascais é o primeiro lugar aonde o jovem religioso leva o amigo. Dona Rita, vendo-os entrar, lança, sobre eles, seu lânguido olhar.

– Ah! Ela lhes diz, agora percorreis, sem parar, os vastos salões do castelo, se os mortos não os assustam.

José Índio empalidece; um olhar sinistro interroga quem o circunda.

– O anjo que nos consolava antecipou-me? Ele diz, lançando seu olhar em direção ao céu.

– Ela vos antecipou, talvez, em decisões generosas: tendo escapado, como por um milagre, do flagelo que nos desola, ela é vista levar a todos os lugares seu consolo, e agora, se vós penetráreis no interior da cidade, vós certamente a vereis, pois ela é encontrada onde o perigo cresce. José Índio, eu deveria, talvez, esconder isso de vós, mas ela fala frequentemente de vós nas suas santas ocupações; ela teme que a peste vos alcance no claustro e vos tome a força de ser útil a vossos semelhantes.

– Como?! Disse o jovem, ela assim se expõe, e eu ainda não estou junto dela!... Ela desafia a morte, e eu não a procurei mais! Clara! Clara! É necessário muita coragem para renegar tanta virtude!

Assim falando, um novo ardor parece animá-lo. Camões, enfraquecido por ferimentos antigos, penosamente o segue; a sua coragem é mais branda, seus sentimentos mais amenos, mesmo não tendo menos deles, fervoroso para socorrer os seres que sofrem. Viam-no percorrer, com o jovem religioso, ruas quase desertas: eles oferecem aos habitantes desafortunados bem mais do que um gélido consolo; é a piedade compassiva que solapa seus últimos instantes.

Eles entram, enfim, no asilo dos pobres, fundado pelo rei João III, é lá que todos os males parecem reunir-se, com a miséria, para oferecer um

aterrorizante espetáculo de mortalidade. Os corredores, por todos os cantos, oferecem apenas os funestos cadáveres de quem mais nada têm a temer; uma calma atemorizante reina por todos os lugares, sendo interrompida apenas por alguns gemidos vindos das construções ao redor. Eles sobem escadas, atravessam salões, alguns habitantes corajosos os acompanham e querem compartilhar os perigos aos quais se expõem. Um triste murmúrio os acolhe; homens pálidos e desfeitos levantam-se lentamente para bendizê-los e logo caem, vencidos pela fraqueza. Rodeada de generosas companheiras, uma jovem mostra a eles unguentos e lança-lhes um olhar compadecido, que parece reanimá-los.

– Sim, disse um velho, amanhã não existirei mais, mas verei aquele de quem sois imagem e semelhança; bendirei o vosso nome em meio da corte celeste.

Neste momento, o jovem religioso aproximou-se: não distinguiu Clara de imediato, e foi compartilhando os cuidados de um desgraçado que eles se reconheceram.

– Meu amigo, ela lhe disse em voz baixa, vejo agora que a providência envia a quem favorece instantes de bênção desconhecidos ao resto da humanidade. Quem acreditaria que, perto deste leito de dor, em meio ao espetáculo que golpeia nosso olhar, eu agradeceria aos céus por não ter ainda encontrado a morte? José Índio, meus últimos instantes seriam muito terríveis se fosse necessário deixar a vida sem vos ter revisto.

Um olhar acabara de dizer o que ela experimentava: eles continuam a avançar pelos vastos salões do asilo, oferecendo palavras de consolo aos que estavam atormentados pela dor; era um espetáculo digno de admiração vê-los esquecer o amor para compartilhar seus cuidados com tantos desgraçados.

Foi necessário, enfim, retirar-se; as portas do convento foram abertas para receber o jovem religioso e seu companheiro; eles demonstravam, no claustro, menos inquietude, mas talvez mais medo. Eles viram de perto algo de que podiam traçar apenas um débil quadro; e, quando começou a hora da prece, foi com um novo fervor que se juntaram aos seus companheiros.

– Meu Deus, dizia José Índio, preservai-a e tomai a minha vida.

– Meu Deus, dizia Camões, salvai a minha triste pátria, e que eu sucumba.

Os votos deles não foram atendidos. Na manhã seguinte, descobriram que a peste devastara terrivelmente durante a noite; foi necessário que os carmelitas sepultassem as tristes vítimas que sucumbiram perto do convento, e, apesar de seus votos e de sua terrível impaciência, José Índio só pôde vencer a distância que o separava do asilo nas últimas horas do dia.

Ele entrou no funesto asilo da miséria, mas então ninguém o seguia, nem mesmo o seu amigo, cuja humanidade levava a outros lugares. Ele avançou, e ninguém o parou; após ter caminhado por algum tempo, chegou, enfim, perto da cama deste bom velho, cujos sofrimentos tentara aliviar e que a divindade parecia ter preservado; ele o ouvia atentamente, pois se pôs a suspirar, e algumas lágrimas umedeceram seus olhos enfraquecidos.

– Ai de mim! Meu filho, ele não é dado a quem parece ainda habitar os mesmos lugares. O velho, que se crê o mais próximo do túmulo, tem, frequentemente, de lamentar os seres que o socorreram... Meu filho, ele acrescentou, com um suspiro surdo, foi perto de mim que ela faleceu... eu vi este anjo que vos acompanhava afastar-se da vida; mas, o que digo? Eu a vi lutar contra a morte: poucas horas bastaram para raptar da terra tanta bondade. Ai de mim! Um mal impiedoso golpeou-a no meio das mais nobres ações... suas forças não eram superiores à sua humanidade como a sua coragem, e ela não resistiu por muito tempo...

Durante a narração, o olhar de José Índio colocava-se, desolado, sobre tudo o que o rodeava; ele o fixou, enfim, sobre o velho, com uma assustadora imobilidade, repetindo as últimas palavras que acabara de ouvir; mas, à força de lembrar ao espírito a ideia assustadora que elas continham, pareceu compreender o próprio infortúnio; ele saiu, emitindo atemorizantes soluços, e os seus passos conduziram-no para perto do convento que eles quiseram nunca ter deixado.

Foi então que a coragem abandonou-o inteiramente e que a razão dele se afastou. Em vão, ele queria ir à casa do marquês de Cascais, buscar vingança e abandonar a vida. Forçavam-no a descansar, e ao furor sucedeu o

abatimento: uma longa febre o tomou, e ele se tornou menos desgraçado. No seu delírio, ele a revia; mas teria sido necessário que a ilusão fosse eterna, e o tempo a dissipou. Ninguém se ocupava dele; os sofrimentos de tantos outros justificavam essa indiferença; o único amigo que lhe restava, Camões, dividia seus cuidados entre ele e tantos outros que demandavam a sua piedade. Quando o flagelo começou a dissipar-se, ele se reaproximou, e seus cuidados lhe devolveram a vida. Tão logo ele estava em condições de deixar o leito, banhado de tantas lágrimas, uma tristeza desoladora tomou o lugar da agitação que acabara de experimentar; não proferia uma só lástima; nunca pedia consolo. Um dia, apenas, disse a Camões:

– Entre todos os homens, vós sois o único digno de louvá-la; negar-me-eis eternizar a sua memória?

– Eu a celebrarei, disse o poeta, unirei a minha dor à vossa, mas, antes disso, irei gravar para vós, sobre o seu túmulo, estes versos do divino Petrarca⁸⁹:

Questa anima gentil che si diparte,
anzi tempo chiamata a l'altra vita,
se lassuso è quanto esser dê gradita,
terrà del ciel la piú beata parte.

Após escutar essas palavras em um profundo silêncio, o jovem religioso ficou absorto, durante algum tempo, e disse:

– Não deve começar a minha peregrinação? Não prometi atravessar a terra e levar aos homens os consolos que não pude experimentar? Parece-me que é tempo de cumprir a minha missão. Ah! Por que, então, permanecerei aqui? Devo procurar prolongar a minha existência na inútil ociosidade do claustro, entre homens que me olham como um insensato, porque nunca sentiram o que senti? Tal é a minha fatal posição que receio mesmo estar encarregado da nossa amizade; ela deixa de sustentar a coragem, Camões, quando não pode mais fazer vislumbrar a esperança, nem que seja de um tempo mais longínquo... Pareço-vos injusto, meu amigo, pago bem mal vossos

⁸⁹ [Francesco Petrarca (1304-1374), poeta e intelectual italiano, tornou-se célebre por sua obra *O Cancioneiro*, em que canta a sua musa, Laura, com aquilo que viria ser chamado, por Dante, de *dolce stil nuovo*. Na nota 31, encontra-se a versão em português desse poema, interpretado por Camões.]

cuidados e vossos consolos; tendes, novamente, benevolência, pois não poderei decidir me afastar, se não pensar que as vossos desejos me acompanharão na minha triste viagem; e, aliás, não me falarão de vós nos lugares que vou percorrer? Eles me falarão de quanta resignação tivestes necessidade, de quanta coragem foi necessário armar-vos durante toda vida; e esses conselhos, que encontrarei em recantos distantes, não me serão inúteis.

– Parti, pois mais nada pode vos segurar entre nós, escapai de Lisboa, mas não esqueçais, por muito tempo, o vosso amigo. Os anos e, ainda mais, os cansaços forçam-no a parar: ele vos acompanharia caso ousasse de novo mostrar, em terras estrangeiras, a face empalidecida no meio dos combates; ela atesta, simultaneamente, a ingratidão de Lisboa e os meus trabalhos. Mas esconderei, doravante, as falhas da minha pátria, celebrando as suas conquistas: nós nos reencontraremos, meu amigo, o tempo e as viagens terão, então, mitigado algumas das vossas penas; talvez assim que a glória me tiver coroado com alguns louros.

Após este momento, o poeta começou a dar ao jovem religioso todos os conselhos necessários para guiá-lo nas suas longas viagens; não quis mais morar no convento, retirou-se, com seu escravo, para mais longe, em uma casa isolada, onde queria terminar o poema imortal que apareceria alguns anos depois. Foi lá que José Índio foi, certo dia, despedir-se dele; ele partiu, com a esquadra da Índia, e teve tempo apenas para apertar, entre seus braços, o homem respeitável que ele amava como um pai. Mas, então, lamentou intensamente as próprias riquezas; pois ele deixaria Lisboa com menos amargura caso pudesse oferecê-las ao seu amigo, cuja penosa posição previa.

Ele foi a bordo de uma das embarcações que iam procurar as riquezas da Ásia e que ofereciam a ela, em troca, apenas os ferros dos conquistadores. Quando, durante o curso de uma penosa navegação, ouvia marujos desejarem terra firme, ele exclamava, com amargura:

– Eles aí encontrarão, talvez, a felicidade; eu prefiro a visão das ondas; não é essa a imagem da minha vida?... Não conseguiram se acalmar, o vento as abaterá sobre alguma margem distante...

Enfim, ele desembarcou na capital das Índias portuguesas; reconheceu a verdade do que lhe dissera Camões. Perto do fim do reinado de João III, os portugueses não possuíam mais o valor espantoso de quando eram conduzidos pelos Albuquerque e pelos Almeida: as guerras empreendidas na costa de Malabar e nas Molucas haviam acabado; não era mais o ardor das conquistas que os impelia, era o amor das riquezas, a avidez do ganho. Reunindo esforços, os príncipes da Índia prometeram-se vencê-los; e a sua coragem recebera a mais nobre das recompensas; viam-se, em grande parte, livres do jugo dos estrangeiros.

– Ai de mim! Disse um velho guerreiro que José Índio interrogava sobre o antigo poder de seus conterrâneos, não estamos mais no tempo em que D. Constantino realizava, com um punhado de homens, a conquista da cidade de Daman; em que Luís de Ataíde subjugava a república de Bracalor. Em torno dessa época, seiscentos portugueses eram suficientes para defender a cidade de Goa dos esforços de Hidalcão, que a assediava com cem mil bárbaros seguidos de dois mil elefantes de guerra. Lembrais-vos do cerco de Chaul e do príncipe Moluco, obrigado a fugir após mais de nove meses de cerco, embora tivesse enviado, sob os muros dessa cidade, cento e cinquenta mil guerreiros, que combateram menos de mil portugueses sob o comando de Francisco de Mascarenhas: lembrais-vos de Jorge de Moura, de Antônio, libertando, com um punhado de homens, o forte de Onor, que uma rainha audaciosa defendia com seis mil guerreiros. O Samorim, cercado a fortaleza de Chaul, acreditou que ela retornaria ao seu poder; Antônio, aliado a Diego de Meneses, fez com que ele visse que se gabava cedo demais do sucesso e menosprezava seus cinquenta mil homens; bastavam duzentos dos nossos conterrâneos a D. Leonis Pereira para resistir, em Malaca, ao rei de Achem, que vinha com duzentos navios e quinze mil combatentes; eles recuaram após ter perdido o filho do seu chefe. Diego de Meneses era temido em toda a costa de Malabar; as cidade tremiam ao vê-lo; enfim, a maior parte dos reis do Oriente, quando se reuniam para caçar os audaciosos europeus postos sobre suas margens, viam-se forçados a fugir vergonhosamente. Testemunhei uma parte desses gloriosos eventos que se sucederam tão rapidamente; mas, repito, meu irmão, o luxo é o

único fruto que retiramos das nossas conquistas: o luxo prepara a nossa decadência.

José Índio não quis ficar mais tempo em um lugar em que se sentia inútil; percorreu um grande número de cidades: viu homens que os europeus desprezavam, pois não podiam compreendê-los, e que, entretanto, transmitiam-se, há séculos, ciências que seus conquistadores só conheceriam depois de muitos anos; mas, se a singular harmonia, que reinava nas instituições daquela nação inocente e que a impedia de adotar os hábitos dos estrangeiros, provocava-lhe espanto, ele se surpreendeu ainda mais quando ela não soube se submeter ao jugo dos muçulmanos e dos cristãos. Ele ficou, então, em meio a esses povos inumeráveis que preferiam a sua longa servidão a uma guerra que teria sido breve. Essa escolha excitou a sua compaixão; mas viu, principalmente, com pesar, que haviam executado muito bem as ordens dadas a João de Castro, quando lhe recomendaram empregar meios mais rigorosos para extirpar a idolatria entre os gentios.

As cenas variadas que se passavam sob seus olhos bem podiam dissipar, por um instante, suas lembranças de Clara; mas ele as reencontrava sozinho, como se reencontra um sonho aflito que se quer evitar.

– O Tejo e o Ganges, ele dizia, entranham, em seu curso, parcelas brilhantes de ouro puro; que as suas águas lancem-nas ao esquecimento, pois o esquecimento será quase a felicidade! Há apenas vós de quem eu queira me lembrar, ah Camões, vós que mal conhecem. Será que sabem que fazeis mais pela glória do vosso país do que os tão admirados capitães no outro lado dos mares? Ai de mim! A fama, frequentemente, não sabe distinguir um grande homem; e o reconhece apenas quando morre!

Passando rapidamente em lugares que seu amigo não visitara, José Índio procurava todos em que ele se hospedara. Após ter percorrido grande parte das cidades da Índia, entregando alguns prisioneiros, ajudando, com seus conselhos, aqueles que pareciam ter esquecido que o desgosto sabe atravessar os mares; após ter, enfim, incitado os seus conterrâneos a cultivar, com os nativos, a terra fértil que devastavam há quase um século, retornou a Goa, onde encontrou uma carta de Camões: mais de dois anos haviam passado desde que fora escrita. Ela informava que *Os Lusíadas* fora impresso;

que lhe concederam uma ínfima pensão; mas que a reputação ficava limitada àqueles que circulavam na corte, e que há muito tempo ele ignorava o caminho que conduzia para perto dos grandes.

– A posteridade será mais justa, disse José Índio, ela repara as falhas do presente; que não faça reviver também o infortúnio que ela admira!

Nesta época, a parte da Índia ocupada pelos portugueses tornara-se, ao invés de domínio das ordens religiosas, um domínio de guerreiros; o amigo de Camões sentiu que se tornava inútil: havia oito anos que vagava de lugar em lugar; a lembrança de sua pátria agitava, com frequência, a sua alma com a mais doce emoção.

– Agora, ele dizia, posso rever Lisboa; encontrarei consolo nos lugares que amarguraram a minha dor. À medida em que me aproximo do momento de rever Clara, sinto um funesto prazer em me ocupar dela; talvez ele destrua a minha vida pouco a pouco; mas o viajante cansado não teme acelerar seu curso quando o ponto de chegada se apresenta aos seus olhos... Aliás, a amizade me chama; devo agora lhe consagrar a minha existência: percorri, por bastante tempo, a terra, visto como um estrangeiro pelos homens; quero retornar para perto daquele a quem nada do que me aconteceu é desconhecido; que, sabendo compreender meus pensamentos, fará uma doce troca dos seus, dir-me-á que me lastima, e, com uma só palavra, ajudar-me-á a terminar o penoso caminho da vida.

José Índio embarcou, então, em um navio que partia para a Europa; ele deixou os mares da Índia, e, estando longe, pareceu-lhe que recomeçava uma vida nova. As águas mais agitadas agradavam-lhe mais, porque anunciavam a pátria. Como todos os navegadores impacientes em rever a terra desejada, olhava, com ardor e sem parar, as velas, infladas por um vento favorável, e receava vê-las cair sobre os mastros: via, sem parar, a proa do navio repartindo rapidamente as ondas que se afastavam, rumorejando, rompendo-se embranquecidas pela espuma, e elevando, ao longe, massas de vapor. Eles pouco haviam se distanciado da África quando encontraram uma embarcação portuguesa, portando o pavilhão da ilha da Madeira, navegando com todas as velas estendidas. Quando se encontraram a pouca distância um do outro, o porta-voz ecoou e chamou a atenção, com um barulho surdo e lento que se

misturava ao das ondas, dos ouvidos atentos dos pilotos que conduziam a embarcação sobre a qual vinha José Índio.

– As praias da África, ouviam então, estão cobertas pelos exércitos do rei D. Sebastião, que quer reviver os bons dias da glória lusitana. Nós lhe levamos novos reforços, pois as tropas que ele tem de combater são inumeráveis...

Um profundo silêncio sucedeu essas palavras, como para dar tempo de os deixar compreender, e a voz se fez ouvir de novo.

– Portugueses que vindes do combate na Índia, deveis vencer conosco os infiéis... Nosso soberano assim exige de todos aqueles que sabem empunhar armas... Nossos mais bravos guerreiros deixaram as margens da pátria para tomar de assalto novas conquistas... Se os africanos foram vistos invadindo os campos férteis da Europa, nós queremos aniquilá-los sobre as areias escaldantes da África...

– Honra ao rei D. Sebastião! Exclamavam nas duas embarcações; e as bandeiras foram hasteadas no topo dos mastros, e as armas fizeram-se ouvir, como se já quisessem celebrar uma vitória.

Ao cabo de três dias, os navios chegaram a Tânger: uma armada numerosa já havia chegado; e viam a costa coberta de tropas de diferentes nações, que vinham vingar-se dos africanos pelos ultrajes feitos por seus ancestrais aos habitantes da Europa. Ali doze mil portugueses, comandados por D. Alonso de Aguilar, dispunham-se a avançar em direção a Arzila; mais adiante, alemães, conduzidos por Martim de Borgonha, espantavam-se ao se ver em um clima tão diferente e preparavam-se para mostrar aos mouros que eles jamais venceriam. Viam, perto dali, seiscentos italianos, conduzidos pelo marquês de Linster e indicando, com presunção, que aquelas costas pertenceram há muito tempo aos seus ancestrais; alguns batalhões de velhos grupos de Castela, um grande número de aventureiros, um grupo imenso de escudeiros completava, enfim, o exército de D. Sebastião e igualmente contavam com a vitória que aumentaria a sua glória, ou os cobriria de riquezas.

José Índio avançou em direção a alguns nobres, que conhecera anteriormente, e viu que os mais experientes duvidavam de uma guerra que nada parecia motivar.

– A Espanha, que devia nos auxiliar, parece se regozijar em nos ver caminhar em direção à morte, disse o duque de Aveiro, pois, após esta batalha, seremos escravos, ou pertenceremos a ela.

– Os céus estão, evidentemente, contra nós, acrescentou Vasco da Silva; mas os mais manifestos agouros não aterrorizam um rei imprudente. Que necessidade temos de devolver, ao seu trono, um infiel que não soube merecê-lo⁹⁰?

– Que nos digam mortos, exclamou D. Duarte, e que não nos insultem. Desde quando os portugueses estão acostumados a se verem ameaçados de perder seus bens se não forem ao combate?

– Desde aquele tempo, disse José Índio, em que só sabem dar a própria vida. Cavaleiros! É a vós que pergunto, é justo agora que precisamos de semelhantes discursos? Nunca foi necessário enfrentar os mares para vir a estas costas, e não tivestes tempo para dizer ao rei que a sua juventude imprudente o impelia, que os portugueses já haviam feito conquistas suficientes? Agora, sem dúvida, é necessário morrer, mas só depois de ter vencido. Duque de Aveiro, lembrai-vos de que o estandarte era carregado por um religioso da minha ordem quando Afonso V expulsou os mouros das margens do Salado? Três vezes quiseram tomá-la, três vezes ele soube defendê-la. Confiai a mim o seu, eu saberei impedir mesmo que se aproximem dele. Ah Camões! Parece-me que escuto a tua voz; não me repetiste tu, com frequência, eu morrerei no dia em que a minha pátria perder a sua glória.

⁹⁰ Tal era o pretexto principal dessa guerra religiosa, planejada durante muito tempo. Tratava-se de prestar socorro ao antigo rei do Marrocos, tirano abominado por seus súditos, com quem o próprio tio disputava o direito da coroa. Ele demonstrou grande moderação, empregou todos os seus esforços para impedir D. Sebastião de continuar a sua empreitada. Ver o que Rabbe diz sobre esse assunto. [“A guerra contra os africanos fora decidida sem outro motivo além do pretexto gasto de tomar as cidades dos inimigos dos cristãos; mas um acontecimento inaudito deu à empreitada uma aparência especial de generosidade e de justiça. Mulei Mohammed, deposto do trono de Fez e de Marrocos por seu tio Mulei Moluco, pediu a ajuda do monarca português.” (RABBE, 1824, p. 214, tradução nossa)]

– Meu irmão, respondeu-lhe o duque, sendo um dos amigos do poeta, só poderíeis ter nobres sentimentos; pegai o estandarte e segui-nos.

– Vós o conhecestes? Perguntou José Índio com um novo acaloramento.

– Não, mas o admiro.

– Ah! Não sois amigo dele! Ai de mim! Ele terá, um dia, todo o universo para louvá-lo, e ninguém o terá ajudado a suportar os males da vida.

Neste momento, o rei, coberto com seus brasões de Azur, passou à cavalo e deu o sinal da partida; seguia-o o príncipe maometano, e um séquito numeroso se comprimia em torno dele. Começaram a marchar em direção a Alcácer Quibir; mas, quando chegaram perto do rio Mocazim, as tropas já estavam sendo consumidas por uma fome devoradora e pelo ardor do sol escaldante que lançava seus raios sobre campos incultos. O rei decidiu, então, parar, evitando a batalha, para que o frescor da noite reanimasse as forças dos soldados; até que o imprudente Aldana veio suplicar-lhe, para a ruína de seu país, que não adiasse mais⁹¹. Seus batalhões ostentavam cento e cinquenta mil guerreiros sob os seus olhos e já cobriam uma vasta porção do terreno. Tão logo o príncipe Mulei Moluco percebeu a decisão dos cristãos, ele se prepara para recebê-los ainda que esteja morrendo: formando um semicírculo de imensa extensão com seus soldados, ele começa a rodear o exército português, mas seus guerreiros são repelidos por um punhado de heróis acostumados a vencer mesmo quando o perigo é o mais premente. Logo um bando de bárbaros sucumbiu; logo proclamaram a vitória entre os cristãos, quando uma voz, que os bravos nunca ouviram, exclama: Parai! Retornai sobre vossos passos. Escapar? escapar?... Exclamou Rodrigues de Sá⁹², vendo o

⁹¹ Ver Faria, *Europa Portuguesa*, t. 3, p. 22. [Ferdinand Denis, da nota 43 à 48, faz sucessivas referências ao terceiro tomo da obra *Europa Portuguesa* (1680), de Faria e Sousa. Serão indicadas apenas as páginas, entre parênteses, das quais foi retirado o respectivo trecho, da seguinte maneira: “Como haviam partido com mantimentos para apenas cinco dias e já marchavam há sete, começaram a sentir fome: por isso não esperavam começar a batalha naquela manhã, tendo por certíssima a vitória, após ponderar que seria um inconveniente ainda maior o dano que poderia causar a investida estando enfraquecidos pela fome do que estando cansados da missão anterior sob o sol ardente (...). O rei já estava convencido a esperar pela manhã para batalhar com a comodidade do frescor, quando aparece o capitão Aldana, babando, mordendo as mãos e batendo no peito e nas bochechas, dizendo a ele que perderia caso não se começasse logo a batalha.” (EP, p. 22-23)]

⁹² Faria, *Europa Portuguesa*, t. 3, p. 24. [“No instante em que iam seguindo em frente, ou deviam seguir, ouviram uma voz (que por permissão divina devia ser infernal) dizer Volver,

esforço daqueles que o seguiam, meu cavalo não sabe recuar⁹³. E, lançando-se em meio aos inimigos, desapareceu aos olhos dos seus companheiros. A morte desse homem corajoso não foi inútil: os inimigos foram impedidos de enfrentá-los uma segunda vez; D. Sebastião vê ressurgir a vitória; o desafortunado Mulei Moluco procura lutar novamente com ele. Pálido e desfeito, ele se lança sobre um cavalo de batalha, quer combater de novo, não pode levantar um braço enfraquecido pelos ferimentos, e morre de dor vendo escapar os africanos⁹⁴. Hamet Taba, renegado português, opõe uma artimanha à valentia de seus antigos conterrâneos, transportando o corpo do rei na sua padiola, ele parece receber ordens dele, e os mouros, que ignoram seu infortúnio, acreditam ainda combater por um príncipe que veneram. O rompimento dos laços, que prendiam esse general aos cristãos, parece incitá-lo a exterminar as numerosas testemunhas da sua vergonha; nada pode resistir à sua indomável coragem, porque nada pode abrandar seu furor e seus remorsos. De repente, Peres de Távora, que o parara antes, cai morto em meio a seus soldados; Diego Lopes crisca o ar com seus gritos; a derrota começa; o duque de Aveiro morre gloriosamente. O rei corre ao socorro dos alemães que faziam uma nobre resistência: é em vão, tudo sucumbe aos esforços dos mouros, e D. Sebastião logo não pode esperar mais do que uma gloriosa morte; ele procura, ainda, excitar o seu cavalo de batalha; mas o nobre animal cai, perfurado por mil golpes. Jorge de Albuquerque dá o seu a ele, retorna ao combate e lança-se no meio do tumulto. Ele encontra José Índio, defendendo o estandarte contra uma multidão de bárbaros; o religioso leva-o para longe deles e vê-se seguido por aqueles de restavam de seus conterrâneos.

– Circulemo-na e caiamos com ela⁹⁵! Diz Sebastião.

Volver; Recua, Recua. Ouvindo-a o conde de Matosinhos, João Rodrigues de Sá, e reconhecendo a sua maldade, disse: recua? O meu cavalo não sabe recuar, e, seguindo corajosamente em frente, não foi mais visto.” (EP, p. 25)]

⁹³ Como buelta?... micavallo no sabe bolver. [Ver nota anterior.]

⁹⁴ V. Faria *Europa Portuguesa*, t. 3, p. 24. [“(...) vendo novamente o inimigo em cima de si, voltaram a empurrá-lo com a mesma prosperidade da vitoriosa fortuna; o Rei, seguido por Aveiro, acossaram Moluco que, vendo-se perdido, saltou, pôs-se em um cavalo e, exortando os seus guerreiros, caiu morto (...).” (EP, p. 25)]

⁹⁵ Faria, *Europa Portuguesa*, t. 3, p. 26. [“De outro lugar distante, ouviam a voz do alferes-mor D. Luis de Meneses pedindo socorro contra uma multidão de bárbaros que queriam arrancar-lhe o estandarte das mãos. Acudiu-o Jerônimo Ribeiro Pinto e, colocando-se à frente, com espada e escudo, deteve-os até que Luis de Brito, a cavalo, pegou o estandarte e saiu

– Não, responde Cristóvão de Távora, cabe a nós morrer; deixai-vos ser preso pelos inimigos.

Neste momento, são cercados pelos árabes; o combate recomeça com furor, José Índio eleva o estandarte; seus nobres companheiros olham-no mais uma vez, desferindo seus últimos golpes.

– Pudesse a sua vista tornar nossa morte menos dolorosa! Ele fala e a agita mais uma vez, ferindo, com seu gládio, os audaciosos inimigos.

Tudo morreu em torno dele; seu cavalo cai; os árabes empunham o estandarte, incitando horríveis gritos de alegria.

– Ah Camões, que dirias tu? Exclama José Índio, levantando-se, um campo de batalha onde os portugueses foram vencidos; nossa glória perecendo no meio dos campos da África! Rei!... Rei!... continuou, enxergando D. Sebastião, que avançava em direção do rio de Alcácer, eu te lastimo, pois vi tua coragem; mas o que dirá a posteridade?

Ele atravessou o campo de batalha, e suas palavras se misturaram às lástimas dos feridos.

– Não lamenteis a vida, dizia a um velho soldado; não havia mais conquistas pelas quais esperar; vossa morte é gloriosa, meu irmão, a recompensa é digna de vós... Eu a lastimo, ele continuava, endereçando-se a um jovem que pronunciava o nome da sua bem-amada, é a ela que ficam todos os comandos de retirada: tendes, ao menos, a glória. Eu sei, meu filho, o que tem de amargo os arrependimentos que duram o resto da vida... Melo, Cintra, Vidigueira, tivestes parte no seu socorro; vossas vozes moribundas juntaram-se aos seus últimos consolos, e endereçáveis de novo vossos agradecimentos, quando ele vos mostrou, com uma mão, o céu ao qual pertenceis, e, com a outra, o campo de batalha onde fôreis vencidos.

No dia seguinte, acreditaram ter encontrado, entre os mortos, o corpo do monarca português. Muitos de seus criados tornados cativos não o reconheceram, entretanto a presunção dos muçulmanos construiu, em Alcácer,

correndo. Seguiram-no até que conseguiram arrancar-lhe o mastro, assim chegou até onde estava o rei que, vendo-o agarrado àquela sagrada bandeira, disse-lhe: abracemo-la e morramos sobre ela!” (EP, p. 26)]

um soberbo túmulo para ele. Ao cabo de alguns dias, José Índio foi resgatado por portugueses de Tânger com alguns de seus conterrâneos sobreviventes da carnificina⁹⁶; eles embarcaram em galeões comandados por Diego de Sousa e viram, enfim, as torres de Lisboa.

– Ah, minha pátria! Exclamou José Índio, é necessário que o meu retorno seja sempre marcado por funestas catástrofes?

A sua passagem por ruas e praças provocava consternação; eles confirmavam o que todas as pessoas sábias previram, e o que alguns desafortunados sobreviventes dos desastres de Alcácer Quibir já haviam anunciado. Entretanto, o povo esperava ver, novamente, o jovem príncipe cujo heroísmo imprudente arremessara-o em um abismo de infortúnios; ele interrogava, inquieto, José Índio e seus companheiros; e não podia crer nesse fim desgraçado, como se o cetro fosse garantia de imortalidade...

– Que mudança nove anos produziram na minha pátria! Disse o religioso, logo ela não terá mais do que lembranças da sua grandeza, assim como me resta apenas a memória de meus trabalhos e sacrifícios? Ele é um homem que ainda pode ilustrá-la; mas, sem dúvida, à medida que seu olhar é posto em quem causa, neste momento, a sua ruína, ela esquece o poeta que lhe consagrou, por trinta anos, seu gênio e sua espada.

Seu pensamento não o enganara: em vão perguntava por Camões nos lugares em que ele morara anteriormente, pois o nome do seu amigo era desconhecido; e, a cada dia, ele retornava à sua cela sem saber qual era o destino do ser que respeitava como a um pai.

– Ai de mim! Ele dizia algumas vezes, a morte o usurpou de mim; não devo mais ter esperanças de revê-lo; e suas buscas inúteis confirmavam-lhe tal pensamento.

Um dos seus primeiros cuidados fora visitar a tumba que a família Cascais fizera erguer, com tanta soberba, à doçura e à modéstia. Um dia, assim que seus olhos, em uma escuridão imóvel, fixaram-se sobre os traços

⁹⁶ Apenas cinquenta homens puderam escapar da morte ou da escravidão. Faria, p. 29. [“Da morte e da escravidão apenas cinquenta homens puderam livrar-se naquelas infames areias, sabemos os nomes destes: D. Rodrigo Lobo, D. Diego de Melo, N. Vaz de Melo, Duarte de Castro de los Rios, Tomé da Silva e Gaspar de Sousa.” (EP, p. 29)]

que o mármore evocava fielmente, e cuja imagem era ainda mais funesta, versos recentemente riscados abateram-se sobre seu olhar. Eles celebravam virtudes que pareciam ter sido ignoradas em meio a tal magnificência; endereçavam-se ao seu coração, e logo lágrimas escorreram.

– Mármore insensível, o que te anima? Ele exclamava, o que te faz dizer, de uma maneira tão tocante, um adeus que esta boca parece querer pronunciar?... Quem, com uma única palavra, pôde fazer desaparecer toda esta pompa para apenas lastimar uma alma angelical, um amor eterno, como o meu... Ah Camões! Vives ainda e acabaste de me revelar...

Repleto de esperança, não deixou, pelo resto do dia, o lugar que viera visitar; foi em vão, parecia que o grande poeta de Portugal teve de sacrificar a sua glória para o mais profundo dos esquecimentos.

Ele saía do templo contra a própria vontade, seus olhos lançavam-se ao átrio, onde diversas pessoas estavam reunidas, quando um negro, coberto com os andrajos da miséria, avançou em direção a ele, implorando-lhe caridade.

– Se conheceis meu mestre e sua indigência, sois português, não saberíeis me recusar...

O religioso deu a ele a única peça de prata que possuía; mas o som da sua voz chamou-lhe a atenção, ele iria interrogá-lo, seus agradecimentos convenceram-no de uma verdade funesta.

– Antônio, ele exclamou, és mesmo tu, o que foi feito de meu nobre amigo?

O negro cobria, com lágrimas, a mão do homem caridoso que havia reconhecido. Ele se lançou aos seus pés e, com uma voz entrecortada por soluços, exclamou:

– Perguntais-me sobre o meu mestre, e ignoro seu destino há um dia inteiro. Tudo me faz crer que ele está aterrorizado; ai de mim! tendo nada a oferecer a ele até agora, não ousei procurá-lo.

– O quê! Exclamou José Índio, misturando lágrimas amargas às do fiel criado, o infortúnio abateu-se tão cruelmente sobre vós... O maior homem de uma gloriosa nação sentindo os horrores da necessidade!

– Escutai, retomou o negro, sois o único a quem confiaria o meu segredo, que seja para sempre desconhecido! Desde a morte do rei, a corte nos esqueceu. A miséria não tardou a se fazer sentir; quando chegou ao ápice, meu nobre mestre disse-me: Antônio, goza do único bem que me resta, retoma a tua liberdade... Compartilhara da sua fortuna, a sua desgraça não me aterrorizava. Não, respondi a ele, para mim, o que vale mais do que a liberdade é poder cuidar de vós, é por nada vos deixar... Logo a febre tomou-o... logo o vi tornar-se presa dos horrores da miséria. Então, eu ia implorar socorro em meu nome; com frequência me recusavam... Eu não ousava pronunciar o dele... mas algumas vezes exclamei, em meu desespero: não é por mim, bárbaros, que imploro, é por um velho... ele é ilustre, por isso escondo o seu nome... ele é virtuoso, por isso sirvo a ele... Quando o meu mestre lia nossa extrema miséria no meu olhar, imóvel, dizia-me: Antônio, consola-te, eu sei ludibriar as necessidades da vida, e o fim dos meus males está tão próximo! Imerso, então, em um profundo devaneio, ele falava de Ataíde e de Meneses, via vós entre eles. Ontem, eu nada obtivera dos corações endurecidos aos quais recorrera; eu chorava, olhando vosso amigo, eu maldizia os homens: Não os acuses, ele me dizia, para além dos nossos infortúnios, há tantos outros que sofrem. E o que fazem pela glória do seu país!... Eu colocava perto dele o que poderia sossegá-lo; afastava-me durante um dia: aqueles que tentei enternecer são os culpados. Esta noite, não encontrei mais o meu mestre, procurei-o em vão nos conventos, percorri ruas e jardins; ele quis furtar-se das minhas lágrimas. Meu Deus! Devolva-o a mim!... Mas resta a esperança de encontrá-lo perto de Santa Maria, pois, com frequência, ele lá ia, só, sonhar e esconder a sua miséria.

– Nobre amigo de um mestre desafortunado, disse José Índio, pegando no braço do negro, a Providência, sem dúvida, irá guiar-nos, ela nos deve alguns consolos por tantos males.

Ambos foram a Santa Maria, mas ninguém apareceu, ninguém pôde responder às perguntas deles. Eles, então, resolveram se separar. Antônio esperava encontrar novamente Camões nos jardins do palácio de D. Sebastião; ele indicou ao monge lugares aos quais devia ir com mais esperança, José Índio vagou por muito tempo e em vão.

Enfim, impelido por um secreto pressentimento, entrou no local onde vira Clara pela última vez. Ele adentrou o asilo dos pobres e se pôs a olhar tudo o que o rodeava à fraca luz do poente: não podia avançar, lembranças comprimiam o seu coração... era-lhe impossível cruzar as últimas arcadas para chegar ao maior salão: ele se apoiou contra um pilar e escutou uma voz que se lastimava perto dali. Quem falava era um velho deitado sobre um leito de dor; um elmo, uma espada, alguns livros estavam estendidos, no chão, próximos a ele, e esse velho, ele era Camões...

– Ai de mim! Disse uma voz moribunda, escutando alguém se aproximar, dar-me-ão, sem dúvida, uma mortalha após minha morte: até agora recusaram-se a dá-la.

O monge, espantado com tanta miséria, cobriu-o com o seu manto; mas ele não o reconheceu. De repente, apertou-o sobre seu seio, e suas lágrimas se confundiram.

– Sois vós, José Índio, exclamou Camões... Sois vós por quem tanto tempo esperei? e apertou-o contra o seu coração... Ai de mim! Ele continuou, “como é possível que, sobre esta cama que tem tão pouco espaço, a natureza tenha juntado tantos males?”⁹⁷

– Eles serão aliviados, meu pai.

– Nunca: morro com a glória da minha pátria⁹⁸. Ai de mim! Ele disse novamente, apertando a mão que procurava aquecer as suas, um escravo pediu esmolas por mim e, frequentemente, não pode obtê-las... não pude suportar sua dor. Mas sua nobre piedade me deu forças; eis as honras que me foram prometidas.... eis os bens dos quais me acumulei. Quando algum dia vos disserem: a glória pertenceu a ele como o maior de nossos poetas, vós lhes respondereis: o frio agitou seus membros enfraquecidos pela idade... ele salpicou, com as suas lágrimas, o pão que um desgraçado dividia com ele... então o seu braço não tinha mais forças para sustentar um gládio... e, entretanto, ah minha pátria, meus últimos votos são por ti...

⁹⁷ [Entre aspas, sem referência.]

⁹⁸ Ver Faria e Sousa, *Vida de Camões*, p. 69. [“Assim acabará a minha vida, e todos verão que fui tão apegado à minha pátria que não só me satisfiz em morrer nela, mas também em morrer com ela.” (RV1, § 25)]

– Meu pai, exclamou José Índio, vendo que a sua voz se enfraquecia e que ele empalidecia ainda mais, meu pai, os céus são mais justos do que os homens; agora cabe a Ele vos recompensar.

– Ah! disse o poeta, Nele depositei a minha esperança, e Ele vos trouxe de volta: desejei apenas um bem, e Ele o dá a mim.

– Não choreis... esqueci as injustiças... como o vosso amigo, tenha resignação.

– E por que me abandonaria a perseverança, quando todas as estimas humanas por mim vão cessar...? Por que, em uma só palavra, eu lastimaria?... “Iguais somos, Senhor, na natureza, / Assim entramos na vida, assim saímos, / O entendimento é nossa fortaleza. // Iguamente de um só princípio viemos, / Iguamente a um fim todos corremos / E uma estrada comum igual seguimos. // Na terra a morte, a vida no céu temos⁹⁹.”

Ouvia-se, então apenas os soluços do seu amigo: Camões deixara de viver.

José Índio permaneceu perto dele por muito tempo, dando, em voz baixa, a extrema unção, interrompendo-se algumas vezes para contemplá-lo.

– Ai de mim! Exclamou, quem poderia dizer, quando tu provocavas admiração nos campos da Índia, que tu morrerias aqui; que um amigo, desafortunado como tu, seria o único que te lastimaria? Ah grande homem! Restam apenas lágrimas ao teu amigo, ele não pode nem mesmo te oferecer um túmulo!

No dia seguinte, Francisco de Portugal¹⁰⁰ enviou uma mortalha. Camões foi sepultado na igreja de Santa Ana; algum tempo depois, Gonçalo Coutinho¹⁰¹

⁹⁹ Esses versos foram transcritos da missiva ao rei D. Sebastião. [No original, nota de fim. Tratam-se de tercetos de Antônio Ferreira atribuídos a Camões. Eles foram transcritos da edição de Luis Francisco Xavier Coelho (1780, p. 197), Obras de Luís de Camões.]

¹⁰⁰ [Francisco de Portugal (c. 1550-1582) foi um nobre português, terceiro conde de Vimioso, tendo apoiado D. Antônio I de Portugal na luta pelo trono. Sobre ele, escreve Faria e Sousa (RV1, § 35): “O conde de Vimioso D. Francisco de Portugal disse que nada igualava-se a Camões.”]

¹⁰¹ [Há poucas referências a Gonçalo Coutinho. Segundo Faria e Sousa (RV1, §36-38), “Ilustre cavaleiro português, bem instruído, muito cortês, que havia sido amigo do poeta (...). Seja o que for, ele foi sepultado nela [igreja de Santa Ana] tão sem indicações do seu túmulo (...) que quando D. Gonçalo Coutinho quis dar-lhe uma lápide, foi bem difícil encontrá-lo. (...)

consagrou-lhe uma lápide: o criado, sozinho, veio visitá-la; José Índio perecera em uma viagem às ilhas de Cabo Verde.

consagrando-lhe uma pedra de mármore rasa, com esta inscrição (1595): Aqui jaz Luís de Camões, príncipe dos poetas de seu tempo; viveu pobre e miseravelmente, e assim morreu. Ano de 1579.”].

CAMÕES

Entre todas as homenagens poéticas feitas a Camões, não conheço uma mais digna da memória desse grande homem do que a bela ode composta por Raynouard¹⁰². Transcrevo aqui um trecho cuja leitura sempre me faz experimentar a mais viva emoção.

ODE¹⁰³

Vós, que as praias trilhais do Tejo aurífero,
 Regei meu passo incerto,
 No tributar meu pio rendimento
 Ao luso feliz vate.
 Mostrai-me o augusto sítio, em que repousa
 Quem troou facção ínclita:
 Veja eu as honras, veja os grandes prêmios...
 Que ingrata indiferença!
 Dais à penúria, dais ao sofrimento,
 O português Homero?
 A não por ele os pés sobre o infortúnio,
 Pobreza houvera-lhe hórrida
 Apurado a constância; houvera-o, bárbaros!
 Atro cuidado, e penas.
 No amargo desamparo, que lhe fica?
 Só caridosa se destra,
 (Caridosa e não lusa!) que noturna,
 Esmola o pão mesquinho
 Que tem de apascentar, no sol vindouro,

¹⁰² [François-Juste-Marie Raynouard (1761-1836) foi um tragediógrafo francês, membro da L'Académie des Inscriptions et Belles Lettres e da Académie Française. Tendo publicado a *Ode a Camões* (1819), ele integrou certo círculo de intelectuais que realizavam a mediação e a divulgação da literatura portuguesa na França no início do século XIX.]

¹⁰³ [No original, em francês. Tradução de Francisco Manuel do Nascimento (RAYNOUARD, 1819). A ortografia foi atualizada.]

O escravo leal e o amo.

Se o caro nome não pôde o vate
Ilustrar no seu metro,
No meu te hei por segura, alta lembrança
De grão renome, Antônio,
Sabe, que esse sublime sacrifício
Tem de achar, nos meus hinos,
Eco fiel, oh! Servidor magnânimo,
Nos devolvendo séculos,
Pregoando, que enobrece esse teu zelo
Da mendiguez o opróbrio.

Pudico zelo, que com voz submissa
Pede à piedade pública,
Com noturno recato, o que, alto dia
Cumpria aos reis pagarem.
Oh! Não te encubras. - Olha o belissário,
No márcio capacete
A esmola receber, nobre penúria
Sem pejo assoalhando:
Louros, palmas colhera em cem vitórias,
Ei-lo cego e mendigo.

Oh! Pisa ufano a triunfal Lisboa
De Febo ao claro lume;
Impõe tributo ao povo, impõem-no à corte,
Tão raro engenho o cobre.
Co' poema nobre em mãos, mais atrevido
Que o vate mesmo, os peitos
Dos cidadãos abala: vê quão briosos
Se pejam, se envergonham
Da voz terrível que pediu, na treva,
Para Camões esmola.

Oh não! Que ele rival de Homero, e herdeiro
De seu mendigo fado,

calar sabe sofrido, e sorve inteira
 A taça das desditas.
 Serôdio prêmio, a ilustre ofensa houvera,
 Que perdões escasseia.
 Deixai-lhe o pundonor brioso, e irado
 Consolar-se em si mesmo
 No conceito que a pátria sagrou tudo,
 Tudo sagrou a ingratos.

Escutai, escutai. Camões vos fala¹⁰⁴:
 “Digno emblema a mim próprio
 Não dei, dos meus heróis nos altos feitos,
 Consolador emblema?
 Par'ávidos colher d'Eoo tributos,
 Que a foz do Tejo aceita,
 Bastara a valentia? Não. Faltava
 Constância, que blasona
 Lutas arca por arca, c'o infortúnio,
 E lutando aterrâ-lo.

Ó Gigante do Cabo Tormentório
 Entoam a frente ao vê-los,
 Medra em vulto, devolve sobranceiro
 Monstruoso o corpo lívido;
 coa destra as nuvens preme, d'onde rompam
 Seguidas tempestades,
 Estalem os trovões, raios fuzilem;
 Recalca com a esquerda
 Cavadas ondas, que lhe, à vista, rasguem,
 Do abismo as profundezas.

E diz raivoso: – Oh Nautas temerários,

¹⁰⁴ [No tradução, Francisco Manuel do Nascimento suprime os demais versos da estrofe e o primeiro verso da estrofe seguinte, aglutinando o poema. Segue uma tradução nossa dos versos suprimidos: “Lusitanos ingratos ou ciumentos! / Quando eu ilustrava a minha pátria, / esperei nada de vós. / Sofro, mas tenho a garantia / Que um dia de vossa indiferença / Vossos filhos saberão se indignar. / Eu sofro, mas com coragem; / Minha glória é desafiar o ultraje, / Minha virtude de perdoá-lo. // No sucesso dos meus heróis (...).”]

Virai de velas súbito;
Que eu sou quem pus travejes neste passo,
Pus-lhe os rancos dos perigos. –
Mas Gama, e seus heróis já lá avistaram,
Raiar no cimo a glória,
Que tem de alardeá-los no Universo.
Magnânimos guerreiros
Afrontam raios, e transpondo abismos,
O azul tridente roubam.

Quem não aplaude, neste quadro, o intrépido
Que denodado rompe
O través, que lhe embarga o passo franco
Ao póstero renome?
Se novas sendas tenta a colher foito
Imortais palmas, logo
Traça a ignorância, a inveja castigar-lhe
A profícua ousadia.
Avexam-no? – Ele nobre se abalança
Ao grêmio do futuro.

Não espereis, que ele frouxo se lastime
Nem de homens, nem dos fados.
Nele desdém não punge, nem desprezo
Vosso: lançou ele a âncora
De esperança. Se inveja inexorável,
De que o insultou se ufana,
Ele contempla que a expiar o lançam
Culpas de herói virtuoso;
Fita a glória imortal, que o aguarda, – e olvida
Murmurar contra a inveja.

Que nos vale esse obséquio vão, do povo
Tonto na afeição sua?
Que, a reveses dá cultos, dá desprezos,
À imagem nossa? Ouçamos

O que o instinto magnânimo nos clama,
 Quão longa e nobre estima
 Em era, em clima ignotos, nos espera.
 Condenam-nos? Desdenham-nos?
 Profano é tudo aqui? – Mais nossos nomes
 Serão, por lá, sagrados.”

Pôs fim Camões. Contemplo com respeito
 O herói de adversos fados,
 Que exemplo de sofrer com dignidade
 Em si brioso o ostenta.
 Vós, talentos, que ultraja a sorte injusta,
 Ou de homens a ignorância,
 Mirai-vos nesse frio, e firmes sede
 Na luta nobre: – Vivos,
 Se perseguidos sois; na era vindoura,
 Mortos, vos erguem aras.

Muitas pessoas conhecem a tradução dessa Ode feita por Francisco Manuel. Ofereço aos amantes da literatura portuguesa algumas estrofes que um de meus amigos¹⁰⁵ me confiou, e nas quais encontramos seguidamente as expressões do grande Camões¹⁰⁶.

Teu digno amo, Antônio,
 Nomear-te em seus versos
 Não pude: os meus te dão, talvez, a fama
 De teu zelo sem-par bem merecida.
 Sabe, ó servo extremoso,
 Que será tua virtude

¹⁰⁵ [Supõe-se que se trata de Timóteo Lécussan Verdier, já que essas estrofes parecem corresponder, com pequenas modificações, à sua versão em português da *Ode* publicada em 1825. Ver nota 38.]

¹⁰⁶ [Conforme Verdier indica nas notas à sua tradução, todas as expressões ameaçadoras de Adamastor, presentes em itálico na Ode, foram retiradas do Canto V de *Os Lusíadas*, entre as estrofes 41 e 45.]

De evo em evo lembrada:
 Vindoura idade, de meus cantos eco,
 As seguintes dirá: *De Antônio o zelo*
A mendiguez enobrece.

Mas tão pudico zelo
 De noite, e em voz sumida,
 À pública piedade, ansioso, implora
 Que a dívida dos reis, com pouco, pague.
 Antônio, não te escondas:
 De sua nobre miséria
 Ufano, belissário,
 Sem pejo, ouve em seu elmo, que a vitória
 De gloriosas palmas circundara,
 Tinir pedida esmola.

(...)

“De improviso a seus olhos
 De Adamastor sanhudo
 A disforme e grandessíssima figura
 Aparece, de rosto carregado:
 D’as nuvens com a destra
 Raios, tormentas vibra:
 Rasga coa sestra as ondas
 Que as entranhas escondam do profundo,
 Onde ao marte naval, à audaz cobiça
 Cabe comum jazigo.

Voltaí, brada raivoso,
Fugi, ó temerários;
Os términos per mi siempre vedados
Cessai de quebrantar... Aqui perigos
Junto... o menor é morte...
 Mas de sanhas zombando
 Lusos, transpõe o Cabo,
 E a glória avistam já, que à fama os vota.

Sem mora, abismos, raios desprezando,
Roubam do mar o cetro.

APÊNDICE DE TEXTOS

Os poemas a seguir foram retirados das *Obras Completas* (1963), publicada pela Aguilar Editora, e ordenados progressivamente conforme foram incorporados ou referidos por Ferdinand Denis. Foi indicada, em nota de rodapé, a numeração utilizada pelo autor quando diferente da dessa edição.

SONETO 97¹⁰⁷

Um mover de olhos, brando e piedoso,
 Sem ver de quê; um riso brando e honesto,
 Quase forçado; um doce e humilde gesto,
 De qualquer alegria duvidoso;
 Um despejo quieto e vergonhoso;
 Um repouso gravíssimo e modesto;
 Õa pura bondade, manifesto
 Indício da alma, limpo e gracioso;
 Um encolhido ousar; ãa brandura;
 Um medo sem ter culpa; um ar sereno;
 Um longo e obediente sofrimento:
 Esta foi a celeste fermosura
 Da minha Circe, e o mágico veneno
 Que pôde transformar meu pensamento

ELEGIA 5¹⁰⁸

O Sulmonense Ovídio, desterrado
 Na aspereza do Ponto, imaginando
 Ver-se de seus parentes apartado;
 Sua cara mulher desamparando,
 Seus doces filhos, seu contentamento,

¹⁰⁷ Soneto 35.

¹⁰⁸ Elegia 3.

De sua pátria os olhos apartando;
Não podendo encobrir o sentimento,
Aos montes e às águas se queixava
De seu escuro e triste nascimento.
O curso das estrelas contemplava,
E como por sua ordem discorria
O céu, o ar e a terra adonde estava.
Os peixes pelo mar nadando via,
As feras pelo monte procedendo,
Como seu natural lhes permitia.
De suas fontes via estar nascendo
Os saudosos rios de cristal,
À sua natureza obedecendo.
Assim só, de seu próprio natural
Apartado, se via em terra estranha,
A cuja triste dor não acha igual.
Só sua doce Musa o acompanha
Nos versos saudosos que escrevia
E lágrimas com que ali o campo banha.
Destarte me afigura a fantasia
A vida com que vivo, desterrado
Do bem que em outro tempo possuía.
Ali contemplo o gosto já passado,
Que nunca passará pela memória
De quem o traz na mente debuxado.
Ali vejo a caduca e débil glória
Desenganar meu erro coa mudança
Que fez a frágil vida transitória.
Ali me representa esta lembrança
Quão pouca culpa tenho; e me entristece
Ver sem razão a pena que me alcança.
Que a pena que com causa se padece,
A causa tira o sentimento dela;
Mas muito dói a que se não se merece!

Quando a roxa manhã, fermosa e bela,
Abre as portas ao Sol, e cai o orvalho,
E torna a seus queixumes filomela;
Este cuidado, que co sono atalho,
Em sonhos me parece; que o que a gente
Por seu descanso tem, me dá trabalho.
E depois de acordado, cegamente
(Ou, por melhor dizer, desacordado,
Que pouco acordo logra um descontente)
Dali me vou, com passo carregado,
A um outeiro erguido, ali me assento,
Soltando a rédea toda a meu cuidado.
Despois de farto já de meu tormento,
Dali estendo os olhos saudosos
À parte aonde tinha o pensamento:
Não vejo senão montes pedregosos;
E os campos sem graça e secos vejo
Que já floridos vira e graciosos.
Vejo o puro, suave e brando Tejo,
Com as côncavas barcas que, nadando,
Vão pondo em doce efeito seu desejo,
Ûas co brando vento navegando,
Outras, cos leves remos, brandamente
As cristalinas águas apartando.
Dali falo coa água, que não sente,
Com cujo sentimento a alma sai
Em lágrimas desfeita claramente:
Ó fugitivas ondas, esperai!
Que, pois me não levais em companhia,
Ao menos estas lágrimas levai,
Até que venha aquele alegre dia
Que eu vá onde vos is, contente e ledó.
Mas tanto tempo quem o passaria?
Não pode tanto bem cegar tão cedo,

Porque primeiro a vida acabará,
 Que se acabe tão áspero degredo.
 Mas esta triste morte que virá,
 Se em tão contrário estado me acabasse,
 A alma impaciente aonde irá?
 Que, se às portas tartáreas chegasse,
 Temo que tanto mal pela memória
 Nem ao passar do Lete lhe passasse.
 Que, se a Tântalo e Tício for notória
 A pena com que vai, que a atormenta,
 A pena que lá tem terão por glória.
 Esta imaginação me acrescenta
 Mil mágoas no sentido, porque a vida
 De imaginações tristes se sustenta.
 Que pois de todo vive consumida,
 Porque o mal que possui se resuma,
 Imagina na glória possuída,
 Até que a noite eterna me consuma,
 Ou veja aquele dia desejado
 Em que a Fortuna faça o que costuma:
 Se nela ha i mudar um triste estado.

ELEGIA 4¹⁰⁹

O Poeta Simônides, falando
 Co capitão Temístocles, um dia,
 Em cousas de ciência praticando,
 Õa arte singular lhe prometia,
 Que então compunha, com que lhe ensinasse
 A se lembrar de tudo o que fazia;
 Onde tão subtis regras lhe mostrasse
 Que nunca lhe passassem da memória

¹⁰⁹ Elegia 3.

Em nenhum tempo as cousas que passasse.

Bem merecia, certo, fama e glória,
Quem dava regra contra o esquecimento
Que enterra em si qualquer antiga história.

Mas o capitão claro, cujo intento
Bem diferente estava, porque havia,
As passadas lembranças por tormento,
– Ó ilustre Simônides – dizia –

Pois tanto em teu engenho te confias
Que mostras à memória nova via,
Se me desses ùa arte que em meus dias
Me não lembrasse nada do passado,
Oh! quanto melhor obra me farias! –

Se este excelente dito ponderado
Fosse por quem se visse estar ausente,
Em longas esperanças degradado,
Oh! como bradaria justamente:

– Simônides, inventa novas artes;
Não meças o passado co presente!
Que, se é forçado andar por várias partes
Buscando à vida algum descanso honesto,
Que tu, Fortuna injusta, ma repartes;

E se o duro trabalho é manifesto
Que por grave que seja, há de passar-se
Com animoso espirito e ledto gesto;
De que serve às pessoas alembrar-se
Do que se passou já, pois tudo passa.
Se não de entristecer-se e magoar-se?
Se noutra corpo ùa alma se trespassa.

Não, como quis Pitágoras, na morte,
Mas, como manda Amor, na vida escassa;
E se este Amor no mundo está de sorte,
Que na virtude só dum lindo objecto
Tem um corpo, sem alma, vivo e forte;

Onde este objecto falta, que é defecto
 Tamanho para a vida que já nela
 Me está chamando à pena a dura Alecto;
 Porque me não criara a minha estrela
 Selvático no mundo, e habitante
 Na dura Cítia? Ou na aspereza dela?
 Ou no Cáucaso horrendo? Franco Infante,
 Criado ao peito de algũa tigre hircana,
 Homem fora formado de diamante,
 Porque a cerviz ferina e inumana
 Não submetera ao jugo e dura lei
 Daquele que dá vida quando engana.
 Ou, em pago das águas estilei,
 As que do mar passei foram do Lete,
 Pera que me esquecera o que passei.
 Que o bem que a esperança vã promete,
 Ou a morte o estorva, ou a mudança,
 Que é que ãa alma em lágrimas derrete.
 Já, Senhor, cairá como a lembrança,
 No mal, do bem passado é triste e dura,
 Pois nasce aonde morre a esperança.
 E se quiser saber como se apura
 Nũa alma saudosa, não se enfade
 De ler tão longa e mísera escritura.
 Soltava Eolo a rédea e liberdade
 A o manso Favônio brandamente,
 E eu já a tinha solta à saudade.
 Neptuno tinha posto o seu tridente;
 A proa a branca escuma dividia,
 Coa a gente marítima contente.
 O Coro das Nereidas nos seguia;
 Os Ventos, namorada Galatéia
 Consigo, sossegados, os movia.
 Das argêntas conchinhas. Panopéia

Andava pelo mar fazendo molhos,
Melanto, Dinamene, com Ligéia.
Eu, trazendo lembranças por antolhos,
Trazia os olhos na água sossegada,
E água sem sossego nos meus olhos.
A bem-aventurança já passada
Diante de mim tinha tão presente,
Como se não mudasse o tempo nada.
E com o gesto imoto e descontente,
Cum suspiro profundo e mal ouvido,
Por não mostrar meu mal a toda a gente,
Dizia: – Ó claras Ninfas! se o sentido
Em puro amor tivestes, e inda agora
Da memória o não tendes esquecido;
Se, porventura, fordes algũa hora
Aonde entra o grão Tejo a dar tributo
A Téthys, que vós tendes por Senhora;
Ou por verdes o prado verde enxuto,
Ou por colherdes ouro rutilante,
Das tágicas areias rico fruto;
Nelas em verso heroico e elegante
Escreve cũa concha o que em mi vistes:
Pode ser que algum peito se quebrante.
E contando de mim memórias tristes,
Os pastores do Tejo, que me ouviam,
Ouçam de vós as mágoas que me ouvistes.
Elas, que já no gesto me entendiam,
Nos meneios das ondas me mostravam
Que em quanto lhe pedia consentiam.
Estas lembranças, que me acompanhavam
Pela tranquilidade da bonança,
Nem na tormenta grave me deixavam.
Porque, chegando ao Cabo da Esperança,
Começo da saudade que renova,

Lembrando a longa e áspera mudança;
Debaixo estando já da Estrela nova
Que no novo hemisfério resplandece,
Dando do segundo axe certa prova;
Eis a noute com nuvens escurece;
Do ar, supitamente, foge o dia;
E o largo Oceano se embravece.
A máquina do mundo parecia
Que em tormenta se vinha desfazendo;
Em serras todo o mar se convertia!
Lutando, Bóreas fero e Noto horrendo
Sonoras tempestades levantavam,
Das naus as velas côncavas rompendo.
As cordas, co ruído, assoviavam;
Os marinheiros, já desesperados,
Com gritos para o Céu o ar coalhavam.
Os raios por Vulcano fabricados
Vibrava o fero e áspero Tonante,
Tremendo os Pólos ambos, de assombrados!
Ali Amor, mostrando-se possante,
E que por nenhum medo não fugia,
Mas quanto mais trabalho, mais constante,
Vendo a morte diante, em mim dizia:
– Se algũa hora, Senhora, vos lembrasse,
Nada do que passei me lembraria. –
Enfim, nunca houve cousa que mudasse
O firme amor intrínseco daquele
Em cujo peito ãa vez de siso entrasse.
Õa cousa, Senhor, por certa assee:
Que nunca Amor se afina nem se apura,
Enquanto está presente a causa dele.
Destarte me chegou minha ventura
A esta desejada e longa terra,
De todo pobre honrado sepultura.

Vi quanta vaidade em nós se encerra,
E dos próprios quão pouca; contra quem
Foi logo necessário termos guerra.
Que ãa ilha que o rei de Porcá tem,
Que o rei da Pimenta lhe tomara,
Fomos tomar-lha, e sucedeu-nos bem.
Com ãa armada grossa, que ajuntara
O Viso-Rei, de Goa nos partimos
Com toda a gente de armas que se achara.
E com pouco trabalho destruimos
A gente no curvo arco exercitada;
Com mortes, com incêndios os punimos.
Era a Ilha com águas alagada,
De modo que se andava em almadias;
Enfim, outra Veneza trasladada.
Nela nos detivemos sós dous dias,
Que foram pera alguns os derradeiros,
Que passaram de Estige as águas frias.
Que estes são os remédios verdadeiros
Que pera a vida estão aparelhados
Aos que a querem ter por cavaleiros.
Oh! lavradores bem-aventurados!
Se conhecessem seu contentamento,
Como vivem no campo sossegados!
Dá-lhes a justa terra o mantimento;
Dá-lhes a fonte clara água pura;
Mungem suas ovelhas cento a cento.
Não vem o mar irado, a noite escura,
Por ir buscar a pedra do Oriente;
Não temem o furor da guerra dura.
Vive um com suas árvores contente,
Sem lhe quebrar o sono sossegado
O cuidado do ouro reluzente.
Se lhe falta o vestido perfumado,

E da fermosa cor assíria tinto,
E dos torçais atálicos lavrado;
Se não tem as delícias de Corinto,
E se de Páριο os mármoreos lhe faltam,
O piropo, a esmeralda, e o jacinto;
Se suas casas de ouro não se esmaltam,
Esmalta-se-lhe o campo de mil flores,
Onde os cabritos seus, comendo saltam.
Ali amostra o campo várias cores;
Vem-se os ramos pender co fruto ameno;
Ali se afina o canto dos pastores;
Ali cantara Títiro e Sileno.
Enfim, por estas partes caminhou
A sã justiça para o Céu sereno.
Ditoso seja aquele que alcançou
Poder viver na doce companhia
Das mansas ovelhinhas que criou!
Este, bem facilmente alcançaria
As causas naturais de toda a cousa:
Como se gera a chuva e neve fria;
Os trabalhos do Sol, que não repousa;
E porque nos dá a Lua a luz alheia,
Se tolher-nos de Febo os raios ousa;
E como tão depressa o Céu rodeia;
E como um só os outros traz consigo;
E se é benigna ou dura Citereia.
Bem mal pode entender isto que digo
Quem há de andar seguindo o fero Marte,
Que traz os olhos sempre em seu perigo.
Porém seja, Senhor, de qualquer arte;
Que, posto que a Fortuna possa tanto
Que tão longe de todo o bem me aparte,
Não poderá apartar meu duro canto
Desta obrigação sua, em quanto a morte

Me não entrega ao duro Radamanto;
Se pera tristes há tão leda sorte.

SONETO 27¹¹⁰

Em flor vos arrancou de então crescida
– Ah! Senhor Dom Antônio! – a dura sorte,
 Donde fazendo andava o braço forte
 A fama dos Antigos esquecida.
 Õa só razão tenho conhecida
 Com que tamanha mágoa se conforte:
Que, pois no mundo havia honrada morte,
 Não podíeis ter mais larga vida.
Se meus humildes versos podem tanto
 Que co desejo meu se iguale a arte,
 Especial matéria me sereis;
E, celebrado em triste e longo canto,
Se morrestes nas mãos do fero Marte.
 Na memória das Gentes vivereis!

CANÇÃO 5¹¹¹

Junto de um seco, fero e estéril monte,
 Inútil e despido, calvo, informe,
 Da Natureza em tudo aborrecido;
Onde nem ave voa ou fera dorme,
Nem rio claro corre ou ferve fonte,
 Nem verde ramo faz doce ruído;
 Cujo nome, do vulgo introduzido,
 É Feliz, por antífrase infelice;
 O qual a Natureza

¹¹⁰ Soneto 12.

¹¹¹ Canção 8.

Situou junto à parte
Onde um braço do mar alto reparte
Abássia da arábica aspereza,
Onde fundada já foi Berenice,
Ficando à parte donde
O Sol, que nela ferve, se lhe esconde;
Nele aparece o cabo com que a costa
Africana, que cem do Austro correndo,
Limite faz. Arômata chamado;
Arômata, outro tempo, que, volvendo
Os céus, a ruda língua mal composta
Dos próprios outro nome lhe tem dado;
Aqui, no mar, que quer apressurado
Entrar pela garganta deste braço,
Me trouxe um tempo e teve
Minha fera ventura.
Aqui, nesta remota, áspera e dura
Parte do Mundo, quis que a vida breve
Também de si deixasse um breve espaço,
Por que ficasse a vida
Pelo mundo em pedaços repartida.
Aqui me achei gastando uns tristes dias,
Tristes, forçados, maus e solitários,
Trabalhosos, de dor e de ira cheios;
Não tendo tão-somente por contrários
A vida, o sol ardente e as águas frias,
Os ares grossos, férvidos e feios,
Mas os meus pensamentos, que são meios
Para enganar a própria Natureza,
Também vi contra mim,
Trazendo-me à memória
Algũa já passado e breve glória
Que eu já no Mundo vi, quando vivi,

Por me dobrar dos males a aspereza,
Por me mostrar que havia
No mundo muitas horas de alegria.

Aqui estive eu com estes pensamentos
Gastando tempo e a vida; os quais tão alto
Me subiam nas asas, que caía
(E vede se seria leve o salto!),
De sonhados e vãos contentamentos,
Em desesperação de ver um dia.
Aqui o imaginar se convertia
Num súbito chorar e nuns suspiros
Que rompiam os ares.

Aqui, a alma cativa,
Chagada toda, estava em carne viva,
De dores rodeada e de pesares,
Desamparada e descoberta aos tiros
Da soberba Fortuna,
Soberba, inexorável e importuna.

Não tinha parte donde se deitasse,
Nem esperança algũa onde a cabeça
Um pouco reclinasse, por descanso.
Tudo dor lhe era e causa que padeça,
Mas que pereça não, por que passasse
O que quis o Destino nunca manso.
Oh! que este irado mar, gritando, amanso!
Estes ventos, da voz importunados,
Parece que se enfreiam!
Somente o Céu severo,
As estrelas e o Fado sempre fero,
Com meu perpétuo dano se recreiam,
Mostrando-se potentes e indignados
Contra um corpo terreno,
Bicho da terra vil e tão pequeno.

Se de tantos trabalhos só tirasse
Saber inda por certo que algũa hora
Lembrava a uns claros olhos que já vi;
E se esta triste voz, rompendo fora,
As orelhas angélicas tocasse
Daquela em cuja vista já vivi;
A qual, tornada um pouco sobre si,
Revolvendo na mente pressurosa
Os tempos já passados
De meus doces erros,
De meus suaves males e furores,
Por ela padecidos e buscados,
Tornada (inda que tarde) piedosa,
Um pouco lhe pesasse
E consigo por dura se julgasse;
Isto só que soubesse, me seria
Descanso pera a vida que me fica;
Com isto afagaria o sofrimento.
Ah, Senhora! Senhora! E que tão rica
Estais, que, cá tão longe, de alegria
Me sustentais com doce fingimento!
Em vos afigurando o pensamento,
Foge todo o trabalho e toda a pena.
Só com vossas lembranças,
Me acho seguro e forte
Contra o rosto feroz da fera Morte,
E logo se me ajuntam as esperanças
Com que a fronte, tornada mais serena,
Torna os tormentos graves
Em saudades brandas e suaves.
Aqui com elas fico perguntando
Aos ventos amorosos, que respiram
Da parte donde estais, por vós, Senhora;

Às aves que ali voam, se nos virem,
 Que fazíeis, que estáveis praticando,
 Onde, como, com quem, que dia e que hora?
 Ali a vida cansada se melhora,
 Toma espíritos novos, com que vença
 A fortuna e Trabalho,
 Só por tornar a ver-vos,
 Só por ir a servir-vos e querer-vos.
 Diz-me o Tempo que a tudo dará talho;
 Mas o Desejo ardente, que detença
 Nunca sofreu, sem tento
 Me abre as chagas de novo ao sofrimento.
 Assim vivo; e se alguém te perguntasse,
 Canção, como não mouro,
 Podes-lhes responder que porque mouro.

REDONDILHA 27 – Disparates seus na Índia

Este mundo es el camino
 Adó hay ducientos vaus,
 Ou por onde bons e maus
 Todos somos del merino.
 Mas os maus são de teor
 Que, dêis que mudam a cor,
 Chamam logo a el-Rei compadre;
 E enfim, dejadlos, mi madre,
 Que sempre têm um sabor
 De... “quem torto nasce, tarde se endireita”.

Deixai a um que se abone;
 Diz logo, de muito sengo:
 – *Villas y castillos tengo,*
Todos a mi mandar sone. –
 Então eu, que estou de molho,

Com a lágrima no olho,
 Pelo virar do invés,
 Digo-lhe: – *Tu ex illis es*,
 E por isso não to olho:
 Pois... “honra e proveito não cabem num saco.”

Vereis uns, que no seu seio
 Cuidam que trazem Paris,
 E querem com dous ceitis
 Fender anca pelo meio.
 Vereis mancebinho de arte
 Com espada em talabarte;
 Não há mais italiano!
 A este direis: – Meu mano,
 Vós sois galante que farte:
 Mas... “pan y vino anda el camino, que no mozo garrido.”

Outros em cada teatro
 Por ofício lhe ouvireis
 Que se *matarán con tres*,
 Y lo mismo harán com cuatro.
 Prezam-se de dar respostas
 Com palavras bem compostas;
 Mas, se lhe meteis a mão,
 Na paz mostram coração,
 Na guerra mostram as costas:
 Porque... “aqui torce a porca o rabo”.

Outros vejo por aqui,
 A que se acha mal o fundo,
 Que andam emendando o mundo
 E não se emendam a si.
 Estes respondem a quem
 Deles não entende bem
El dolor que está secreto;
 Mas porém quem for discreto

Responder-lhe-á muito bem:

– “Assim entrou o mundo, assim há de sair.”

Achareis rafeiro velho,
 Que se quer vender por galgo:
 Diz que o dinheiro é fidalgo,
 Que o sangue todo é vermelho.
 Se ele mais alto o dissera,
 Este pelote pusera:
 Que o seu eco lhe responda;
 Que *su padre era de Ronda,*
Y su madre de Antequera,
 E... “quer cobrir o céu com a joeira”.

Faldas largas, grave aspeito
 Pera senador romano.
 Oh! que grandíssimo engano!
 Que Momo me abrisse o peito!
 Consciência, que sobeja;
 Siso, com que o mundo reja;
 Mansidão, outro que si;
 Mas que lobo está em ti,
 Metido em pele de *oveja!*
 E... “sabem-no poucos”...

Guardai-vos de uns meus senhores,
 Que ainda compram e vendem;
 Uns que é certo que descendem
 Da geração de pastores:
 Mostram-se-vos bons amigos,
 Mas, se vos vem em perigos,
 Escarram-vos nas paredes,
 Que de fora *dormiredes,*
 Irmão, que é tempo de figos;
 Porque... “de rabo de porco nunca bom virote”.
 Que dizeis duns, que as entranhas

Lhe estão ardendo em cobiça?
 E, se têm mando, a justiça
 Fazem de teias de aranhas
 Com suas hipocrisias?
 Que são de vossas espias?
 Para os pequenos, uns Neros,
 Para os grandes, tudo feros.
 Pois tu, parvo, não sabias
 Que... “lá vão leis onde querem cruzados”?

Mas tornando a uns enfadonhos
 Cujas cousas são notórias;
 Uns, que contam mil histórias
 Mais desmanchadas que sonhos;
 Uns, mais parvos que zamboas,
 Que estudam palavras boas,
 [A que ignorância os atiça:]
 Estes paguem por justiça,
 Que têm morto mil pessoas,
 Por... “vida de quanto quero”.

Adonde tienen las mentes
 Uns secretos trovadores
 Que fazem cartas de amores,
 De que ficam mui contentes?
 Não querem sair à praça;
 Trazem trova por negaça;
 E se lha gabais que é boa,
 Diz que é de certa pessoa.
 Ora que quereis que faça,
 Senão “ir-me por esse mundo”?

Ó tu, como me atarracas,
 Escudeiro de solia,
 Com bocais de fidalguia,
 Trazidos quase com vacas;

Importuno a importunar,
 Morto por desenterrar
 Parentes que cheiram já!
 Voto a tal, que me fará
 Um destes nunca falar
 mais “com viva alma”.

Uns que falam muito, vi,
 De que quisera fugir;
 Uns que, enfim, sem se sentir,
 Andam falando entre si;
 Porfiosos sem razão;
 E dêz que tomam a mão,
 Falam sem necessidade;
 E se algũa hora é verdade,
 Deve ser na confissão;

Porque... “quem não mente...” Já me entendeis.

Ó vós, quem quer que me ledes,
 Que haveis de ser avisado,
 Que dizeis ao namorado
 Que caça vento com redes?
 Jura por vida da Dama,
 Fala consigo na cama,
 Passa de noite e escarra;
 Por falsete na guitarra
 Põe sempre: *Viva quem ama*,
 Porque... “calça a seu propósito”.

Mas deixemos, se quiserdes,
 Por um pouco as travessuras,
 Por que entre quatro maduras
 Leveis também cinco verdes.
 Deitemo-nos mais ao mar;
 E, se algum se arreçar,
 Passe três ou quatro trovas.

E vós tomais cores novas?
 Mas não é pera espantar;
 Que... “Quem porcos há menos, em cada moita lhe roncam”.

Ó vós, que sois secretários
 Das consciências reais,
 Que entre os homens estais
 Por senhores ordinários:
 Por que não pondes um freio
 Ao roubar, que vai sem meio,
 Debaixo de bom governo?
 Pois um pedaço de inferno
 Por pouco dinheiro alheio
 Se vende... “a mouro e a judeu”.

Porque a mente, afeiçoada
 Sempre à real dignidade,
 Vos faz julgar por bondade
 A malícia descalpada.
 Move a presença real
 Ûa afeição natural,
 Que logo inclina ao juiz
 A seu favor. E não diz
 Um rifão muito geral
 Que... “o abade donde canta, daí janta”?

E vós bailhais a esse som?
 Por isso, gentis pastores,
 Vos chama a vós mercadores
 Um que só foi pastor bom.

REDONDILHA 77¹¹²

Sôbolos rios que vão

¹¹² Paráfrase do salmo *Super Flumina Babylonis*.

Por Babilônia, me achei,
Onde sentado chorei
As lembranças de Sião
E quanto nela passei.

Ali, o rio corrente
de meus olhos foi manado;
E, tudo bem comparado,
Babilônia ao mal presente,
Sião ao tempo passado.

Ali, lembranças contentes
Na alma se representaram;
E minhas cousas ausentes
Se fizeram tão presentes
Como se nunca passaram.

Ali, depois de acordado,
Co rosto banhado em água,
Deste sonho imaginado,
Vi que todo o bem passado
Não é gosto, mas é mágoa.

E vi que todos os danos
Se causavam das mudanças
E as mudanças dos anos;
Onde vi quantos enganos
Faz o tempo às esperanças.

Ali vi o maior bem
Quão pouco espaço que dura,
O mal quão depressa vem,
E quão triste estado tem
Quem se fia da ventura.

Vi aquilo que mais val,
Que então se entende melhor,
Quanto mais perdido for;

Vi ao bem suceder mal
E, ao mal, muito pior.

E vi com muito trabalho
Comprar arrependimento.
Vi nenhum contentamento,
E vejo-me a mim, que espalho
Tristes palavras ao vento.

Bem são rios estas águas,
Com que banho este papel;
Bem parece ser cruel
Variedade de mágoas
E confusão de Babel.

Como homem que, por exemplo
Dos transe em que se achou,
Depois que a guerra deixou,
Pelas paredes do templo
Suas armas pendurou;

Assim, depois que assentei
Que tudo o tempo gastava,
Da tristeza que tomei
Nos salgueiros pendurei
Os órgãos com que cantava.

Aquele instrumento ledó
Deixei da vida passada,
Dizendo: – Música amada,
Deixo-vos neste arvoredó,
À memória consagrada.

Frauta minha que, tangendo,
Os montes fazíeis vir
Pera onde estáveis, correndo,
E as águas, que iam descendo,
Tornavam logo a subir,

Jamais vos não ouvirão
Os tigres, que se amansavam;
E as ovelhas, que pastavam,
Das ervas se fartarão
Que por vos ouvir deixavam.

Já não fareis docemente
Em rosas tornar abrolhos
Na ribeira florescente;
Nem poreis freio à corrente,
E mais se for dos meus olhos.

Não movereis a espessura,
Nem podereis já trazer
Atrás vós a fonte pura,
Pois não pudestes mover
Desconcertos da ventura.

Ficareis oferecida
À Fama, que sempre vela,
Fruta de mim tão querida;
Porque, mudando-se a vida,
Se mudam os gostos dela.

Acha a tenra mocidade
Prazeres acomodados,
E logo a maior idade
Já sente por pouquidade
Aqueles gostos passados.

Um gosto que hoje se alcança,
Amanhã já o não vejo;
Assim nos traz a mudança
De esperança em esperança
E de desejo em desejo.

Mas em vida tão escassa
Que esperança será forte?

Fraqueza da humana sorte,
Que quanto da vida passa
Está receitando a morte!

Mas deixar nesta espessura
O canto da mocidade!
Não cuide a gente futura
Que será obra da idade
O que é força da ventura.

Que idade, tempo, o espanto
De ver quão ligeiro passe,
Nunca em mim puderam tanto
Que, posto que deixe o canto,
A causa dele deixasse.

Mas em tristezas e nojos,
Em gosto e contentamento,
Por sol, por neve, por vento,
Terné presente a los ojos
Por quien muero tan contento.

Órgãos e fruta deixava,
Despojo meu tão querido,
No salgueiro que ali estava,
Que pera troféu ficava
De quem me tinha vencido.

Mas lembranças da afeição
Que ali cativo me tinha,
Me perguntaram então:
Que era da música minha
Que eu cantava em Sião?

Que foi daquele cantar
Das gentes tão celebrado?
Por que o deixava de usar?
Pois sempre ajuda a passar

Qualquer trabalho passado.
Canta o caminhante ledo
No caminho trabalhoso.
Por entre o espesso arvoredos;
E de noite o temeroso,
Cantando, refreia o medo.
Canta o preso docemente,
Os duros grilhões tocando;
Canta o segador contente,
E o trabalhador, cantando,
O trabalho menos sente.
Eu, que estas cousas senti
Na alma, de mágoas tão cheia,
– Como dirá, respondi,
Quem tão alheio está de si
Doce canto em terra alheia?
Como poderá cantar
Quem em choro banha o peito?
Porque, se quem trabalhar
Canta por menos cansar,
Eu só descansos enjeito.
Que não parece razão
Nem seria cousa idônea
Por abrandar a paixão,
Que cantasse em Babilônia
As cantigas de Sião.
Que, quando a muita graveza
De saudade quebrante
Esta vital fortaleza,
Antes moura de tristeza
Que, por abrandá-la, cante.
Que, se o fino pensamento

Só na tristeza consiste,
Não tenho medo ao tormento:
Que morrer de puro triste,
Que maior contentamento?

Nem na fruta cantarei
O que passo e passei já,
Nem menos o escreverei;
Porque a pena cansará
E eu não descansarei.

Que, se vida tão pequena
Se acrescenta em terra estranha,
E se amor assim o ordena,
Razão é que canse a pena
De escrever pena tamanha.

Porém se, para assentar
O que sente o coração,
A pena já me cansar,
Não canse pera voar
A memória em Sião.

*

Terra bem-aventurada,
Se, por algum movimento,
Da alma me fores mudada,
Minha pena seja dada
A perpétuo esquecimento.

A pena deste desterro,
Que eu mais desejo esculpida
Em pedra ou em duro ferro,
Essa nunca seja ouvida,
Em castigo de meu erro.

E se eu cantar quiser,
Em Babilônia sujeito,

Hierusalém, sem te ver,
A voz, quando a mover,
Se me congele no peito.

A minha língua se apegue
Às fauces, pois te perdi,
Se, enquanto viver assim,
Houver tempo em que te negue
Ou que me esqueça de ti!

Mas, ó tu, terra de Glória,
Se eu nunca vi tua essência,
Como me lembras na ausência?
Não me lembras na memória,
Senão na reminiscência.

Que a alma é tábua rasa,
Que com a escrita doutrina
Celeste tanto imagina,
Que voa da própria casa
E sobe à pátria divina.

Não é logo a saudade
Das terras onde nasceu
A carne, mas é do Céu,
Daquela santa cidade,
Donde esta alma descendeu.

E aquela humana figura,
Que cá me pôde alterar,
Não é quem se há de buscar:
É raio da Femosura
Que só se deve de amar.

Que os olhos e a luz que ateia
O fogo que cá sujeita,
Não do sol, mas da candeia,
É sombra daquela ideia

Que em Deus está mais perfeita.

E os que cá me cativaram
São poderosos afeitos
Que os corações têm sujeitos;
Sofistas que me ensinaram
Maus caminhos por direitos.

Destes o mando tirano
Me obriga, com desatino,
A cantar, ao som do dano,
Cantares de amor profano
Por versos de amor divino.

Mas eu, lustrado co santo
Raio, na terra de dor,
De confusões e de espanto,
Como hei de cantar o canto
Que só se deve ao Senhor?

Tanto pode o benefício
Da Graça, que dá saúde,
Que ordena que a vida mude:
E o que tomei por vício
Me faz grau para a virtude.

E faz que este natural
Amor, que tanto se preza,
Suba da sombra ao real,
Da particular beleza
Para a Beleza geral.

Fique logo pendurada
A fruta com que tangi,
Ó Hierusalém sagrada,
E tome a lira dourada
para só cantar de ti;
Não cativo e ferrolhado

Na Babilônia infernal,
Mas dos vícios desatado
E cá desta a ti levado,
Pátria minha natural.

E se eu mais der a cerviz
A mundanos acidentes,
Duros, tiranos e urgentes,
Risque-se quanto já fiz
Do grão livro dos viventes.

E, tomando já na mão
A lira santa e capaz
Doutra mais alta invenção,
Cale-se esta confusão,
Cante-se a visão da paz!

*

Ouçá-me o pastor e o Rei,
Retumbe este acento santo,
Mova-se no mundo espanto;
Que do que já mal cantei
A palinódia já canto.

A vós só me quero ir,
Senhor e grão Capitão
Da alta torre de Sião,
À qual não posso subir,
Se me vós não dais a mão.

No grão dia singular
Que na lira o douto som
Hierusalém celebrar,
Lembraí-vos de castigar
Os ruins filhos de Edom.

Aqueles que tintos vão
No pobre sangue inocente,

Soberbos co poder vão;
Arrasai-os igualmente,
Conheçam que humanos são.

E aquele poder tão duro
Dos afeitos com que venho,
Que incendem alma e engenho;
Que já me entraram o muro
Do livre arbítrio que tenho;

Estes, que tão furiosos
Gritando vêm a escalar-me,
Maus espíritos danosos,
Que querem como forçosos
Do alicerce derrubar-me;

Derrubai-os, fiquem sós,
De forças fracos, imbeles;
Porque não podemos nós
Nem com eles ir a Vós,
Nem sem Vós tirar-nos deles.

Não basta minha fraqueza
Para me dar defesa,
Se vós, santo Capitão,
Nesta minha fortaleza
Não puserdes guarnição.

E tu, ó carne que encantas,
Filha de Babel tão feia,
Toda de misérias cheia,
Que mil vezes te levantas
Contra quem te senhoreia,

Beato só pode ser
Quem coa ajuda celeste
Contra ti prevalecer,
E te vier a fazer

O mal que lhe tu fizeste;
Quem com disciplina crua
Se fere mais que ãa vez,
Cuja alma, de vícios nua,
Faz nódoas na carne sua,
Que já a carne na alma fez.

E beato quem tomar
Seus pensamentos recentes
E em nascendo os afogar,
Por não virem a parar
Em vícios graves e urgentes;

Quem com eles logo der
Na pedra do furar santo
E, batendo, os desfizer
Na Pedra, que veio a ser
Enfim cabeça do Canto;

Quem logo, quando imagina
Nos vícios da carne má,
Os pensamentos declina
Àquela Carne divina
Que na Cruz esteve já;

Quem do vil contentamento
Cá deste mundo visível,
Quanto ao homem for possível,
Passar logo o entendimento
Pera o mundo inteligível:

Ali achará alegria
Em tudo perfeita e cheia,
De tão suave harmonia,
Que, nem por pouca, recreia,
Nem, por sobeja, enfastia.

Ali verá tão-profundo

Mistério na suma alteza
 Que, vencida a natureza,
 Os mores faustos do mundo
 Julgue por maior baixeza.

Ó tu, divino aposento,
 Minha pátria singular,
 Se só com te imaginar
 Tanto sobe o entendimento,
 Que fará, se em ti se achar?

Ditoso quem se partir
 Pera ti, terra excelente,
 Tão justo e tão penitente
 Que, depois de a ti subir,
 Lá descanse eternamente!

SONETO 2¹¹³

Alma minha gentil, que te partiste
 Tão cedo desta vida, descontente,
 Repousa lá no Céu eternamente
 E viva eu cá na terra sempre triste.

Se lá no assento etéreo, onde subiste,
 Memória desta vida se consente,
 Não te esqueças daquele amor ardente
 Que já nos olhos meus tão puro viste.

E se vires que pode merecer-te
 Algũa cousa a dor que me ficou
 Da mágoa, sem remédio, de perder-te,
 Roga a Deus, que teus anos encurtou,
 Que tão cedo de cá me leve a ver-te,
 Quão cedo de meus olhos te levou.

¹¹³ Soneto 24.

SONETO 57¹¹⁴

Oh como se me alonga de ano em ano
 A peregrinação cansada minha!
 Como se encurta, e como ao fim caminha
 Este meu breve e vão discurso humano!
 Vai-se gastando a idade e cresce o dano;
 Perde-se-me um remédio que inda tinha;
 Se por experiência se advinha,
 Qualquer grande esperança é grande engano.
 Corro após este bem que não se alcança;
 No meio do caminho me falece;
 Mil vezes caio e perco a confiança.
 Quando ele foge, eu tardo; e, na tardança,
 Se os olhos ergo, a ver se inda aparece,
 Da vista se me perde e da esperança

CANÇÃO 4¹¹⁵

Já a roxa manhã clara
 Do Oriente as portas vinha abrindo,
 Dos montes descobrindo
 A negra escuridão da luz avara.
 O Sol, que nunca para,
 De sua alegre vista saudoso,
 Trás ela, pressuroso,
 Nos cavalos cansados do trabalho,
 Que respiram nas ervas fresco orvalho,
 Se estende, claro, alegre e luminoso.
 Os pássaros, voando,

¹¹⁴ Soneto 48.

¹¹⁵ Canção 5.

De raminho em raminho vão saltando,
E com suave e doce melodia
O claro dia estão manifestando.

A manhã bela e amena,
Seu rosto descobrindo, a espessura
Se cobre de verdura,
Clara, suave, angélica, serena.

Oh! deleitosa pena!
Oh! efeito de Amor alto e potente!
Que permite e consente
Que onde quer que me ache e onde esteja,
O seráfico gesto sempre veja
Por quem de viver triste sou contente!

Mas tu, Aurora pura,
De tanto bem dá graças à ventura,
Pois as foi pôr em ti tão excelentes,
Que representes tanta fermosura.

A luz suave e leda
A meus olhos me mostra por quem mouro,
E os cabelos de ouro,
Não iguala os que vi, mas arreda.
Esta é a luz que arreda
A negra escuridão do sentimento
Ao doce pensamento;
O orvalho das flores delicadas
São nos meus olhos lágrimas cansadas,
Que eu choro co prazer de meu tormento;
Os pássaros que cantam
Meus espíritos são, que a voz levantam,
Manifestando o gesto peregrino
Com tão divino som que o mundo espantam.

Assim como acontece
A quem a cara vida está perdendo,

Que, enquanto vai morrendo,
Algũa visão santa lhe aparece,
A mim, em quem falece
A vida, que sois vós, minha Senhora,
A esta alma que em vós mora
(Enquanto da prisão se está apartando),
Vos estais juntamente apresentando
Em forma da ferosa e roxa Aurora.
Oh! ditosa partida!
Oh! glória soberana, alta e subida,
Se mo não impedir o meu desejo,
Porque o que vejo, enfim, me torna a vida!

Porém a Natureza,
Que nesta vista pura se mantinha,
Me falta tão asinha
Quão asinha o sol falta à redondeza.
Se houverdes que é fraqueza
Morrer em tão penoso e triste estado,
Amor será culpado,
Ou vós, onde ele vive tão isento,
Que causastes tão largo apartamento
Porque perdesse a vida co cuidado.
Que, se viver não posso
(Homem formado só de carne e osso,
Esta vida que perco, Amor ma deu;
Que não sou meu), se mouro, o dano é vosso.

Canção de cisne, feita em hora extrema,
Na dura pedra fria
Da memória te deixo, em companhia
Do letreiro de minha sepultura,
Que a sombra escura já me impede o dia.

REFERÊNCIAS

ALVES, Hélio J. S.. Faria e Sousa. In: AGUIAR E SILVA, Vítor (org). **Dicionário de Luís de Camões**. São Paulo: Leya, 2011, p. 371-378.

AZEVEDO FILHO, Leodegário de. Sobre o Cânone Lírico de Camões. **Revista Colóquio/Letras**, Lisboa, n. 99, set. 1987, p. 10-19.

BARBOSA, Rafael Souza. Relações Interculturais entre as Literaturas Lusófonas e Francófonas: a Presença de Camões na Obra de Ferdinand Denis e seus Desafios Tradutórios. **Mafuá**, Florianópolis, ano 9, n. 15, março 2011.

BAREL, Ana Beatriz Demarchi. **Um Romantismo a Oeste: Modelo Francês, Identidade Nacional**. São Paulo: Annablume, 2002.

BASSNETT, Susan. **Translation Studies**. New York: Routledge, 2002.

BATISTA, Eduardo Luis Araújo de Oliveira. **Poética da Representação Cultural: Relações entre Viagem e Tradução na Literatura Brasileira**. Tese (História e Teoria Literárias) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010. Disponível em: <<http://cutter.unicamp.br/document/?code=000774540>>. Acesso em 9 de fevereiro de 2011.

BOURDON, Léon. Lettres Familières et Fragment du Journal Intime « Mes Sottises Quotidiennes » de Ferdinand Denis à Bahia (1816-1819). **Brasília**, Coimbra, n. X, p. 143-286, 1958.

CAMINHA, Pero Vaz de. Lettre de Pero Vas de Caminha sur la Découverte du Brésil. XVI siècle. Traduzido para o francês por Ferdinand Denis. In: VERNEUR, J.-T. (ed.). **Journal des Voyages, Découvertes et Navigations Modernes, ou Archives Géographiques et Statistiques du XIX siècle**, Paris, t. VII, fev. 1821, p. 157-190.

CAMÕES, Luís de. **Obras Completas**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar Editora, 1963.

CASAL, Aires de. Notice sur les Capitaineries de Para et de Solimoens. Traduzido para o francês por Ferdinand Denis. In: EYRIÈS, J.-B.; MALTEBRUN (ed.). **Nouvelles Annales de la Géographie et de l'Histoire**, Paris, t. IX, 1821a, p. 209-285.

CASAL, Aires de. Notice sur les Capitaineries de Para et de Solimoens. [Traduzido para o francês por Ferdinand Denis]. In: EYRIÈS, J.-B.; MALTEBRUN (ed.). **Nouvelles Annales de la Géographie et de l'Histoire**, Paris, t. XI, 1821b, p. 209-285.

COELHO, Luis Francisco Xavier (org.). **Obras de Luis de Camões, Príncipe dos Poetas de Espanha**. T. 4. Lisboa: Officina Luisiana, 1780. Disponível em: <<http://books.google.com.br/books?id=DCEBAAAAMAAJ&printsec=frontcover&hl=fr>>. Acesso em 31 de maio de 2013.

CORDIER, Henri. **Ferdinand Denis, 1798-1925**. [S. l. : s. n.] : 1890. Disponível em : <<http://ia600404.us.archive.org/30/items/ferdinanddenis1700cord/ferdinanddenis1700cord.pdf>>. Acesso em 05 de novembro de 2012.

DAMIEN, Christiane. **Na Senda das Noites: Os Quatro Talismãs de Charles Nodier e Les Mille et Une Nuits**. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2010.

DARNTON, Robert. O Beijo de Lamourette. In: **O Beijo de Lamourette: Mídia, Cultura, Revolução**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 22-39.

DENIS, Ferdinand. **Os Maxacalis**. Edição crítica com introdução, notas e apêndice de Jean-Paul Bruyas. Tradução de Maria Cecília de Moraes Pinto. São Paulo: Conselho Estadual de Artes e Ciências Humanas, 1979.

DENIS, Ferdinand. Palmares. Tradução de Maria Helena Rouanet. **Cadernos do Centro de Pesquisas Literárias da PUCRS**, Porto Alegre, v. 3, n. 2, p. 14-44, junho de 1997.

DENIS, Ferdinand. **Scènes de la Nature sous les Tropiques, et de leur Influence sur la Poésie, suivies de Camoens et Jozé Indio**. Paris: Louis Janet, 1824. Disponível em: <<http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k5714986t>>. Acesso em 30 de março de 2012.

DORIA, Luís Gastão de Escragnoles. Um Amigo do Brasil (Ferdinand Denis). **Revista Trimestral do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**, Rio de Janeiro, n. 75, 1912, p. 219-230.

FARIA E SOUSA, Manuel de. **Europa Portuguesa**. T.III. Lisboa: Antonio Craesbeeck de Mello, 1680. Disponível em:

<http://books.google.com.br/books/about/Europa_Portuguesa.html?id=Y19JAAAAcAAJ&redir_esc=y>. Acesso em 31 de maio de 2013.

FARIA E SOUSA, Manuel de (org.). **Os Lusíadas**. Madrid: Iuan Sanchez, 1639. 2v. Disponível em: <<http://purl.pt/23676>>. Acesso em 31 de maio de 2013.

FARIA E SOUSA, Manuel de (org.). **Rimas Várias de Luís de Camões**. T. I-II. Lisboa: Theotónio Damaso de Mello, 1685. Disponível em: <<http://purl.pt/14198>>. Acesso em 31 de maio de 2013.

FARIA E SOUSA, Manuel de (org.). **Rimas Várias de Luís de Camões**. T. III-V. Lisboa: António Craesbeeck de Mello, 1688. Disponível em: <<http://purl.pt/14199>>. Acesso em 31 de maio de 2013.

GALLUT-FRIZEAU, Anne. Morgado de Mateus e a Edição d'Os *Lusíadas*. In: AGUIAR E SILVA, Vítor (org). **Dicionário de Luís de Camões**. São Paulo: Leya, 2011, p. 613-628.

GARRETT. **Frei Luís de Souza – Viagens na minha terra**. Edição dirigida e apresentada por António Soares Amora. Revisão de texto por Helena de Figueiredo e Amora. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1965.

JACKSON, Kenneth David. Edição *Princeps* d'Os *Lusíadas*. In: AGUIAR E SILVA, Vítor (org). **Dicionário de Luís de Camões**. São Paulo: Leya, 2011, p. 327-334.

LE GENTIL, Georges. Ferdinand Denis, Iniciador dos Estudos Portugueses e Brasileiros. **Biblos**, Coimbra, n. 4, 1928, p. 293-323.

MONTEIRO, Ofélia M. Caldas Paiva. **A Formação de Almeida Garrett : Experiência e Criação**. Coimbra : Inst. de Alta Cultura, 1971. 2 v.

MOREIRA, Francisco Alberto Torres. **Em torno de Filinto Elísio – Ensaios**. Vila Real: Centro de Estudos em Letras – Universidade de Trás-Os-Montes e Alto Douro, 2011.

NORBERTO, Joaquim. Ordem do Dia. **Revista Trimestral do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**, Rio de Janeiro, n. 53, 1890, p. 474-479.

PAGEAUX, Daniel-Henri. **Imagens de Portugal na Cultura Francesa**. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1984.

PIRES, Maria Lucília Gonçalves. **A Crítica Camoniana no Século XVII**. Amadora: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1982.

RABBE, Alphonse. **Résumé de L'Histoire de Portugal, Depuis les Premiers Temps de la Monarchie Jusqu'en 1823**. Avec une introduction par R. T. Chatelain. Paris: Lecointe et Durey, 1824. Disponível em: <<http://books.google.com.br/books?id=MK15195-1KMC>>. Acesso em 31 de maio de 2013.

RAYNOUARD, François. Camoens. Ode. Traduzido para o português por Francisco Manuel do Nascimento. **Anais das Ciências, das Artes e das Letras**, Paris, t. V, 1819, segunda parte, p. 1-15.

ROUANET, Maria Helena. **Eternamente em Berço Esplêndido : a Fundação de uma Literatura Nacional**. São Paulo : Siciliano, 1991.

SAID, Edward. **Orientalismo : o Oriente como Invenção do Ocidente**. Traduzido do inglês por Rosaura Eichenberg. São Paulo : Companhia das letras, 2007.

SAINTE-BEUVE, Charles-Augustin. Ferdinand Denis, de *Primeiras Segundas-Feiras*. In: **Teorias Poéticas do Romantismo**. Tradução, seleção e notas de Luiza Lobo. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987, p. 153-157.

SAINTE-BEUVE, Charles-Augustin. Notice Historique et Littéraire sur J.-H. Bernardin de Saint-Pierre. In: **Paul et Virginie et la Chaumière Indienne**. Paris : L. Curmer, 1838, p. VII-LII. Disponível em : <<http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k54558635>>. Acesso em 14 de novembro de 2012.

SANÉ, Alexandre-Marie. **Nouvelle Grammaire Portugaise, suivie De Plusieurs Essais de Traduction Française Interlinéaire et de Différens Morceaux de Prose et de Poésie, Extraits des Meilleurs Classiques Portugais**. Paris: Cérioux Jeune; Nicolle; Cussac, s/d.

SANÉ, Alexandre-Marie. **Poésie Lyrique Portugaise, ou Choix des Odes de Francisco Manuel**. Traduites en Français, avec le Texte en Regard. Précédées d'une Notice sur l'Auteur et d'une Introduction sur la Littérature Portugaise. Avec de Notes historiques, géographiques et littéraires. Paris: Cérioux Jeune, 1808.

SOUSA, Sérgio Paulo Guimarães de. **Sobre a Recepção de Os Lusíadas em França até ao século XVIII.** Disponível em: <[http://www.lettras.ufmg.br/cesp/textos/\(1998\)05-Sobre.pdf](http://www.lettras.ufmg.br/cesp/textos/(1998)05-Sobre.pdf)>. Acesso em 25 de janeiro de 2012.

SOUZA-BOTELHO, José Maria de (org.). **Os Lusíadas, Poema Épico de Luís de Camões** [de acordo com a edição de 1817, In-4º]. Paris Firmin Didot, 1819.

VICTOR, Jayme. Ferdinand Denis. **O Occidente**, Lisboa, v. XIII, n. 420, p. 187-190, ago. 1890. (mimeo)

ZILBERMAN, Regina. “Minha Teoria das Edições Humanas” – Memórias Póstumas de Brás Cubas e a Poética de Machado de Assis. In: **As pedras e o arco: fontes primárias, teoria e história da literatura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004, p. 17-117.